



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS - TO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

RITA DE CÁSSEA CORONHEIRA SILVA

**JUVENTUDES E ENSINO MÉDIO: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE
MIRACEMA DO TOCANTINS**

**PALMAS – TO
2019**

RITA DE CÁSSIA CORONHEIRA SILVA

JUVENTUDES E ENSINO MÉDIO: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE MIRACEMA
DO TOCANTINS

Relatório do trabalho final apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPPGE), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração: Ensino e Aprendizagem

Produto Final: E-book

Orientadora: Dra. Marluce Zacariotti

PALMAS - TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586j Silva, Rita de Cássea Coronheira.
Juventudes e Ensino Médio: a percepção de estudantes de Miracema do Tocantins. / Rita de Cássea Coronheira Silva. – Palmas, TO, 2019.
130 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Educação, 2019.
- Orientador: Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti Zacariotti
1. O ensino no Brasil e suas diretrizs educacionais. 2. Tecnologias e educação. 3. Juventudes e o espaço escolar. 4. A pesquisa. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

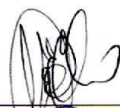
RITA DE CÁSEA CORONHEIRA SILVA

JUVENTUDES E ENSINO MÉDIO: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE
MIRACEMA DO TOCANTINS

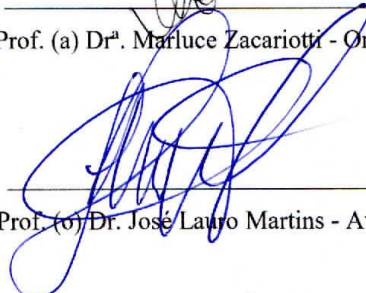
Relatório final apresentado à
Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Palmas,
especificamente, ao Programa de Pós-
Graduação Mestrado Profissional em
Educação, avaliado para a obtenção do
título de Mestre em Educação e aprovado
em sua forma final pela Orientadora e
Banca Examinadora.

Data da Aprovação 21/11/2019


Banca examinadora:



Prof. (a) Dr. Marluce Zacariotti - Orientadora - PPPGE/UFT.



Prof. (a) Dr. José Laurio Martins - Avaliador - PPGECs/UFT.



Prof. (a) Dr. Katia Cristina Custódio Ferreira Brito - Avaliadora - PPPGE/UFT.

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial, é necessário declarar todo meu amor e gratidão ao Mestre da vida: Deus, obrigado por me permitir está aqui.

Sou muito grata por ter sido orientada pela professora Dr^a. Marluce Zacariotti. Especialmente, por conduzir-me neste processo de crescimento intelectual e profissional e também por expressar que somos capazes de superar todas as dores. “As pessoas passam por grandes dificuldades e sempre encontram forças em algo, em alguma coisa”, obrigada pelas suas palavras de ânimo e conforto que foram decisivas nos momentos mais obscuros.

Quero agradecer ao Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Educação, Dr. Damião Rocha, por resistir, inovar e vencer os desafios postos ao programa de pós-graduação. Minha eterna admiração pela pessoa que és.

Agradeço à Secretária Municipal de Educação do Município de Miracema do Tocantins (na pessoa da Prof^a Fernanda Fialho e Prof^o Me. Robson Vila Nova) que, indiretamente, tem incentivado os docentes a buscarem a qualificação *stricto sensu*, assegurada à liberação desses, por meio do Plano de Cargo Carreira e Remuneração – PCCR. Lei n. 11.174/2011. Os meus sinceros agradecimentos.

Sou grata às experiências vivenciadas e às amizades seladas no mestrado, em especial, ao grupo de Miracema, na pessoa das Professoras, Francileide Ramos, Seila Ferreira e Madalena Mello; Professores Me. Vanda Elizete, Me. Valdenir Castro, Me. M^a das Graças, Me. Geraldo Costa, Me. Alexandre Rodrigues, Me. Anderson Neves e Me. José Luiz.

Meus agradecimentos a todos os meus familiares e amigos, de modo especial, a minha irmã Prof.^a Carmem Lucia e Prof. Iata Anderson. Aos Professores Me. Silvano Mota, Me. Meire Lucia Andrade, Me. Tatiane Costa, Me. Clerislene Rocha; Professores Dr. Domingos Miranda, Dr^a. Viviane Drumond e Dr. Antônio Miranda, que sempre me acolheram nos momentos de insegurança, incentivando-me a buscar novos caminhos.

Quero agradecer, de modo especial, a minha família, meu esposo, James Ideon, minhas filhas, Marcela Coronheira, Maria Eduarda, Maria Rita e Isis Valentina, que presenciaram minhas lutas e conquistas, por compreenderem minhas ausências.

Por fim, agradeço principalmente aos meus pais, Joana Coronheira Silva e João Batista Sousa da Silva. Mãe, obrigada pelas orações, minha guerreira, meu exemplo de força e coragem. Pai, obrigada por todos os seus ensinamentos. Minha eterna gratidão.

Obrigado, meu Deus, sem a sua força e permissão, eu não teria conseguido.

RESUMO

A presente pesquisa trata de um trabalho realizado no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPPGE/UFT), na Linha de Pesquisa: Currículos Específicos de Etapas e Modalidades de Educação. Problematiza-se, aqui, o pensamento das juventudes sobre a proposta de ensino que estão recebendo, sobre ser estudante do Ensino Médio no contexto da contemporaneidade e, em especial, a proposta de ensino na perspectiva do protagonismo juvenil. Nosso objetivo central foi identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema - TO. Apresentamos, no percurso desta pesquisa, um breve histórico da educação no Brasil e suas diretrizes educacionais voltadas ao Ensino Médio público integral, bem como, descrevemos e detalhamos o projeto de protagonismo juvenil, elencando, ainda, a importância das tecnologias digitais no contexto educacional. Visamos, principalmente, discutir a educação a partir das falas dos estudantes. Em geral, os estudos sobre as juventudes e educação investigam inúmeras problemáticas, mas raramente apresentam a sua voz. Na presente pesquisa, do tipo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, utilizamos, como técnicas de coleta de dados, de questionários, com questões abertas e fechadas, grupo focal e entrevista semiestruturada. Pelo estudo, é possível afirmar que o modelo de ensino ofertado de Tempo Integral na escola em questão é considerado de qualidade, embora a demanda ainda seja menor do que a oferta. O que se transluz é que os estudantes estão focados nos estudos, veem essa etapa como porta de entrada para a universidade e afirmam que a Escola Jovem em Ação os prepara para a vida. O resultado da pesquisa gerou um e-book, como produto final. Este traz as experiências e as vivências desta investigação, bem como, reflexões sobre as falas dessas juventudes em relação à escola, aos modos de ensinar e de aprender, ao uso de tecnologias digitais e ao projeto protagonismo juvenil. Tal produto poderá ser acessado por escolas, professores, estudantes, gestores, sendo assim, uma contribuição para se pensar a educação e o Ensino Médio na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Educação pública. Ensino Médio. Tempo Integral. Juventudes. Desafios.

ABSTRACT

This research deals with a work carried out in the Professional Graduate Program in Education (PPPGE / UFT), in the Research Line: Specific Curricula of Steps and Modalities of Education. It problematizes the thinking of the youths about the teaching proposal they are receiving, about being a high school student in the context of contemporaneity and in the perspective of youth protagonism, a project embraced by the school object of our study. The objective is to raise students' perceptions about full-time high school offered at a public school in Miracema (TO). The aim of this research was to highlight a brief history of teaching in Brazil and its educational guidelines, aimed at the integral public high school, the project of youth protagonism, and the importance of digital technologies in the educational context, reflecting, after all, that youths are these and how they think about their relationship with school, with learning. This proposal seeks to discuss education from the students' speeches. In general, studies on youth and education investigate numerous problems, but rarely have their voice. The exploratory and descriptive research, with qualitative and quantitative approach, uses as data collection techniques: questionnaires with open and closed questions; focus group; and semi-structured interview. From the study it is possible to state that the teaching model offered full time in the school in question is considered of quality, although the demand is still lower than the supply. What translates, is that students are focused on studies, see this step as a gateway to the university, claim that the Young School in Action, prepares them for life. Although the use and handling of new technologies are invoked as 'Achilles' heel ', in this respect, advances are slow, contradicting the rapidity with technological evolution, trampling us. The search result generated an e-book as the end product. This brings the experience of research and reflections on the speech of these youths regarding the school, the ways of teaching and learning, the use of technologies and the project youth protagonism. This product can be accessed by schools, teachers, students, managers, thus contributing to thinking about education and high school in contemporary times

Keywords: Public education. Integral high school. Youths Challenges.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Sexo?.....	63
Gráfico 02	Qual sua idade?.....	63
Gráfico 03	Que série do Ensino Médio está cursando?.....	64
Gráfico 04	Qual a sua cor, de acordo as categorias apontadas pelo IBGE?.....	64
Gráfico 05	Qual o seu estado civil?.....	65
Gráfico 06	Atualmente, você mora?.....	65
Gráfico 07	Qual a situação do imóvel que sua família mora?.....	66
Gráfico 08	Qual a renda média da família?.....	67
Gráfico 09	Qual a média de tempo para chegar à escola?.....	67
Gráfico 10	Tem acesso à internet?.....	68
Gráfico 11	De onde costumam acessar a internet?.....	68
Gráfico 12	Que tipo de aparelho mais utiliza para acessar a internet?.....	69
Gráfico 13	Porque escolheu estudar nesta escola?.....	70
Gráfico 14	O que mais gosta na escola?.....	71
Gráfico 15	O que menos gosta na escola?.....	71
Gráfico 16	Você está satisfeito com sua escola?.....	72
Gráfico 17	O que espera da escola?.....	72
Gráfico 18	Qual a importância dos estudos para o futuro?.....	74
Gráfico 19	O que costuma fazer quando não está estudando?.....	74
Gráfico 20	Como acha que os professores veem os estudantes?.....	75
Gráfico 21	Em sua opinião, como seria a aula ideal?.....	76
Gráfico 22	O tempo das aulas, em sua opinião, é?.....	76
Gráfico 23	Em sua opinião, o ensino de Tempo Integral é:.....	77

Gráfico 24	Em sua opinião, o que diferencia o ensino de tempo integral do ensino regular?.....	77
Gráfico 25	O que você mudaria no modo como a escola se propõe ensinar?.....	78
Gráfico 26	Em sua opinião, o ensino de tempo integral é:.....	79
Gráfico 27	Em relação ao modo como os professores ensinam o conteúdo, você está?.	79
Gráfico 28	Porque você vai à escola?.....	80
Gráfico 29	Em sua opinião, as disciplinas das aulas são úteis?.....	80
Gráfico 30	Quais disciplinas você mais gosta?.....	82
Gráfico 31	Quais disciplinas você menos gosta?.....	82
Gráfico 32	Que disciplina você tiraria do currículo do Ensino Médio? E por quê?.....	83
Gráfico 33	Além dos conteúdos curriculares, o que mais gostaria de ter na escola?.....	84
Gráfico 34	O que você espera de seus professores?.....	86
Gráfico 35	Cite dois pontos positivos, em relação às aulas ministradas pelos professores (se considerar que tenha).....	87
Gráfico 36	Cite dois pontos negativos, em relação às aulas ministradas pelos professores (se considerar que tenha).....	87
Gráfico 37	Você gosta da forma como são ministrados os conteúdos em sala de aula?.	88
Gráfico 38	Como gostaria que os conteúdos fossem ministrados?.....	88
Gráfico 39	Os professores demonstram saber ou ter conhecimento em relação às tecnologias, redes sociais?.....	89
Gráfico 40	Os professores utilizam alguma tecnologia em sala de aula?.....	90
Gráfico 41	Como você classifica a estrutura de sua escola?.....	91
Gráfico 42	A escola que você estuda oferece laboratório de informática?.....	91
Gráfico 43	Em relação à tecnologia de sua escola.....	92
Gráfico 44	Em sua opinião, o que falta na estrutura de sua escola?.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Unidades - Escola Jovem em Ação no Tocantins.....	30
Quadro 02	A estrutura física do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem em Ação.....	57
Quadro 03	Recursos Humanos do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem em Ação.....	57
Quadro 04	A sua escola é de tempo Integral (Jovem em ação que tem o diferencial, do Protagonismo juvenil), por que esse protagonismo não aparece como algo evidente na fala de vocês? Sentem-se protagonistas na escola?.....	94
Quadro 05	O que vocês estão chamando de aulas diferenciadas? É outra complementação que não sejam disciplinas já trabalhadas? O que seria essa complementação?	95
Quadro 06	Vocês falam que o professor usa tecnologias. Poderiam dizer quais e como eles as utilizam?	96
Quadro 07	Qual a sua concepção de escola de tempo integral? Vocês diriam que a escola de vocês corresponde ao que pensam sobre ensino em tempo integral?	97
Quadro 08	Você, sendo protagonista, participa da elaboração das normas da escola? Em algumas questões sobre a organização e funcionamento da escola, alguns estudantes disseram que mudariam as regras. Por que essas regras incomodam tanto? O que estão chamando de regras?.....	101

LISTA DE SIGLAS

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PPPGE	Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação
MEC	Ministério da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação e Cultura
UFT	Universidade Federal do Tocantins
PCCR	Plano de Cargo Carreira e Remuneração
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPDS	Extensão Pobreza e Desigualdade Social
FUNDEB	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PEE	Plano Estadual de Educação
CF	Constituição Federal
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
MEC	Ministério da Educação e Cultura
EMTI	Ensino Médio de Tempo Integral
DRE	Diretoria Regional de Ensino
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
CEM	Centro de Ensino Médio
PA	Plano de Ação

PPP	Projeto Político Pedagógico
LEM	Língua Estrangeira Moderna
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PBLE	Programa Banda Larga na Escola
WI-FI	Wireless Fidelity”, em português fidelidade sem fio
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
ECA	Escola de Comunicações e Artes.
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

SUMÁRIO

1 SEÇÃO I.....	13
1.1 Apresentação.....	13
1.2 Memorial de formação	13
1.2.1 Histórico da Pós-graduação: disciplinas cursadas	14
1.2.2 Eventos acadêmicos.....	16
2 SEÇÃO II	17
2.1 Introdução	17
2.2 O Ensino no Brasil e suas Diretrizes Educacionais	21
2.2.1 Ensino Médio.....	23
2.2.1.1 Ensino Médio e as formas de acesso ao Ensino Superior	27
2.2.1.2 O ensino médio público de tempo integral.....	28
2.2.1.3 Projeto – protagonismo juvenil.....	33
3 TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO.....	36
3.1 A educação e a escola na contemporaneidade	41
4 JUVENTUDES E O ESPAÇO ESCOLAR	48
4.1 De que juventudes falamos?	49
5 A PESQUISA	55
5.1 Caminhos metodológicos.....	55
5.1.1 O objeto da pesquisa.....	55
5.1.2 Sujeitos da pesquisa.....	58
5.1.3 Metodologia.....	59
5.2 Descrição e análise dos dados	62
5.2.1 Parte I – Questionários	62
5.2.2 Sujeito, internet e o espaço escolar.....	62
5.2.3 Percepção de ensino e a formação docente	73
5.2.4 A estrutura física da escola de tempo integral.....	91
5.2.5 Parte II – Grupo Focal	93
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	110
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
9 APÊNDICES	124
10 SECÃO III.....	135
10.1 Produto final – E-book. Apresentado em arquivo independente.....	135

1 SEÇÃO I

1.1 Apresentação

O presente relatório de qualificação está estruturado conforme o roteiro para elaboração do relatório para qualificação disponibilizado pela coordenação do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação (PPPGE/UFT). Neste sentido, apresentamos, primeiramente, um memorial de formação, constando as disciplinas cursadas durante a jornada acadêmica no Mestrado Profissional, o que desenvolvemos em cada componente curricular e os eventos em que participamos. Em seguida, como trabalho dissertativo, apresentamos a pesquisa realizada, aliada aos seus resultados e discussões, e, por fim, destacamos a proposta empreendida do produto final: um E-BOOK.

1.2 Memorial de formação

Nesta parte do relatório, busco, de forma crítica e reflexiva, detalhar a minha trajetória acadêmica no Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPPGE), da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Campus de Palmas.

O PPPGE tem como objetivo formar Mestres em Educação, por meio da pesquisa aplicada para o exercício da docência na Educação Básica, trabalhando a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, que compreende participação na organização e gestão de sistemas escolares e não escolares e instituições de ensino.

O Programa tem como área de concentração o Ensino e Aprendizagem, reservando-se a pesquisa a partir de duas linhas: Currículos Específicos de Etapas e Modalidades de Educação e Métodos e Técnicas de Ensinar e Aprender na Educação Básica.

As experiências vividas trouxeram-me até aqui. O saber abre janelas, fecha portas, quebra telhados, abre brechas e, por meio dele, alcança-se diversos objetivos. Refletir sobre os meus passos, minhas vitórias e derrotas ajudou-me a entender o que determina a constituição do meu ser. Nessas reflexões, não se pode esquecer das raízes, caráter e criação. Filha de lavrador (que mais tarde tornou-se guarda do Banco do Brasil), pescador e vendedor de farinha, aqui, apresento-lhes seu João, meu pai. Minha mãe, ah, minha mãe, mulher de raízes religiosas, doméstica, que, mais tarde, tornou-se professora, enfermeira e costureira, dona dos mais belos jalecos. Tenho a honra de vos apresentar Dona Joana, minha mãe. Particularmente,

das profissões exercidas por ela, o magistério sempre me chamou atenção, daí acredito que nasceu o desejo de ser professora.

Sou a terceira filha de seis irmãos. Já fiz parte das estatísticas da pobreza, fui criada de mãos dadas com essa. Não uma pobreza espiritual, mas material. Na primeira etapa, a escola era o meu refúgio, o lugar que eu mais gostava. Não pelo fato de aprender, pois, ainda não tinha essa compreensão, gostava mesmo da biblioteca e da merenda.

Posso dizer que, devido às durezas da vida e à necessidade de uma formação, meu interesse pela educação logo se desabrochou. Compreendi que deveria estudar. Licencie-me em Normal Superior, sendo a primeira da família a ter um diploma em Nível Superior.

Na minha trajetória profissional, atuei como doméstica, professora de reforço e monitora no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PET. Minha convicção é: “aquele que não luta pelo futuro que quer, deve aceitar o futuro que vier e pronto [...]” (Pensador.com Agnaldo Mesquita).

Convicta que posso lutar e buscar o futuro que almejo, atuei junto ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado do Tocantins (SINTET – Regional de Miracema – TO), no Conselho Municipal de Educação – CME, em Miracema – TO, e no Fórum Municipal de Educação – FME. Meu intuito sempre foi contribuir com as políticas públicas e valorização dos profissionais da educação neste município.

Aos 20 anos, iniciei a docência como professora de reforço. Aos 40, pretendo concluir o Mestrado Profissional em Educação, em busca de realização profissional e pessoal. Um dos meus maiores desejos era entrar para o Mestrado, hoje, meu sonho é vencer essa etapa. Nesta caminhada, encontrei anjos, como a professora Doutora Marluce Zacariotti que contribuiu muito para o meu crescimento e amadurecimento. Olhar pelo retrovisor da vida e observar tantas batalhas vencidas mostra-me que devo continuar [...] continuar estudando em busca de voos mais ousados, quem sabe [...].

Confesso que estou ansiosa para retornar as minhas atividades e poder provocar, indagar, construir e reconstruir pensamentos e proposições na/para educação.

1.2.1 Histórico da Pós-graduação: disciplinas cursadas

De acordo com as regras do Programa, o aluno integralizará o mestrado ao cursar, no mínimo, 24 créditos, devendo ser três disciplinas obrigatórias do currículo do curso e outros créditos poderão ser cumpridos dentre os componentes curriculares ofertados, por livre escolha do aluno, inclusive em outros programas de Pós-Graduação das áreas afins, sendo internos ou

externos à UFT (desde que durante o curso e autorizado pelo orientador), além dos créditos da defesa pública dos resultados da pesquisa aplicada, conforme os diversos formatos e produtos de trabalho final.

As disciplinas cursadas foram: *Currículo do Ensino Fundamental de Nove Anos*, tendo como professores os doutores José Wilson Rodrigues de Melo e Juciley Silva Evangelista Freire. A disciplina apresentou como ementa: o estudo dos conteúdos e métodos das propostas curriculares para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental; experiências curriculares. A interdisciplinaridade como superação da fragmentação curricular; seleção dos conteúdos, metodologia do trabalho, organização do espaço e tempo; planejamento curricular; Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

O produto obtido com os estudos desenvolvidos na disciplina *Currículo do Ensino Fundamental de Nove Anos* foi o livro intitulado “Currículo do Ensino Fundamental – análises e reflexões sobre o fundamental do currículo”, em que, juntamente com a Seila de Sousa dos Santos Ferreira e Vanda Elizete Vieira da Costa, publicamos o capítulo designado “A Inclusão da diversidade no currículo do Ensino Fundamental,” publicado pela editora CRV, em 2017, disponível a partir da página 124 do livro.

Outra disciplina cursada foi *Práticas de Pesquisa Aplicada Interdisciplinar*, ministrada pela professora Doutora Denise de Barros Capuzzo e o professor Doutor Eduardo José Cezari. Nesta disciplina, dentre algumas temáticas, a ementa de estudo foi direcionada às práticas interdisciplinares e interparadigmáticas da pesquisa, trabalhando seus conceitos e tipos de práticas interdisciplinares; a estrutura básica de projetos de pesquisa em ciências humanas: título, introdução ou justificativa, contextualização, problematização do objeto e fundamentação teórico/técnica, definição de objeto e objetivos, metodologia, desenho da pesquisa, caracterizando as diferentes opções de formatos de trabalhos: dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e produtos, processos e técnicas.

Cursei também a disciplina *Juvenilização da educação de Jovens e Adultos*, ministrada pela professora doutora Marluce Zacariotti. A disciplina pautou-se em reflexões sobre a relação juventude, tecnologias digitais e educação, enfatizando o ser jovem e aluno, sua sociabilidade nos tempos e espaços da presentividade, a condição juvenil no Brasil, as culturas juvenis, os jovens no Ensino Médio e na EJA, modos de ser jovem, o jovem como sujeito social e as juventudes no mundo contemporâneo.

A disciplina *Práticas Educativas e Relação com o Saber* foi ministrada pelas

professoras doutoras Vânia Maria de Araújo Passos e Maria José de Pinho, em que se estudou o desenvolvimento profissional docente: perspectiva ética e epistemológica; profissão docente, profissionalização, profissionalidade; saberes profissionais: autonomia e trabalho docente; formação inicial, continuada, histórias, experiências e cultura profissional; prática educativa, formação de professores e sua relação com os saberes docentes e o aprender ecossistêmico.

A última disciplina cursada foi *Educação, Diversidade e Interculturalidade*, ministrada pelo professor doutor Idemar Vizolli. Foram discussões em torno dos processos educativos: marcos legais da educação escolar indígena, quilombola, relações étnico-raciais e educação do campo; a construção social do racismo; multiculturalismo; interculturalidade; políticas de ações afirmativas; gênero e sexualidade. A disciplina esteve centrada em reflexões acerca de temas relativos à diversidade social, cultural e étnico-racial no contexto dos processos educativos.

Nesta jornada, é importante destacar os estudos acerca do conceito de currículo, na disciplina *Currículo do Ensino Fundamental de nove anos*. Foi de grande valia compreender a importância do planejamento e da metodologia científica, na construção de projetos de pesquisa na disciplina *Prática de Pesquisa Aplicada Interdisciplinar*. Foi de suma relevância a compreensão da relação sujeito-objeto na constituição da profissão docente na disciplina de *Práticas Educativas e Relação com o Saber*. Compreender os marcos legais e reflexões relativos à diversidade social, cultural e étnico-racial no contexto dos processos educativos foram temáticas relevantes na disciplina *Educação, Diversidade e Interculturalidade*. E o conceito de juventudes, na disciplina *Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos*, e as leituras sobre a relação juventude e escola, sua sociabilidade nos tempos e espaços, os jovens no Ensino Médio, o jovem como sujeito social, a pós-modernidade e os conceitos de cibercultura apresentados nesta disciplina contribuíram diretamente para a pesquisa que ora se desenvolve.

1.2.2 Eventos acadêmicos

VI Seminário de Pesquisa em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, de 11 a 14 de maio de 2019, com a comunicação oral do trabalho “Escola Inclusiva na formação do Cidadão”. Ente outros eventos da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Palmas e de Miracema.

2 SEÇÃO II

2.1 Introdução

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE¹) (2017), houve um crescimento significativo de jovens (5,9%) que não estudam, nem trabalham ou se qualificam. Segundo a pesquisa, no Brasil, em 2017, das 48,5 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade, 23,0% (11,2 milhões) não estavam ocupadas, nem estudando ou se qualificando. Em 2016, o percentual dos que não estudavam nem trabalhavam era de 21,8% (10,5 milhões). Percebemos que, em apenas um ano, houve um aumento de 5,9% nesse contingente, o que equivale a mais 619 mil pessoas nessa condição.

Nosso foco, neste estudo, são os sujeitos que cursam o ensino médio e não se detém a fixação de faixa etária, porém necessitamos apontar que a idade de 15 a 17 ainda se apresenta como sendo idade escolar obrigatória. Conforme pesquisa do IBGE (2017), 78,3% desses sujeitos se dedicam exclusivamente ao estudo. Houve um pequeno aumento de 1,5% em relação a 2016. Isso é importante porque, como vamos refletir sobre o Ensino Médio, cabe saber em que proporção nossos jovens estão tendo condições de apenas estudar, mesmo diante da situação apontada acima, em que aumentou o número de pessoas que não estão nem estudando e nem trabalhando.

Segundo os dados do Instituto Unibanco (2016), entre os anos de 2004 a 2014, houve um aumento significativo de jovens que concluíram o Ensino Médio, passando de 5% para 19%, considerado ainda um percentual baixo. De acordo com o IBGE (2017), 1,3 milhões de jovens, entre 15 e 17 anos, deixaram a escola, sendo que destes 52% não concluíram sequer o Ensino Fundamental.

Os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2017² revelam o baixo nível de aprendizagem dos estudantes da última série do Ensino Médio. Em língua portuguesa, o percentual é apenas 1,6% classificados como adequados, esse percentual equivale a 20 mil estudantes que realizaram a avaliação. Em Matemática, o percentual não é muito diferente 4,52%. De um total de 1,5 milhão de estudantes do Ensino Médio, apenas cerca de 60 mil, superaram o nível sete da Escala de Proficiência. Esse percentual equivale apenas a 20 mil alunos da série final do Ensino Médio.

¹Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano>. Acesso em 04 de outubro 2018.

²Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/saeb-2017-revela-que-apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206. Acesso em 02 de outubro 2018.

Esses dados trazem alguns elementos para pensarmos sobre as questões da educação no Brasil. Como pretendemos ouvir os estudantes, é fundamental entender um pouco os seus contextos. É necessário, a nosso ver, buscar uma escuta sensível com os atores essenciais desse processo. Ou seja, é primordial ouvir os sujeitos dessas estatísticas, levando em consideração suas reais opiniões. Fala-se, aqui, dos estudantes do Ensino Médio que compõem esse universo juvenil.

Antes, cabe explicar que usamos propositalmente, ao longo desta investigação, o termo juventudes (no plural), conforme Barbosa (2012), Zacariotti (2017) e Dayrell (2007), para nos referirmos a esses estudantes, um conceito que respeita a heterogeneidade da situação de juventude, uma vez que há uma pluralidade de modos de ser jovem na contemporaneidade.

[...] as juventudes estão “invisíveis”, pelo menos para as estruturas tradicionais da sociedade, que se articulam a partir dos princípios da razão moderna (Estado, Igreja, Família, Escola). (ZACARIOTTI, 2017, p. 17).

Segundo Zacariotti (2017), isso acontece porque os documentos institucionais da educação, inclusive os currículos, são pensados sem levar em conta as diferentes culturas juvenis. Assim, podemos afirmar que todos os documentos apresentam certa homogeneização, ao passo que muitas instituições normatizadoras ignoram a condição juvenil dos tempos pós-modernos.

Na perspectiva de investigar as percepções das juventudes presentes no ensino médio, foi realizada uma pesquisa no Centro de Ensino Médio (CEM) Dona Filomena Moreira de Paula, em Miracema do Tocantins, que atende Ensino Médio de Tempo Integral, no programa de escola de fomento – Jovem em Ação.

Portanto, como problematização, emergiu, no seio da investigação, a seguinte questão norteadora: a) qual o pensamento das juventudes sobre a proposta de ensino que estão recebendo? Como é ser um estudante do Ensino Médio no contexto da contemporaneidade, sobretudo, na perspectiva do protagonismo juvenil?

Para tanto, objetivamos, nesta pesquisa, identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema. E a partir dessa percepção, discutir a questão do Ensino Médio dentro dessa relação modernidade-pós-modernidade. Ou seja, buscamos, neste íterim, refletir sobre a educação dessas juventudes na contemporaneidade, sobre a contraposição dos olhares dos diferentes atores desse processo.

Assim, delineamos os objetivos específicos: levantar o perfil dos estudantes do Ensino Médio Integral do Centro de Ensino Médio (CEM) Dona Filomena Moreira de Paula, em Miracema do Tocantins em Miracema; identificar o que os estudantes entendem por educação escolar; pesquisar como os estudantes veem os métodos de ensino em sala de aula e como avaliam a formação do professor; além de refletir sobre suas relações com as tecnologias digitais e como enxergam o uso destas na educação.

Partimos da hipótese que, ainda que a escola ocupe grande relevância na vida dos estudantes, é possível que eles não gostem da forma como a escola está organizada, uma vez que os modelos de educação postos não conseguem abarcar as necessidades das juventudes, especialmente, na sua condição de juventudes conectadas, imersas na cibercultura³.

Assim, para viabilizar tal discussão, realizamos uma pesquisa exploratória e descritiva, sob o método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa, tendo como *lócus* de pesquisa o Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula - Escola de Tempo Integral Jovem em Ação, ao passo que os sujeitos participantes da pesquisa são propriamente os estudantes das segundas e terceiras séries da referida escola, em Miracema (TO).

Importa salientar que, além do termo juventudes que utilizamos ao longo do trabalho, também fizemos uso da palavra (jovem ou jovens), eventualmente, porque citamos, em algum momento, alguns autores que apresentam esse termo, mas reforçamos que a nossa opção é pelo termo juventudes no plural. Todavia, jovens não na idade, mas em um modo de ser e de estar. Em termos plurais, diversos em múltiplas condições. Usaremos também, no decorrer do trabalho, o termo estudantes e, em alguns momentos, utilizaremos o termo aluno.

Este trabalho está subdividido da seguinte forma:

O primeiro capítulo reserva-se a uma discussão em torno de um breve regaste histórico quanto às mudanças ocorridas na legislação brasileira, a partir da década de 90, com destaque à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira LDB 9.394/96, as emendas constitucionais, especialmente, o texto legal da emenda constitucional 59/2009, que propõe mudanças para o Ensino Médio e, ainda, uma discussão sobre a lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, apontando as principais mudanças nesse nível de ensino, como também, a situação do Ensino Médio e as políticas públicas voltadas para o Ensino Médio no Tocantins.

No segundo capítulo, pontuamos algumas reflexões a respeito do acesso e do uso das tecnologias digitais nas escolas, ressaltando a importância de vencer os desafios inerentes a

³[...] a cultura contemporânea, marcada basicamente pelas redes telemáticas, pela sociabilidade on-line, pela navegação planetária e pela informação. A cultura contemporânea enfrenta, mais do que nunca, o desafio comunicacional (LEMOS; CUNHA, 2003).

este contexto educacional. Apresentamos, neste ponto, os novos espaços e os traços constituídos pela cibercultura na escola, assim, discutimos sobre como a escola está se preparando para lidar com os chamados nativos digitais⁴, (re) pensando as tecnologias digitais frente à formação docente nos dias atuais e, sobretudo, como esses novos paradigmas se refletem na educação.

O terceiro capítulo apresenta, de modo mais completo, os conceitos de juventudes e suas características, contextualizando a necessidade de se entender a postura das juventudes, seus estilos de vida e os seus modos de ser, não por classificação etária. Trata-se de reflexões sobre a perspectiva das múltiplas formas de ser jovem, esclarecendo, de fato, acerca dos “jovens que estamos falando”. Buscamos discutir sobre quem são essas pessoas que constituem esse novo espaço de aprendizagem, ressaltando as suas relações e as características do espaço escolar. E, ainda, visamos entender como a escola considera essas juventudes em suas práxis, bem como, compreender a abordagem sobre a condição juvenil.

Posteriormente, delineamos detalhadamente o percurso metodológico da presente pesquisa. Especificamos todos os caminhos percorridos no desenvolver da pesquisa. Apresentamos nosso *locus* da pesquisa: o Centro de Ensino Médio de Tempo Integral – Escola Jovem em Ação, em Miracema do Tocantins, e descrevemos o perfil dos estudantes e da diretora da unidade escolar. Na sequência, relatamos a descrição e análise dos dados, subdivididos em: parte I, análise dos questionários; e parte II, grupo focal.

E, por fim, explanamos todas as considerações finais, quanto ao desenvolvimento da pesquisa, bem como, mencionamos, na última parte do trabalho, as referências bibliográficas utilizadas nesta investigação.

O resultado deste relatório, aqui apresentado, é um E-Book, a seção três deste trabalho seria apresentação do E-book que estará em arquivo independente. Seu objetivo não recai apenas em apresentar os resultados do estudo, mas também tem como finalidade servir de material de consulta aos educadores, escolas, gestores e estudantes, que se interessarem em ampliar o seu olhar a respeito da Educação Básica, especificamente, no Ensino Médio. O livro online, por ser de fácil disponibilidade, poderá ser acessado facilmente e ajudará aos interessados a compreender as novas questões sobre as juventudes, o Ensino Médio, o espaço escolar e suas aproximações e os distanciamentos em tempos de cibercultura.

⁴[...] o termo nativo digital foi sugerido para designar os nascidos a partir de 1990 e que apresentam características como familiaridade com o computador, com os recursos da internet e a capacidade de receber em informações rapidamente, processar em vários assuntos simultaneamente e desempenhar em múltiplas tarefas (PRENSKY, 2001). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9433/6260>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

Esperamos que esta pesquisa contribua com outras investigações científicas, de modo que aguace nos pesquisadores uma visão contemporânea das juventudes e que promova a formulação de novas ideias, olhares e concepções, no que tange às políticas públicas educacionais. E que esses novos paradigmas e pensamentos se façam visíveis e acessíveis, contrastando com o conjunto de leis e normas impostas.

2.2 O Ensino no Brasil e suas Diretrizes Educacionais

A história da Educação no Brasil sempre foi marcada por grandes movimentos e conquistas, dos quais podemos citar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932; a Constituição de 1934, a segunda Constituição Federal, que estabeleceu, na alínea a, do artigo 150, como competência da União, fixar o Plano Nacional da Educação; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961. Após vencer 21 anos ditatoriais, o Brasil avança rumo à democracia com promulgação da Constituição Federal de 1988, estipulando direitos à educação, entre outros. A proposta de Plano Nacional de Educação é reforçada na redação do artigo 9º, da Lei de diretrizes e bases da educação nacional 9.394/96, A União incumbir-se-á de

- I – elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;
- II – organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios;
- III – prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva;
- IV – estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum;
- IV-A – estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, diretrizes e procedimentos para identificação, cadastramento e atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação;
- V – coletar, analisar e disseminar informações sobre a educação;
- VI – assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino;
- VII – baixar normas gerais sobre cursos de graduação e pós-graduação;
- VIII – assegurar processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, com a cooperação dos sistemas que tiverem responsabilidade sobre este nível de ensino;
- IX – autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino. (BRASIL, 1996, p. 11/12).

Atualmente, contamos com um Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005/14⁵, que estabelece vinte metas e estratégias a serem cumpridas ao longo de um período de 10 anos. Em relação ao Ensino Médio, para que as metas sejam cumpridas, “[...] há a necessidade de maiores investimentos, [...] conferindo a toda Educação Básica, e não apenas ao Ensino Fundamental, o caráter obrigatório e gratuito” (BRASIL, 2014).

Mas, para isso, é preciso agir num esforço conjunto com a União, visto que a responsabilidade é de todos os entes federados, segundo o regime de colaboração estabelecido pela Constituição Federal. Nesta perspectiva, faz-se necessário um amplo debate acerca da proposição do PNE na sociedade brasileira, que contribuirá na formulação e implementação das políticas públicas educacionais, que é o propósito central do Plano.

Neste contexto, a Constituição Federal (1988) assegura, no artigo 205, o direito à educação, sendo obrigação do Estado e da Família garanti-los.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Este artigo, em seu sentido mais amplo, visa à formação integral do sujeito, de modo que destaca o seu pleno desenvolvimento para “o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988. Art. 205).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, apresenta características flexíveis e democráticas à Educação Básica e visualiza a Educação em um nível mais abrangente. Assim sendo, regulamenta o Sistema Educacional (público ou privado) do Brasil desde a Educação Básica ao Ensino Superior. Nesta perspectiva, a lei organiza e redistribui o orçamento para a efetividade do cumprimento dos serviços educacionais. Neste contexto, passa a existir o Fundo Nacional de Educação Básica (FUNDEB), que abrange toda a educação da Educação Infantil, Fundamental e Ensino Médio.

Art. 60. Até o 14º (décimo quarto) ano a partir da promulgação desta Emenda Constitucional, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios destinarão parte dos recursos a que se refere o caput do art. 212 da Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento da educação básica e à remuneração condigna dos trabalhadores da educação, respeitadas as seguintes disposições:

I - a distribuição dos recursos e de responsabilidades entre o Distrito Federal, os Estados e seus Municípios é assegurada mediante a criação, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, de um Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da

⁵ O documento Plano Nacional de educação encontra-se disponível na íntegra no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm.

Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de natureza contábil;

II - os Fundos referidos no inciso I do caput deste artigo serão constituídos por 20% (vinte por cento) dos recursos a que se referem os incisos I, II e III do art. 155; o inciso II do caput do art. 157; os incisos II, III e IV do caput do art. 158; e as alíneas a e b do inciso I e o inciso II do caput do art. 159, todos da Constituição Federal, e distribuídos entre cada Estado e seus Municípios, proporcionalmente ao número de alunos das diversas etapas e modalidades da educação básica presencial, matriculados nas respectivas redes, nos respectivos âmbitos de atuação prioritária estabelecida nos §§ 2º e 3º do art. 211 da Constituição Federal. (BRASIL, 2006).

É importante destacar que o Fundeb foi criado pela Emenda Constitucional nº 53, de 19/12/2006, sendo estabelecido um prazo de 14 anos, a partir de sua promulgação, para sua vigência. Assim, esse ciclo se concluirá no final de 2020, podemos dizer que ainda não se tem uma proposição concreta para dá continuidade o plano em vigência, tornando-se mais preocupante perante o cenário político atual do Brasil que não inspira perspectivas quanto ao financiamento futuro da educação. E as metas do Plano Nacional de Educação precisam ser cumpridas até ano de 2025.

Tomando por base as fragilidades das políticas educacionais, é imperativo que a situação de insegurança persevere por mais tempo, devido aos dispositivos, como a Emenda Constitucional Nº 95, de 15 de dezembro de 2016 que impossibilita, em parte, o cumprimento das metas do PNE, no que tange ao Ensino médio.

2.2.1 Ensino médio

A escola, que antes atendia apenas a uma pequena parcela da população, abarca, hoje, um grande desafio: atender os estudantes, em sua maioria, oriundos das camadas mais carentes da população brasileira. Nesse cenário, de acordo Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 255), a escola dá sinais de insustentabilidade, diante da heterogeneidade contemporânea trazida pelas juventudes nos dias atuais. Ainda, conforme a visão dos autores, o desafio está lançado à escola e aos seus profissionais.

Na perspectiva de vencer os desafios e contrapor possíveis fragilidades, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC) para orientar os currículos das escolas, priorizando e garantindo os direitos de aprendizagem a todos os estudantes. Assim, “[...], espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação” (BRASIL, 2018, p. 8), porém, segundo alguns estudiosos, a BNCC acentua as desigualdades sociais, provocando um esvaziamento do currículo.

As mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio vêm em atendimento à universalização e à obrigatoriedade deste, afirmada pela LDB/1996, reforçada pela Emenda Constitucional Nº 59, de 2009, em que, conseqüentemente, esse nível de ensino é denominado a etapa final da Educação Básica. Dentre as principais mudanças, destacam-se a ampliação da carga horária de 800h para 1.000 horas; inclusão de novos componentes curriculares, de caráter obrigatório, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); incorporação do art. 35, que vincula a Base Nacional Comum Curricular aos direitos de aprendizagem do Ensino Médio, como também, apresenta, no § 7º, que os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seus projetos de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais, entre outros.

A BNCC (2018) reconhece a necessidade de se construir políticas públicas que possam atender as mudanças neste novo contexto social, político e econômico, sendo caracterizado como cenário complexo, dinâmico e fluído (BRASIL, 2018 p. 462).

Conforme a BNCC (2018),

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo de todo cidadão brasileiro. Todavia, a realidade educacional do País tem mostrado que essa etapa representa um gargalo na garantia do direito à educação. Entre os fatores que explicam esse cenário, destacam-se o desempenho insuficiente dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental, a organização curricular do Ensino Médio vigente, com excesso de componentes curriculares, e uma abordagem pedagógica distante das culturas juvenis e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p. 461).

Para tanto, a reforma do Ensino Médio e a BNCC (2018) possibilitam um esvaziamento de conteúdos tradicionais e a implementação de novos componentes curriculares, que contemplam, com dinamismo, as necessidades dos jovens contemporâneos e o mercado de trabalho, bem como, maior autonomia das juventudes, na definição dos objetivos e metas para o seu futuro. A exemplo, a livre escolha dos componentes curriculares, a introdução do componente curricular de base e o protagonismo juvenil.

A Reforma do Ensino Médio, Lei nº 13.415 /2017⁶, sancionada pelo Presidente Michel Temer, traz consideráveis alterações nos artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/1996), como, os artigos 24; 26 - § 2º - § 3º - § 5º - § 7º - § 10º. Dentre outras mudanças, está a inclusão de um novo artigo, o art. 35, composto por oito parágrafos. O art. 36 foi totalmente modificado, em que foram acrescentados mais sete parágrafos etc.

⁶Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

Todas essas mudanças também atingem a Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) (Lei 11.494/2007). Da mesma forma, institui a Política de Fomento à Implementação de Escola de Ensino Médio de Tempo Integral.

Segundo os sites oficiais do governo, a Base Nacional Comum Curricular foi debatida pela sociedade, sua primeira versão recebeu 12 milhões de propostas de emendas, formuladas por 310 mil pessoas. A partir dessas contribuições, uma segunda versão do texto foi redigida e submetida a debates públicos, dos quais participaram nove mil professores, gestores e técnicos de secretarias (BRASIL, 2018), na contramão dessas informações, questionamos a profundidade e alcance de tais debates.

O objetivo principal deste documento oficial é trazer equidade ao sistema de ensino brasileiro em sua estruturação, ao passo que parte do geral para o específico. A primeira seção do documento estabelece dez Competências Gerais, em que todos os alunos, em todos os lugares do país, devem ter desenvolvido ao final da Educação Básica. A partir daí, aprofunda-se na divisão por etapas de ensino e pelos anos dessas etapas (BRASIL, 2018).

De acordo com a BNCC (2018), nesse contexto da diversidade na formação do sujeito, devemos reinterpretar as finalidades no Ensino Médio. A LDB, no art. 35-A, § 7º, define essas finalidades:

- I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
 - II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
 - III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
 - IV – a compreensão dos fundamentos científicos-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.
- Para cumprir essas finalidades, a escola que acolhe as juventudes tem de garantir o prosseguimento dos estudos a todos àqueles que assim o desejarem, promovendo a educação integral dos estudantes no que concerne aos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. (BNCC, 2018, p. 40).

O cumprimento dessas finalidades pela escola passa pelo conhecimento do público a ser atendido, uma vez que o perfil dos jovens, ao longo dos anos, vem se modificando, bem como, sua percepção de mundo. E a escola tem mudado? Que visão a escola tem das juventudes? É possível compreender que as mudanças propostas para o Ensino Médio, na BNCC (2018), apresentam um viés mais contemporâneo, tecnológico, para subsidiar o ensino e a aprendizagem de competências e habilidades necessárias o século XXI?

Contrapondo a esse contexto, Saviani (2016) nos alerta para essa nova configuração, a

partir dos seguintes pressupostos:

No âmbito do sistema nacional de educação deverá tomar como referência a forma de organização da sociedade atual, assegurando sua plena compreensão por parte de todos os educandos. Isso significa que se deve promover a abertura da caixa preta da chamada “sociedade do conhecimento”. A educação a ser ministrada deverá garantir a todos o acesso aos fundamentos e pressupostos que tornaram possível a revolução microeletrônica que está na base tanto dos mecanismos de automação que operam no processo produtivo como das tecnologias da informação que se movem nos ambientes virtuais da comunicação eletrônica. (SAVIANI, 2016, p. 82).

Deste modo, será mesmo que a BNCC (2018) traz um viés mais contemporâneo, tecnológico e dinâmico para o público do Ensino Médio, pressupondo que venha garantir uma educação de qualidade e equalizadora para todos.

Segundo Dayrell (2007, p. 107), é possível “constar uma nova condição juvenil no Brasil, os jovens que chegam às escolas públicas, na sua diversidade, apresentam características, práticas sociais e um universo simbólico próprio, que os diferenciam e muito das gerações anteriores”. Toda essa diversidade desvela-se a partir da entrada das famílias oriundas das classes menos favorecidas. Neste sentido, Dayrell (2007) nos convida a conhecer essa nova condição composta pelas juventudes, público do Ensino Médio. Enfatiza que é preciso observar se a escola está abarcando as necessidades e os novos modos de aprender, apresentados por essa nova forma de se relacionar das juventudes. Sabemos que essas indagações permanecem, são pertinentes e servem de reflexão para gestores, professores e sociedade, de modo geral.

A escola aparenta ser a mesma, porém, o seu público é outro. Trata-se, contemporaneamente, de pessoas movidas por conexões e tecnologias digitais de ponta, colocando a escola no desafio de saber lidar com essa realidade em seu cotidiano. De certa forma, podemos dizer que, em sua maioria, as instituições, inclusive as escolas, têm funcionado paralelamente aos padrões da modernidade, visto que, “o contemporâneo ou Pós-Moderno passa a ser marcado pelo fim das certezas, de padrões estáveis de progresso e futuro. É um mundo mais indefinido, plural, fragmentado que surge” (ZACARIOTTI, 2017, p.38).

É necessário compreendermos a dinâmica e as transformações vividas pelos indivíduos, os quais estão em constantes mudanças (MAFFESOLI, 2007, p.101/102). Desta forma, não somente as instituições educacionais, mas a sociedade de modo geral, precisa se permitir e compreender que essas transformações que o mundo passa são constituídas de saberes, comportamentos e sentimentos, ressaltando uma nova forma de agir e se comunicar próprias das juventudes, parte integrante nesse novo contexto social.

A autora aponta a necessidade de compreendermos a dinâmica e as transformações

vividas pelos indivíduos, estes, em constantes mudanças, no sentido de representar e não ser representado. Hoje, as juventudes não buscam se enraizar, vivem e buscam sua identificação, não pela razão e, sim, pela emoção.

São as coisas mesmas que nos ensinam o que elas são. E, muitas vezes, pensá-las como convém exige que se saiba remar contra a corrente dos pensamentos conformes. Isto não se faz sem dificuldade. Trocar a tranquila certeza das teorias estabelecidas pelo agito do mar alto, é sempre difícil. Do mesmo jeito cavar para buscar as raízes, exige um esforço. Trata-se, no entanto, do esforço mental que, sem julgamento a priori, sem espírito preconcebido, pode permitir ver dentro do surpreendente mimetismo tribal, do deslizamento da identidade estável para as identificações ocasiões (lábeis), outra maneira de viver a relação com a alteridade. Voltemos a uma banalidade de base: a vida, apesar de tudo, perdura. E esta vitalidade, volens nolens, é assumida pelas tribos contemporâneas. É este o desafio que nos lança a socialidade pós-moderna. (MAFFESOLI, 2007, p.101-102).

Pode-se dizer que a Pós-Modernidade nos proporciona um período de incertezas, saturações, em que os sujeitos se autor representam movidos pela globalização e sucumbidos pelo consumismo, alargando ainda mais as desigualdades sociais, observamos que as relações mudaram nessa nova configuração social. Bauman (2013, p. 44) explica que “[...] todas essas mudanças [...] assinalaram uma quebra de continuidade e a necessidade de reajustes por vezes dolorosos, em função do choque entre as expectativas herdadas e aprendidas e as realidades imprevistas” [...].

Em meio a esses recomeços, por muitas vezes dolorosos, estão às juventudes marcadas pela sua irreverência e incompreendidas. É fato que sofrem com essa incompreensão, nesse sentido é urgente pensá-las como sujeitos sociais, constituídos de características próprias, repletos de saberes, provocando reflexões na e para sociedade.

As instituições tradicionais a exemplo da escola, da família, da igreja, do Estado continuam, em grande medida, a funcionar pelos princípios e ordens arquitetados na Modernidade, baseados na centralidade da razão e na figura do indivíduo dono de si, senhor da natureza, cujos expoentes são o homo economicus (ideologia do produtivismo) e politicus. A despeito de certa “cegueira”, especialmente da intelectualidade, há outro mundo girando nas bases do cotidiano. (ZACARIOTTI, 2017, p. 14).

Este mundo é marcado pela fluidez da Pós-Modernidade, em que nada está definido, vivemos um cenário de incertezas, o que pode impossibilitar planos a longo prazo. E as juventudes vivem primeiramente essas transformações em sociedade.

2.2.1.1 Ensino Médio e as formas de acesso ao Ensino Superior

O Ensino Médio tem um importante papel na vida dos estudantes, assume caráter preparatório e é ator decisivo no acesso e ingresso ao Ensino Superior. Sabemos que o Brasil já passou por várias formas de acesso às instituições de educação superior. Outrora, a introdução ao Ensino Superior dava-se unicamente por meio de vestibulares ofertados pelas instituições, especialmente, para os alunos que concluíam a 3ª série do Ensino Médio. Assim, os estudantes escolhiam os cursos e as universidades e submetiam-se às provas.

Com a universalização do ensino e a chegada de novas demandas, o Governo Federal criou, em 1998, o primeiro sistema de avaliação nacional, que, por sua vez, tinha o objetivo de avaliar os estudantes concluintes do Ensino Médio de todas as escolas públicas e particulares, denominado de Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Em 2009, foi introduzido um novo modelo de prova para o Enem, este foi utilizado como modalidade de acesso alternativa ao vestibular das universidades federais brasileiras e a prova passou a ser feita em dois dias, com 180 questões e uma redação. Até a presente data, esse instrumento valorativo e seletivo tem vigorado no Brasil como acesso ao Ensino Superior. Em algumas universidades, a seleção de alunos acontece tanto via vestibular como pelo Enem; em outras, apenas pelo Enem.

2.2.1.2 Ensino Médio público de tempo integral

O Ensino Médio Integral é considerado a maior mudança nos últimos 20 anos, divulgado pelo MEC, por meio da Portaria nº 727 de 13 de junho de 2017, que apresenta a Escola do Programa de Fomento do Ensino Médio Integral.

A implantação dessas unidades de Ensino Médio integral traz, como objetivo principal, a ampliação da jornada de 800 horas para 1.400 horas. Assim, de acordo com a portaria do MEC, nº 727, são direcionados recursos para que as secretarias estaduais de educação coloquem em prática as ações do novo Ensino Médio integral.

No que tange a integralização da educação, é notório que ela se dá em cumprimento a meta seis do Plano Nacional de Educação (PNE) que trata da educação de tempo integral, porém, para Salomé, Carvalho e Soares (2017),

Acirra-se a dualidade sempre existente no modelo educativo brasileiro, pois para as elites permanecerá um modelo educativo integrado e para a classe trabalhadora a “opção” por áreas de atuação e restrição da possibilidade de ampliar o repertório cultural e formação unilateral, consolidando a retórica reformista da flexibilização, com conteúdos mínimos alinhados às necessidades do mercado. (SALOMÉ; et al, 2017, p. 17).

De acordo as autoras Salomé, Carvalho e Soares (2017), as transformações decorrentes da reforma do novo Ensino Médio de Tempo Integral acirram as desigualdades e evidencia a precarização da educação, por se colocar a serviço do capital.

Contrapondo essa visão, essa nova proposta, em que se tem “A Política de Fomento” como base para a implementação de Escolas de Ensino Médio de Tempo Integral, juntamente com as novas diretrizes dispostas na Portaria MEC nº 727, de 13 de junho de 2017, traz, como pano de fundo, o projeto de vida e o componente curricular protagonismo juvenil como carro chefe, em que se tem o jovem como centro da aprendizagem.

No Estado do Tocantins, a Escola Jovem em Ação - Ensino Médio de Tempo Integral - traz uma nova abordagem, mantendo as matérias obrigatórias contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como também, os estudantes podem escolher novos componentes curriculares, de acordo o seu interesse.

No programa Jovem em Ação, tudo gira em torno dos estudantes, dos seus sonhos e objetivos. Isso significa que a escola possibilita instrumentos e apoio para o estudante pensar, decidir, planejar e se preparar para alcançar o que almeja para o seu futuro (SEDUC, 2019). Essa é a premissa do Ensino Médio Público Integral.

Como já citado na nova proposta e também na BNCC (2018), temos agora uma proposta de flexibilização curricular, na qual estão inseridos os novos componentes curriculares e o projeto de vida. No caso da escola em pesquisa, as disciplinas de base geral comum permaneceram e foram introduzidas, de acordo a estrutura curricular para o Ensino Médio em regime de tempo integral, em vigência a partir de 2017, a saber: Redação; Língua Estrangeira Moderna (L.E.M.) Inglês; Disciplinas Eletivas; Práticas Experimentais – Matemática; Práticas Experimentais – Biologia; Práticas Experimentais - Física; Práticas Experimentais – Química; Estudo Orientado; Preparação Pós-Médio; e Avaliação Semanal e Projeto de Vida, totalizando 11 componentes curriculares, sendo os componentes Projeto de Vida; Estudo Orientado; Práticas experimentais e Disciplinas Eletivas, apontados como postos-chaves nesta proposta, prevista no Plano de Ação (SEDUC, 2019).

As Escolas Jovem em Ação têm o Estudante e seu Projeto de Vida como a centralidade do modelo e utilizam da Base Comum Curricular e da Parte Diversificada (Projeto de Vida, Estudo Orientado, Avaliação Semanal, Disciplinas Eletivas, Nivelamento e Práticas Experimentais) juntamente com Metodologias de Êxito (Acolhimento e Tutoria) e os instrumentos de gestão (Plano de Ação, Programas de Ação e Guias de Aprendizagem) para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem. (TOCANTINS, 2019).

A Escola Jovem em Ação no Tocantins integra o Programa de Fomento de implantação de Escolas de Ensino Médio de Tempo Integral (EMTI), sendo uma iniciativa do

Governo Federal em parceria com os Estados que têm como objetivo implementar o Ensino Médio de tempo integral, promovendo uma grande mudança curricular e estrutural nas unidades educacionais. No ano de 2017, foram adaptadas 12 unidades e, em 2019, foram incorporadas mais 10 unidades, totalizando 22 escolas participantes do Programa Jovens em Ação no Tocantins. Segue quadro abaixo com dados dessas respectivas unidades.

Quadro 01 – Unidades - Escola Jovem em Ação no Tocantins

Nº	Escolas	Cidades
1	CE Buriti	Buriti do Tocantins
2	CE Manoel Vicente de Souza	Augustinópolis
3	E E Darcy Marinho	Tocantinópolis
4	E E Rui Barbosa	Araguaína
5	CEM Benjamim José de Almeida	Araguaína
6	CEM Paulo Freire	Araguaína
7	CEM Castelo Branco	Araguaína
8	CEM Presidente Castelo Branco	Colinas
9	CEM Oquerlina Torres	Guaraí
10	CE Presidente Tancredo Neves	Barrolândia
11	CEM Dona Filomena Moreira de Paula	Miracema do Tocantins
12	EE Elizângela Glória Cardoso	Palmas
13	Colégio da Polícia Militar	Palmas
14	CE São José	Palmas
15	CEM Santa Rita de Cássia	Palmas
16	CE Padrão	Brejinho de Nazaré
17	CEM Félix Camoa I	Porto Nacional
18	CEM Bom Jesus	Gurupi
19	CEM Gurupi	Gurupi
20	CEM Antônio Póvoa	Dianópolis
21	CE Professor Aureliano	Taguatinga
22	CE Joana Batista Cordeiro	Arraias

Fonte: Elaborada pela autora.

Dentro dessa nova perspectiva de escola, os alunos deveriam ter acesso às salas de aula temáticas, aulas práticas, disciplinas eletivas, estudos dirigidos e uma série de mudanças

curriculares, as quais têm como objetivo prepará-los tanto para o ingresso à universidade quanto para o mundo do trabalho.

O foco da Escola Jovem em Ação é o sucesso dos alunos, por meio da melhoria no desempenho estudantil e da promoção do protagonismo juvenil. Cerca de dois mil alunos do Tocantins estão sendo beneficiados com este projeto piloto (TOCANTINS, 2018). Após leitura dos módulos de formação, disponibilizados pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE), percebemos que a proposta se mostra muito interessante, no que tange a sua estrutura, com salas ambientes voltadas ao projeto de vida, a participação direta dos estudantes nas tomadas de decisão no ambiente escolar, atuação nos clubes de protagonismo, formação docente com competências para século XXI.

Contudo, percebemos, ainda, um cenário em que a estrutura física não atende as essas perspectivas, dentro do que apresenta as diretrizes de implementação desse programa de escolas de fomento, Escola Jovem em Ação. Cunha (2017) indaga se nessa proposta de integralização do Ensino Médio há interesses em atender ao mercado financeiro, assim, possivelmente, não atendendo verdadeiramente aos anseios das juventudes.

De acordo Cunha (2017, p.378), “as propostas trazidas pela reforma do Ensino Médio reforçam a dualidade já existente no Ensino Médio público brasileiro, acirrando ainda mais o enfraquecimento da escola pública e exaltando o privado.” Em outras palavras, a Lei 13.415 de fevereiro de 2017 reforça a globalização mercadológica, intensificando a formação desigual ofertada aos jovens estudantes do Ensino Médio, mascarada pela flexibilização do currículo e fomento de educação integral. Ainda podemos acrescentar que a escola de Ensino Médio de Tempo Integral, torna-se excludente, deixando de fora jovens que não necessitam apenas de estudar. A realidade que nos cerca é: Escola de Tempo Integral - oferta de vagas - pouca procura.

Neste sentido, a Lei 13.415 de fevereiro de 2017 traz, em seu bojo, algumas alterações significativas, como o propósito em fomentar o ensino de tempo integral:

Art. 1º - A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do caput deverá ser ampliada de forma progressiva no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, devendo os sistemas de ensino oferecerem, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos mil horas anuais de carga horária, a partir de 2 de março de 2017. (BRASIL, 2017).

No que se refere ao currículo, destacamos que o art. 36, da LDB (1996) foi totalmente modificado pela reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017). Conforme essa alteração, o currículo do novo Ensino Médio tem uma parte de formação geral comum a todos os

estudantes e outra parte será complementada pelos itinerários formativos, assim segue a nova redação (LDB, 1996).

Art. 36 - O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

- I - linguagens e suas tecnologias;
- II - matemática e suas tecnologias;
- III - ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - ciências humanas e sociais aplicadas;
- V - formação técnica e profissional. (BRASIL, 1996).

Essas questões apresentadas sobre a nova composição curricular são necessárias para refletirmos acerca do atual cenário da nova composição do currículo para o Ensino Médio, contudo, vale lembrar que este trabalho tem por objetivo ver a percepção dos jovens sobre o ensino médio integral e, portanto, entender este contexto é fundamental.

Com o propósito de garantia de equidade, a Lei 13.415 de fevereiro de 2017 adiciona, na seção do Ensino Médio, disposto na LDB (1996), um novo artigo 35 – a que vincula a BNCC aos direitos e objetivos de aprendizagem do Ensino Médio.

Art. 35 - A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento.

- I - linguagens e suas tecnologias;
- II - matemática e suas tecnologias;
- III - ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - ciências humanas e sociais aplicadas

§ 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia.

§ 3º O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas.

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter, optativo, preferencialmente o, espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.

§ 5º A carga horária destinada ao cumprimento da Base Nacional Comum Curricular não poderá ser superior a mil e oitocentas horas do total da carga horária do ensino médio, de acordo com a definição dos sistemas de ensino.

§ 6º A União estabelecerá os padrões de desempenho esperados para o ensino médio, que serão referência nos processos nacionais de avaliação, a partir da Base Nacional Comum Curricular.

7º Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e sócio emocionais.

§ 8º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizados nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas,

provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line, de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. (BRASIL, 1996).

Sobre as Leis referentes ao Ensino Médio, neste estudo, destacamos a promulgação da Lei nº 13.415/2017 e as mudanças para o Ensino Médio que tem por objetivo instituir uma Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio de Tempo Integral, alterando, assim, a própria LDB 9.394/1996, na extensão da carga horária do aluno, passando de 800 para 1.400 horas.

A preocupação, nesse sentido, relaciona-se à qualidade do ensino e à qualidade no atendimento aos alunos, pois, a maioria das escolas brasileiras não possui estrutura física adequada para essa mudança, visto que, para além de ser uma escola de tempo integral, precisa ser uma escola de educação integral. Mas, essa problemática merece uma pesquisa específica que a discuta.

2.2.1.3 Projeto – Protagonismo juvenil

Esse novo modelo de Ensino Médio Educação de Tempo Integral, nomeada pelo Estado do Tocantins como Escola Jovem em Ação, tem o propósito de trabalhar com a premissa do Protagonismo Juvenil. Protagonismo, de acordo com o dicionário Virtual de Língua Portuguesa (2019), é um substantivo masculino, é a “qualidade da pessoa que se destaca em qualquer situação, acontecimento, exercendo o papel mais importante dentre os demais: protagonismo juvenil”. Já, para o Mine Aurélio (2009), “protagonista - personagem principal” (FERREIRA, 2009, p. 661).

Diante desses significados, vale compreender como está sendo constituído o protagonismo, prerrogativa da proposta de ensino do Ensino Médio Tempo Integral, no Tocantins. Entendemos que a autonomia é parte principal nesse paradigma. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

Para a promoção de tais aprendizagens, para o desenvolvimento do protagonismo juvenil e para a construção de uma atitude ética pelos jovens, é fundamental mobilizar recursos didáticos em diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), selecionar formas de registros, valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.) e estimular práticas voltadas para a cooperação. Os materiais e os meios utilizados podem ser variados, mas o objetivo central, o eixo da reflexão, deve concentrar-se no conhecimento do Eu e no reconhecimento do

Outro, nas formas de enfrentamento das tensões e conflitos, na possibilidade de conciliação e na formulação de propostas de soluções. (BRASIL, 2018, p. 125).

Nesse contexto de significação do termo protagonismo, é importante verificar a sua intencionalidade, de acordo com os direitos constitucionais do sujeito. Quanto a isso, Costa (2001) elucida o seguinte:

Termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] o cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. (COSTA, 2001, p. 179).

Costa (2002, p.2), ainda, acrescenta que o termo protagonismo juvenil, em seu sentido atual, indica o ator principal, ou seja, “o agente de uma ação seja ele um jovem ou um adulto, um ente da sociedade civil ou do estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou um movimento social”.

No Novo Ensino Médio de Tempo Integral, podemos destacar dois pontos fortes: a extensão do tempo de permanência dos estudantes no ambiente escolar e o currículo flexibilizado, o que possibilita e estimula os estudantes a participarem de Clubes de Protagonismo, Conselho de Líderes, Grêmios Estudantis, Formação de comissões que atuam junto à equipe Gestora para resolver problemas do dia a dia na escola. Segundo o Plano de Ação da Escola (PA, 2017), esse conjunto de ações eleva a autoestima dos estudantes que passam a viver a educação de um jeito diferente.

O Guia de orientações para a implementação do Novo Ensino Médio e o Plano de Ação da Escola (2017) descreve que os denominados Clubes de Protagonismo são grupos formados por interesse comuns, por exemplo, de música, dança, jornal ou rádio da escola, que exercem suas atividades sem a supervisão de professores. Tais Clubes estimulam a participação ativa dos estudantes na resolução de problemas que os incomodem na escola, como a fila do almoço ou os atrasos para início das aulas. Nesse modelo de escola, a proposta é que o aluno seja considerado parte da solução, não do problema (TOCANTINS, 2017).

Esse tipo de proposta vai ao encontro do que Dayrell (2009) destaca como importante para pensar os jovens do Ensino Médio: caracterizá-los como peças-chave do processo e nos adaptarmos a eles.

[...] Fica evidente, assim, a necessidade de a escola e seus professores refletirem sobre o sentido da escola para os seus alunos, bem como sobre a relação que estes estabelecem com os projetos de futuro. É preciso, portanto, compreender as

expectativas dos jovens estudantes a respeito de sua formação escolar e a avaliação que eles fazem dessa. (DAYRELL, 2009, p. 07).

Apresentar políticas educacionais em outra perspectiva, levando em consideração o protagonismo juvenil, é o que propôs a reforma do Ensino Médio. Tal proposta, que apresenta um novo formato de escola, que, segundo aponta o texto da lei 13.415 de fevereiro de 2017, busca possibilitar aos estudantes desenvolverem suas habilidades em diferentes atividades, preparando-os para vida, prosseguimento nos estudos e o mercado de trabalho. Esse protagonismo a ser desenvolvido está assegurado no Art. 35-A, redação dada pela Lei 13.415/2017, no § 7º, segundo o qual os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. (BRASIL, 2017).

Dentro dessa perspectiva de “formação integral do aluno”, das três unidades de Ensino Médio em Miracema - TO, apenas uma unidade oferece o Ensino Médio Integral, Escola Jovem em Ação: a escola Dona Filomena Moreira de Paula. De acordo com o plano de ação da escola, o projeto tem por princípio a formação de jovens autônomos, solidários e competentes, por meio da construção de seus projetos de vida, do protagonismo juvenil, voltado para melhorar o desempenho acadêmico dos estudantes (PA CEM DONA FILOMENA MOREIRA DE PAULA, 2017).

Desta maneira, podemos entender protagonismo como prática da cidadania, autonomia, respeito e oportunidade que geram igualdade, sendo, portanto, um processo de emancipação do sujeito. Corroborando com essa ideia de emancipação, é que nos propusemos a ouvir as falas dos estudantes, no intuito de entender a percepção deles a respeito da ação protagonista que os envolve na escola, para apreender como a escola de tempo integral de Miracema está atendendo as prerrogativas que apontam os documentos norteadores.

3 TECNOLOGIAS E A EDUCAÇÃO

Com as múltiplas transformações sociais na atualidade, a educação, de modo geral, a partir da utilização das tecnologias digitais, tem buscado imprimir um novo paradigma, visando a uma educação mais integrada. Como postula Lobato (2018), “a educação empreende novos desafios, por isso, é necessário o empenho e dedicação dos profissionais para acompanhar os avanços tecnológicos” (LOBATO, 2018, p. 1090). Para além da dedicação e empenho dos profissionais, faz-se essencial o compromisso do governo, que deve partir de políticas públicas, no desenvolvimento de programas educacionais que contemplem os currículos e as estruturas físicas das unidades públicas de ensino.

O uso das tecnologias em educação, da perspectiva orientada pelos propósitos da Sociedade da Informação no Brasil, exige a adoção de novas abordagens pedagógicas, novos caminhos que acabem com o isolamento da escola e a coloquem em permanente situação de diálogo e cooperação com as demais instâncias existentes na sociedade, a começar pelos próprios alunos. A escola não vai perder sua posição de instituição social e educacional, vai, sim, ampliar sua missão, para que possa responder a uma pluralidade de mandatos sociais. (KENSKI, 2012, p. 967-968).

É inquestionável a imprescindibilidade da reorganização do espaço escolar. Porém, mesmo com todas as mudanças e reformas ocorridas nos últimos anos, é pouco notável os avanços tecnológicos na área educacional. Nesse viés, é difícil organizar um espaço escolar atraente e inovador, que atenda essa nova ordem ao mundo conectado. A única mudança concreta presenciada todos os dias é a chegada de jovens alunos à escola, cheios de informações, conectados a um ciberespaço, que, ao entrar no espaço escolar, são desconectados do mundo virtual. Essa situação é muito preocupante. É como se algumas instituições permanecessem alheias aos avanços na contemporaneidade.

De acordo com Lemos (2006), a sociedade deve se abrir para novas possibilidades do ciberespaço, compreendendo-o como fundamental para o desenvolvimento e aprofundamento nas relações comunicacionais contemporâneas. Quanto a essa ideia de reestruturação das instituições, Kenski (2012) explicita o seguinte:

O desenvolvimento de uma cultura informática é essencial na reestruturação da maneira como se dá a gestão da educação, a reformulação dos programas pedagógicos, a flexibilização das estruturas de ensino, a interdisciplinaridade dos conteúdos, o relacionamento dessas instituições com outras esferas sociais e com a comunidade. (KENSKI, 2012, p. 1577).

À luz dessa linha de pensamento de reestruturação e flexibilização da organização do

espaço educacional, aliado às tecnologias da informação, devemos levar em consideração os atores principais nesse processo, propriamente os estudantes, que são sujeitos de direitos assegurados por legislações específicas, como a Constituição Federal de 1989, Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) (Lei 9.394/96), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017-2018) e a Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/17), que estabelecem o atendimento educacional, com qualidade, aos jovens em idade escolar. Desta forma, “as inovações tecnológicas podem contribuir de modo decisivo para transformar a escola em um lugar de exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e debate” (KENSKI, 2012, p. 994).

Neste novo contexto social, somos submetidos a uma vasta quantidade de informações e as atualizações acontecem com muita rapidez, em um fluxo frenético. Nesta dimensão, a sensação que se tem é que nada é consistente, tudo escorre entre os dedos, como na canção de Lulu Santos (1982) “Hoje o tempo voa, [...]. Escorre pelas mãos”. Mesmo sem se sentir, não há tempo que volte, [...]. Vamos nos permitir, [...]”. Esta melodia ecoa das mentes que viveram e vivem esta liquidez. Esse tempo da canção já vem acontecendo há muito tempo, e agora? Turbinado pelas ondas contemporâneas, encontramos a escola à deriva, neste mar tecnológico, em que a atualização da informação é indispensável para sobrevivência.

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço, nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2001, p. 8).

Desse modo, não se trata de uma escolha e, sim, de algo inevitável. As instituições educacionais, no âmbito dessa perspectiva, necessitam desmistificar o uso das tecnologias digitais como algo ruim ou difícil de ser associado ao cotidiano das práticas pedagógicas, com vistas a promover, de forma natural, o uso efetivo dessas tecnologias digitais nos ambientes de ensino, contribuir para uma aprendizagem significativa e atender, de fato, ao perfil dos jovens estudantes. Estas unidades de ensino podem apropriar-se de todas as leis que apontam os caminhos para o desenvolvimento de uma educação mais democrática, por meio da utilização dos aparatos tecnológicos, posto que, conforme Lobato (2018),

[...], as tecnologias digitais, existentes na sociedade, quando inseridas no contexto escolar, tornam a educação globalizada e informatizada. Portanto, os meios tecnológicos, utilizados como recursos na educação, estimulam o desenvolvimento da aula com criatividade, socialização e motivação. (LOBATO, 2018, p. 1092).

Diante do contexto hodierno, as instituições escolares precisam ser reconfiguradas, no

sentido de desenvolver um perfil mais “antelado”, ao passo que assegure, de fato, os direitos de ensino e de aprendizagem reais e atuais, servindo de suporte para as juventudes viverem e vencerem os desafios impostos pela sociedade.

Nesta dimensão de sociedade informatizada, vale ressaltar a importância do desenvolvimento de políticas educacionais de formação continuada, a fim de capacitar, atualizar e aprimorar as práticas educativas cotidianas dos docentes, frente às inovações tecnológicas. Ainda neste sentido, Lobato (2018) postula que:

A educação está pronta para iniciar uma nova era, onde tecnologias e acessórios foram introduzidas ao longo do tempo e se unificaram ao processo educativo, que se caracteriza por uma troca constante de conhecimento entre educadores e educandos. (LOBATO, 2018, p. 1102).

Compreendemos que as instituições escolares, hoje, não devem ser olhadas com o mesmo olhar de alguns anos atrás. As escolas sempre terão o seu lugar de destaque, valor e importância no seio social, mas, para tanto, necessitam enfrentar os desafios impostos pela era da globalização comunicacional digital em que o sujeito moderno está inserido.

Atualmente, as pessoas vivem cercadas de várias tecnológicas digitais, não importa a idade, o sexo ou a etnia. Tudo acontece em meio à transição da modernidade para a pós-modernidade. Essa sociedade vigente é marcada pelos avanços tecnológicos, consequentemente, o sujeito é movido e afetado diretamente pela era da conectividade. Nesta conjuntura, o homem evolui, conquista o seu espaço e transforma o mundo a sua volta. Assim afirma Lemos (2013):

Desde o surgimento das primeiras sociedades até as complexas cidades pós-industriais, o homem inventou o fogo, cultivou a terra, domesticou animais, construiu cidades, dominou a energia, implementou indústrias, conquistou o espaço cósmico, viajou aos confins da matéria espaço-tempo. Durante esse trajeto, a tecnologia ganha significações e representações diversas, em um movimento de vaivém com a vida social. (LEMOS, 2013, p. 25).

E, positivamente, os avanços tecnológicos contribuem para a globalização, que amplia o deslocamento físico e o empoderamento informacional. Em outras palavras, leva o sujeito a participar de um mundo movido pelo pelos blocos econômicos, aliado ao consumo e tecnologias digitais, que afetam diretamente a vida em sociedade.

Neste ínterim, as instituições, como as escolas e as universidades, vêm se adaptando a esse novo contexto atemporal, imposto especialmente pela globalização e a internet. Porém, faz-se necessário lembrar que esse novo contexto (das tecnologias digitais e das redes de conexões) ainda não está ao alcance de todos. Observamos que, em meio aos nativos digitais,

encontram-se também os analfabetos digitais (SANTANA, 2017).

Nem todos os sujeitos estão incluídos nesta chamada “sociedade da informação”, uma vez que, existem muitas pessoas que não têm acesso à internet, “por essa razão são excluídos do mundo digital” (SANTANA, 2017, p. 54).

As mídias digitais levaram a humanidade a um novo patamar nas comunicações e também na forma de relacionar-se [...]. Percebemos, ainda, a existência de um grande contingente de “analfabetos digitais” em nossa sociedade da informação, que, por uma série de razões, sejam elas econômicas, funcionais ou mesmo intelectuais, não possuem acesso a tais aparatos. (SANTANA, 2017, p. 55).

Percebemos, deste modo, uma desigualdade social que permeia todos os espaços, imprimindo reflexões que servem de base para construir uma nova ótica acerca da exclusão proporcionada por instrumentos ideologicamente pesados para incluir e aproximar pessoas.

Essa crescente evolução da cibercultura ocorre mediante a busca dos jovens por diferentes experiências em novos espaços de comunicação. Nessa lógica, segundo Santana (2017, p. 5), “cabe a nós desenvolver meios cabíveis de explorar as potencialidades dos indivíduos [...] nos planos econômicos, político, cultural e humano”, uma vez que, o sujeito constitui o seu espaço por meio do uso das tecnologias digitais, estabelecendo relações.

Registra que a internet é um instrumento de comunicação surrealista, no qual tudo é permitido, nada é excluído, bem e mal, como seus derivados. Uma vez que tudo é permitido, o homem faz a experiência da liberdade, mesmo que por uma pequena fração de tempo. (SANTANA, 2017, p. 8).

Todas essas transformações estão relacionadas à cibercultura. O ciberespaço é impulsionado pelas conexões em rede que envolvem questões econômicas, políticas, sociais e culturais, caracterizando a sociedade contemporânea, compreendendo a cibercultura, muitas vezes, como sinônimo de evolução. Mas, devido à ganância do homem, que dá a vida, mas que mata, que constrói, mas destrói, dá amor, mas exclui, em nome dessa evolução e do capitalismo selvagem, globalizado, acentuam-se as desigualdades sociais, algumas pela falta de acesso às portabilidades ao mundo conectado, outros por nascerem e conviver de mãos dadas com a pobreza.

Neste sentido, as políticas educacionais soam como um combate, em que o desafio é apreender as necessidades das juventudes, neste novo contexto da interatividade. E, por um segundo, acolher a todos, oportunizando um ensino de qualidade.

O desafio posto para o espaço educativo não se reduz simplesmente à introdução das TIC no espaço educacional a qualquer custo por entender que estas são interativas. Pelo contrário, a interatividade é um conceito que vai em encontro à cultura escolar,

vivenciada pela nossa sociedade atual, cujas raízes são bastante antigas. A interatividade pressupõe a troca, o diálogo, o fazer junto. Enquanto isso, estamos acostumados com uma educação centrada na transmissão de informação e conhecimento pelo professor. O aluno é receptor passivo, que no máximo responde a questões propostas pelo professor. (VIEIRA, 2011, p. 02).

Todas essas mudanças afetam diretamente os sujeitos em sociedade, também, impulsionados pela necessidade da comunicação no mundo globalizado. Compreendemos que, no campo educacional, essas transformações vêm ocorrendo a passos lentos, ainda paira certa resistência em buscar aperfeiçoamentos e novos espaços de ensino e aprendizagem. Neste sentido, é urgente superar essas dificuldades, principalmente, por aqueles que fazem a educação sistematizada. Lévy (2011), sobre isso, acrescenta:

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 2011, p. 160).

Neste contexto, está a escola pública e sua diversidade. O principal ponto de mudança, nesse sentido, é a qualificação do ensino, assegurando a todos os sujeitos espaços de crescimento pessoal.

A educação, de modo geral, é movida pela curiosidade e a descoberta de novos conhecimentos. Diante das necessidades, permite-se buscar cursos em outros formatos, assim elencar conversas produtivas sobre novos paradigmas para a construção do saber neste infinito mundo do conhecimento e das tecnologias digitais. Martins (2017).

É preciso se apropriar desses meios no processo educativo. Não basta apenas que professores e aprendentes tenham acesso à rede por meio de um computador pessoal ou do laboratório escolar. É preciso que as novas formas de comunicação estejam presentes no processo de aprendizagem. Para isso é necessário que professores e aprendentes tenham acesso aos equipamentos e os profissionais possam promover, não só a inclusão das tecnologias digitais, principalmente, como também, capacitar para a decodificação e uso de todas as linguagens comunicativas presente na sociedade contemporânea. (MARTINS, 2017, p. 37).

Nessa perspectiva, o autor aponta que a equipe escolar precisa, de fato, caminhar rumo à aprendizagem mais cooperativa, que os professores necessitam avançar juntos aos estudantes, partilhando informações e recursos tecnológicos, atualizando constantemente seus aprendizados, assim, torna-se indispensável inclusão das tecnologias digitais na formação continuada da equipe escolar.

Portanto, somos passageiros, com destino à sociedade do conhecimento e as tecnologias digitais são instrumentos importantes nessa conjuntura social e educacional. Em consonâncias, Saviani (2016, p. 82) afirma que “a educação a ser ministrada deverá garantir a todos o acesso [...], aos processos produtivos como das tecnologias da informação que se movem nos ambientes virtuais da comunicação eletrônica”. Assim, levando em consideração os saberes dessas juventudes, juntando-os aos conhecimentos escolares, firmados em um trabalho pedagógico sob a perspectiva das tecnologias digitais, é, hoje, essencial para continuidade da produção do conhecimento.

3.1 A educação e a escola na contemporaneidade

Mormente, o cenário que se apresenta na educação escolar nos remete a repensar se as velhas práticas ainda são suficientes para suprir as necessidades do atual cenário educacional. Tal indagação faz-se necessária em razão de se considerar as transformações sociais, políticas e culturais advindas dos avanços tecnológicos, o que justificam novas formas de ensinar e aprender. Neste viés, corrobora Lobato (2018, p. 1087) que alerta: “na sociedade contemporânea, a educação empreende novos desafios, por isso, é necessário o empenho e dedicação dos profissionais para acompanhar os avanços tecnológicos”.

Muitos educadores ficam apreensivos e inseguros em meio às tecnologias digitais, que, por vezes, estão ao alcance de todos, principalmente, das crianças, adolescentes e jovens, que, apesar de terem tantas informações e conhecimentos, ainda são submetidos a um sistema de ensino não tão inovador. Neste caso, é um desafio aos docentes e ao sistema de ensino, como um todo, tentar superar empecilhos de toda ordem e aprender a lidar com as tecnologias digitais, transformando-os em aliados no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos sistematizados. Em conformidade, Kenski (2012) salienta que:

Um dos grandes desafios que os professores brasileiros enfrentam está na necessidade de saber lidar pedagogicamente com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos avançados e acesso pleno às últimas inovações tecnológicas; aos que se encontra em plena exclusão tecnológica; das instituições de ensino equipadas com as mais precárias. (KENSKI, 2012, p. 1612/1613).

O professor é um mediador do ensino e aprendizagem dos sujeitos. Logo, no presente momento, o que se pontua é a necessidade do docente aprender urgentemente a lidar com as tecnologias digitais, estando aberto a conhecer um pouco mais do mundo em que se encontram a maioria dos jovens conectados.

Devido aos avanços tecnológicos, criam-se novas formas de linguagem, de culturas e de relações sociais, envolvendo o espaço físico e o mundo virtual. Lemos (2010) exemplifica a cibercultura como um desses possíveis espaços, assim, ressalta que a cibercultura, que pode ser entendida também como Cultura Digital, é uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmo de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social, a partir do desenvolvimento e uso das tecnologias digitais. Neste viés, Lévy (1999, p. 17) acrescenta que “a cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Nessa nova reconfiguração de espaço e tempo, Lemos (2006) aponta que:

O que está em jogo é a criação de novas possibilidades de sentido para o espaço das cidades contemporâneas, através das tecnologias móveis e do espaço eletrônico mundial, o ciberespaço. Compreender essa dinâmica é fundamental para uma visão mais profunda do complexo processo comunicacional contemporâneo. (LEMOS, 2006, p. 15).

As inovações tecnológicas atingem todas as esferas da sociedade, transformando, principalmente, a forma de comunicar-se, assim, devemos percebê-las como meio e não como fim. Neste contexto, observa Lemos (2006) que o ciberespaço é, ao mesmo tempo, lócus de territorialização⁷ (mapeamento, controle, máquinas de busca, agentes, vigilância) e também de reterritorialização (blogs, chats, P2P, tecnologias digitais móveis). O desencaixe sociocultural e a compressão espaço-tempo criam um misto de desmaterialização e descontinuidade. A desterritorialização cria novas formas de territorialização, as quais movimentam a vida social, podendo agir contra as escleroses das instituições sociais, sendo desestabilizadoras das arquiteturas do poder (LEMOS, 2006, p. 16).

Para Sodré (1996),

A socialização mediada pelos meios tecnológicos promove novas formas de interagir, e acrescenta que o corpo do indivíduo enreda-se na trama tecnológica. Não mais registra a predominância de relações primárias ou cara-a-cara, como descreve a sociologia tradicional, mas a interface como motor de contato entre os indivíduos. A informação converte-se, nos termos da cibernética, num processo de administração da vida social. (SODRÉ, 1996, p. 49-50).

No campo educacional, observamos uma primazia do que Sodré (1996) chama de

⁷Ver mais em: LEMOS, André. **Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura.** 115º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andreleamos/territorio.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

relações primárias, esquecendo da importância de se incluir instrumentos tecnológicos em sala de aula, no desenvolvimento de atividades, a exemplo, o uso “didático do celular”, contribuindo para a aprendizagem dos estudantes.

Então, Sodré, a mais de vinte anos, já alertava para essa questão dos meios tecnológicos, isso antes de falarmos em redes sociais, tão importantes como hoje. Martins (2017) ressalta que:

[...] ainda que seja com uma tecnologia já conhecida, pode proporcionar mudanças importantes na sociedade uma vez que, as tecnologias estão presentes de tal forma em nossas vidas que, intencionalmente ou não, interferem nas nossas decisões. Nesse caso, a criatividade e a competência proporcionarão uma nova proposta que suscitará novas necessidades até então impossíveis de serem experimentadas. (MARTINS, 2017, p. 23).

Percebemos que, a atenção é constante diante da presença das tecnologias, nos mais variados espaços. Na realidade, o que observamos é que as unidades escolares ainda não estão preparadas (no que se refere às mídias digitais e à devida qualificação para utilizá-las) para esse “passo da inclusão digital”, visto que, em algumas unidades, nem se quer contam com laboratório de informática ou internet livre (Wi-Fi). Outra questão é falta a de equipamentos tecnológicos e profissionais aptos para o seu manuseio.

Nesta conjuntura, fica evidente o desafio que perpassa pelos meandros da escola. Precisamos, pedagogicamente, repensar as potencialidades que a internet disponibiliza, nesse sentido, verificar a melhor maneira de introduzir as tecnologias no cotidiano escolar. Sob essa prerrogativa, Kenski (2012) disserta que

A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e os conhecimentos. (KENSKI, 2012, p. 937).

Nesta esfera, as novas formas de interação social vêm transformando o modo das pessoas se comunicarem e se relacionarem, implicando, diretamente, no desenvolvimento destes em sociedade. Assim, as juventudes interagem com seus pares nos diversos ambientes virtuais e, por consequência, criam-se novas expectativas em relação às políticas educacionais. Quanto às novas formas de interação, Santaella (2004) expõe que:

A telecomunicação e a informática conectam potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço. Além disso, o ciberespaço torna possível a modificação de toda e qualquer informação num espaço informacional, um ambiente de signos híbridos, nas quais, imagens, gráficos, desenhos, figuras, palavras, textos, sons e

mesmo vídeos misturam-se. (SANTAELLA, 2004, p. 144).

As mudanças decorrentes das evoluções tecnológicas rompem com a ordem linear das coisas como são conhecidas. Lemos (2010) destaca que a alta tecnologia:

[...], atualmente, cria no espaço urbano, possibilidades de ampliação da comunicação e da gestão racional e científica do planeta. Buscar o sentido, ou os sentidos da tecnologia é se engajar na via de compreensão desse destino do homem no mundo. (LEMOS, 2010, p. 29).

Nesse processo de ressignificação das tecnologias e de novos espaços, percebemos que o sistema educacional também é afetado diretamente por essas transformações. Nessa perspectiva, faz-se mister ações que venham a promover processos educacionais à luz das dinâmicas nas ciberculturas.

Desta forma, precisamos pensar o quanto as escolas e os profissionais da educação estão entendendo esse movimento, estão buscando sentido no uso de tecnologias para as reais práticas educacionais, no intuito de que as manifestações juvenis nelas expressas sejam compreendidas, ou seja, o que temos feito para estabelecer esse novo e necessário movimento de troca de conhecimento, integrando às tecnologias com o ensino sistematizado.

Entendemos que é na interatividade com as redes sociais, que os jovens estabelecem suas próprias normas, criam vínculos sociais e afetivos, em ações repletas de significados, sensibilidade, relação de poder, fragilidade e ambiguidades. Portanto, “a escola precisa, enfim, garantir, aos alunos-cidadãos, a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores, para que possam viver e conviver em uma sociedade em permanente processo de transformação” (KENSKI, 2012, p. 941).

Acompanhar essas transformações tem sido uma tarefa árdua. Pela complexidade que envolve o sujeito em formação, podemos observar que a escola passa a ser constituída por diversos programas governamentais, que mudam, ao sabor dos governos, suas políticas públicas educacionais, implementadas a cada nova gestão, promovendo uma constante descontinuidade de ações, no que tange a efetividade e a qualidade do ensino e aprendizagem do seu público. Essas políticas públicas permanecem como um dos grandes desafios educacionais, no que se refere à aquisição de habilidades importantes ao desempenho escolar dos estudantes.

As juventudes são afetadas diretamente por essas (des) continuidades de programas educacionais, o que acarreta em um grave problema na formação de tais indivíduos. Porém, podemos pensar que essas constantes mudanças, muitas vezes, no propósito de equacionar

velhos problemas que perduram no Ensino Médio, apresentam políticas e programas voltados ao aperfeiçoamento e flexibilização do currículo, visando à superação de adversidades existentes no ensino, que ora é propedêutico, ora profissionalizante.

No fito de solucionar essa dualidade, a proposta do Novo Ensino Médio pretende abarcar as duas possibilidades: tanto a propedêutica, quanto à profissionalizante, com um percurso de ensino, em que o estudante se apresenta como corresponsável pela escolha do caminho que melhor representa suas necessidades formativas, por meio do seu projeto de vida, carro chefe desta nova política educacional.

A instituição escolar faz parte da socialização do sujeito, sendo constituída e construída pelos próprios sujeitos. Assim, Dayrell, Carrano e Maia (2014, p. 120) afirmam que “[...] esses jovens produzem territorialidades transitórias, afirmando, por meio delas, lugares numa cidade que os exclui”. Essa condição é sentida por meio da história do tempo e do espaço, neste sentido, carece de compreendê-la não apenas por bases documentais ou legislativas, mas essa compreensão vai mais além do sentido de evidenciar a escola real, em sua diversidade, apreendendo o que fazem, para quem fazem, ou melhor, o que estão fazendo para abarcar essa nova constituição do sujeito presente na escola nos dias atuais. Dayrell, Carrano e Maia (2014) complementam que:

Tudo isso ressalta a importância de pensarmos o tema do espaço e do lugar no contexto escolar. Isso nos permite pensar a maneira como os jovens constroem e dão significados aos espaços, seja por meio dos locais que frequentam, dos estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo, das relações de poder, dos espaços de lazer ou por meio da sociabilidade. Permite-nos, também, pensar de que forma os espaços vividos, construídos e ressignificados pelos jovens influenciam suas escolhas e seus projetos de vida. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 119).

No Brasil, o modelo da instituição escolar sempre esteve aliado ao momento histórico, econômico e político de cada época, agora, fazemos parte da contemporaneidade, da era tecnológica digital, porém, observamos que algumas instituições estão adaptando-se lentamente a esse novo contexto. Teixeira (2014) reforça que:

[...] mudanças e permanências, pois, o público da escola e outros fatores se alteraram, mas as condições materiais de trabalho permanecem precárias, pífias, inadequadas ao exercício qualificado da docência e a uma boa escola. Ficamos, assim, entre novas e permanentes tensões e desafios para a docência, sem que haja bases materiais e laborais para enfrentá-la devidamente. (TEIXEIRA, 2014, p. 33).

Tal indagação se torna indispensável para se perceber a existência desse novo público que constitui a escola hoje. Segundo Corti (2014, p. 323), “a escola passa a ser local de

sociabilidade, de encontro, de construção de identidades e imagens de si, de aprender a burlar regras, de escapar ao controle adulto, de criar um espaço de autonomia e construção próprias”. Ainda nessa acepção de identificação e construção de sentidos do sujeito no contexto escolar, Dayrell e Carrano (2007) expõem que:

Um dos grandes desafios da contemporaneidade passou a ser a construção da unidade social em sociedades marcadas por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas. Escutar a si e ao outro se torna, portanto, a condição para o reconhecimento e para a comunicação. Propiciar espaços-tempos educativos e promover processos de aprendizagem para que os sujeitos reconheçam a si mesmos e aos outros deveria ser meta prioritária das instituições escolares. (DAYRELL; CARRANO, 2007, p. 127).

O que podemos perceber, mesmo com todo esse descompasso e dificuldades, é que a escola, hoje, apresenta uma organização de tempo e espaços próprios, na tentativa de sobreviver aos programas educacionais, respeitar e fazer valer os direitos constitucionais de cidadania e autonomia, o que é observado na íntegra do texto abaixo:

[...] os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais. (BRASIL, 2018, p. 15).

Diante dos desafios que se desabrocham em meio ao ambiente escolar, buscamos atualizações constantes, nessa perspectiva, as instituições, anteriormente, dotadas de uma educação elitizada, apenas para os ricos, com a universalização da educação, passem a vir a atender um público carregado de saberes sociais e culturais, antes negados.

Neste sentido, Saviani (1999) enfatiza que a educação deveria ser uma ferramenta de equalização social, de superação da desigualdade social, vista de forma autônoma, não ditada pelos planos governamentais, tão praticada no Brasil. Quanto a essa prerrogativa, Dayrell e Carrano (2014) ponderam que:

O movimento também está presente na própria relação com o tempo e com o espaço. A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer ou na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas também pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e de tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais. Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade para os jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 118).

Observamos que as escolas, de modo geral, ainda não se adaptaram às mutações e

transformações ocorridas em meio à sociabilidade, aliada ao avanço tecnológico, e, por essa razão, têm sofrido críticas e enfrentado muitos desafios. Público diversificado, currículo, estrutura física e formação de professores são questões a serem repensadas frente à sociedade digital. Segundo Kranwczyk (2014),

A escola moderna é produto de outro momento histórico – nasceu associada a circunstâncias sociais, políticas, culturais e econômicas específicas – e instaurou uma forma educativa inédita, que implica uma determinada relação pedagógica e uma organização do processo de aprendizagem específica [...]. Os professores foram e continuam sendo socializados nessa cultura escolar e as estruturas organizacionais verticais e burocráticas da escola e do sistema educacional geram enormes dificuldades para modificar o trabalho educativo. (KRANWCZYK, 2014, p. 85).

Pensar essa nova organização do espaço escolar, na contemporaneidade, implica, em certos momentos, uma desconstrução do saber como ponto de chegada, como possibilidades de um caminho a ser percorrido que abre espaço para repensar novas práticas educativas. Neste sentido, o acesso às tecnologias digitais móveis, de fato, transformou o formato da comunicação em todos os espaços. Agregadas a essas inovações, temos que voltar nossa atenção às Juventudes no espaço escolar.

Segundo Lemos (2013), as juventudes, como protagonistas de suas vivências, caracterizadas por um jeito novo de se colocar no mundo, rompendo com o estático e o dito normalístico, imprime sua horizontalidade, deixando o estado de invisibilidade que a sociedade lhes conferia para se tornar verdadeira protagonista.

Observamos que o Brasil não superou as desigualdades sociais e, muito menos, está resolvido esse paradoxo entre o mundo moderno e o pós-moderno. Ou seja, a escola está distante de atender as perspectivas dessas juventudes, mesmo com todos seus documentos normativos, (2018, p. 15). “No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir os seus currículos” [...]

Nessa perspectiva, a escola, hoje, está repleta de desafios, no que concerne à necessidade de reestruturar o espaço escolar, não apenas em termos de inclusão tecnológica, mas também, de novas metodologias incorporadas às práticas pedagógicas e docentes.

4 JUVENTUDES E O ESPAÇO ESCOLAR

A partir do século XX, a temática da juventude ganha espaço nas ciências sociais, sendo ponto de debates e estudos. Desde então, muito tem sido discutido sobre a questão dos jovens no coletivo, de forma a compreendê-los. Especialmente, em sua relação no cotidiano social, incluindo a escola. Segundo Lôbo e Nascimento (2012, p.8), “esta constituição de juventude e respectiva articulação com a dinâmica social pode prover transformações na ordem social, sobre, inclusive, a quebra de paradigmas numa condição epistemológica sobre as percepções do jovem sobre si mesmo e o mundo”. Corroborando, nessa perspectiva, Barbosa e Veloso (2012), salientam que:

[...] nada mais natural do que esse interesse no jovem e na juventude na época atual, se consideramos que ele reflete as extensas transformações sociais pelas quais tem passado a sociedade contemporânea. Afinal, são eles que estão crescendo em meio a essas mudanças e são eles que precisam se redefinir constantemente enquanto procuram responder a elas em um contexto em que as referências anteriormente consideradas “sólidas” se desmancham no ar. (BARBOSA; VELOSO, 2012, p. 17).

Essa construção social se dá de diferentes formas, sendo originada a partir de suas próprias necessidades, como se sentem, se expressam, desvelando a diversidade de classe, gênero, grupos, etc. Esta, por sua vez, se desenvolve em uma dinâmica mais horizontal, visto que os jovens se agregam em determinados grupos ou tribos, com a liberdade de ir e vir, sem grandes rupturas. Neste contexto, Maffesoli (2017, p. 64) *apud* Zacariotti (2017, p.64) reafirma a importância de “[...] pensar esses jovens em uma dinâmica tribalística do social, [...] que evolve o cotidiano e seus rituais [...], pelas quais as juventudes se manifestam e se identificam”. Ainda, neste sentido, as autoras Barbosa e Veloso (2012, p. 22 e 23) ressaltam que “[...] o jovem deve ser visto como um sujeito ativo, que age concretamente sobre o mundo, e é por meio desta ação que ele se produz e, ao mesmo tempo, é produzido, por meio das relações sociais em que está inserido”.

A partir desses aportes conceituais referenciados por Barbosa e Veloso (2012), (Zacariotti (2017), Dayrell (2009), podemos, então, compreender o termo “juventudes” como mais apropriado para se relacionar com os jovens estudantes foco da pesquisa, com o propositivo de dialogar, apreender e respeitar esse jeito diferente de ver, sentir e viver o mundo, sujeitos que se constituem histórico e socialmente.

4.1 De que juventudes falamos?

Para Dayrell (2007), o acesso às escolas públicas de Ensino Médio, no Brasil, até então, era restrito a jovens das camadas altas e médias da sociedade. Com a expansão das matrículas no Ensino Médio, após a Emenda Constitucional Nº 59, de 11 de novembro de 2009, a escola passa a receber uma camada de jovens anteriormente excluídos do sistema educacional brasileiro, não tendo, mais como negar o direito de aprendizagem aos sujeitos, aqui representados pelas juventudes.

Partimos da constatação de que existe uma nova condição juvenil no Brasil, resultado das mutações nos processos mais amplos de socialização (DAYRELL, 2007, p.1107). Não apenas no Brasil, como destaca Zacariotti (2017, p.18), “essa nova condição deve-se aos avanços tecnológicos, especialmente, da tecnologia digital, que mudaram as noções de tempo e espaço, desmontaram os princípios delineados e classificados da Modernidade.

O Modelo atual não tem respondido de forma satisfatória a esses desafios. A desconexão entre os anseios da juventude e o que a escola exige dela manifesta-se nos indicadores de frequência e desempenho da etapa: em 2016, 28% dos estudantes de Ensino Médio encontravam-se com mais de 2 anos de atraso escolar e 26% dos estudantes abandonaram a escola ainda no 1º ano; quanto ao IDEB, a variação positiva foi de apenas 0,3 ponto entre 2005 e 2011, ficando estagnado desde então e abaixo das metas estabelecidas. (BRASIL, 2018, p. 6).

De acordo com os dados apresentados pelo Guia de implementação do Novo Ensino Médio (2018), a escola está diante de um público sem perspectiva, que pouco avançou nos últimos nove anos. O que há por trás desses dados? O que eles verdadeiramente revelam? Será que a escola perdeu o sentido para essas juventudes? Muitos são os questionamentos, também, muitas são as proposições, as quais, não as definem como respostas em se tratando da complexidade envolvida no universo juvenil, ou melhor, das juventudes.

O primeiro ponto que podemos destacar, nesse turbilhão de indagações, diz respeito à premissa de que a sociedade precisa entender que as juventudes têm pensamentos, vontades e atitudes próprias e isso não significa que elas não sabem o que querem, justamente por saberem o que querem não se encaixam nessa normalização da escola que os atende.

Um segundo ponto refere-se às mudanças ocorridas na legislação educacional, a exemplo da Reforma do Ensino Médio, introduzindo mudanças profundas na estrutura e na oferta para esse nível de ensino, no intuito de apontar caminhos rumo à melhoria dos índices e equidade educacional.

Neste contexto, os jovens contemporâneos perpassam pelas velhas estruturas escolares

e, notadamente, a sociedade permanece indiferente, arbitrária, dona da verdade. Para as autoras Barbosa e Veloso (2012, p.25), “[...] a sociedade contemporânea, em geral, está marcada pela diversidade de experiências e pela rapidez com as coisas acontecem (o chamado “tempos nômades”⁸), as vidas dos jovens se definem também por essa multiplicidade”. Neste sentido, devemos abrir espaço para a escuta sensível, precisamos nos colocar no lugar do outro.

Nesta perspectiva de ensino, para atender aos anseios das juventudes, a Lei 13.415, de fevereiro de 2017, traz, em seu bojo, uma nova reconfiguração para o Ensino Médio, por meio da criação da Base Nacional Comum Curricular e as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que estabelece as formas de organização e oferta, além dos princípios gerais e específicos para esse nível de ensino.

Uma vez que a escola atende a um público diversificado, é imprescindível direcionar a educação para a superação das desigualdades, extinguindo toda e qualquer forma de discriminação. Porém, é importante ressaltar que todas as leis anteriores criadas tinham os mesmos propósitos de equalização e de certa forma falharam.

As juventudes atuais vislumbram uma educação mais interativa e para além do quadro e giz, anseiam por uma educação de significação ampla capaz de superar dicotomias enraizadas no processo de ensino e aprendizagem, tudo isso à luz dos avanços tecnológicos do mundo globalizado. As juventudes, antes de tudo, estão focadas no mundo contemporâneo e querem que a escola faça parte desse mundo.

É importante ressaltar que a relação das juventudes com a educação se apresenta permeada de símbolos, resistências, lutas, encontros e desencontros. Dayrell (2011, p. 260) preconiza que “a relação dos jovens com a escola é permeada por múltiplos sentidos e significados, por sentimentos positivos e negativos”. Esses apontamentos são necessários para entender o lugar de fala dos jovens e repensar o modelo de educação escolar instituído, ressaltando a necessidade de dialogar com as juventudes para a formulação e garantias de políticas educacionais exitosas.

O Brasil vem passando por várias mudanças no cenário político, econômico, social e educacional. Tais transformações influenciam diretamente nas relações dos sujeitos em sociedade. Em meios às essas mudanças, foram criadas algumas leis desde a década de 90, a exemplo: o Estatuto da Criança e Adolescente (1990); o Estatuto da Juventude (2013); e o Plano Nacional de Educação (2014), a fim de garantir um engajamento maior dos jovens na

⁸Nômade é aquele ou quem não tem uma habitação física, sem se fixar por muito tempo no mesmo local. Ou seja, que vivem se mudando de um lugar para outro, sem estabelecer residência.

educação, considerando-os como agentes transformadores no macrossistema das políticas educacionais.

Pensamos que, para desconstruir esses desencontros vivenciados entre juventudes e escolas, necessitamos, urgentemente, valorizar a diversa bagagem de conhecimentos dos jovens presentes no interior das unidades escolares. Quanto a isso, Carrano (2000) afirma que:

A escola sinaliza dificuldades de lidar com a diversidade que caracteriza esta juventude, sendo a homogeneidade muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade quer seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou ética. (CARRANO, 2000, p. 16).

Esse reconhecimento e valorização da condição juvenil precisa ser ponto chave na construção de uma educação de qualidade para todos, tão citada em diversos documentos e leis que garantem a democratização e a universalização do ensino no Brasil. Dentre essas leis, citamos o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de agosto de 2013) e o Plano Nacional de Educação (PNE) (Lei nº13.005, de junho de 2014), no reconhecimento de direito e promoção de aprendizagens.

No que tange ao Estatuto da Juventude, em que constam os direitos transversais para as juventudes, a saber, traz princípios norteadores no art. 2º, como: a promoção da escuta nas escolas e a promoção de autonomia, de participação política e social, estabelecendo o diálogo com os jovens, buscando alinhar as novas formas de organização e a manifestação das juventudes e respeitando a diversidade na participação da gestão democrática das escolas e universidades. Esse movimento marca, de forma ainda tímida, a participação das juventudes no cenário político, social e cultural brasileiro.

O Estatuto da Juventude caracterizou-se como um marco na consolidação dos direitos dos jovens brasileiros de 15 a 29 anos, oportunizando a participação das juventudes nas tomadas de decisão, nas instituições, como também, nas formulações das políticas públicas.

O PNE, que rege diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024, garante a participação juvenil na escola e na educação. Sendo proposta, na Meta 19, a efetivação da gestão democrática, intencionando, assim, a constituição e o fortalecimento de grêmios estudantis, fomentando a sua articulação orgânica com os conselhos escolares, bem como, o incentivo à participação nos conselhos escolares e conselhos municipais de educação, como instrumentos de participação e fiscalização na gestão escolar e educacional.

Sabemos quão importante é a participação dos jovens nessas entidades participativas, o que é reafirmado pelo PNE, para que o diálogo se efetive, em resposta as reivindicações das

juventudes escolares organizadas. Neste contexto, os estudantes são convidados e consultados na formulação dos projetos.

Mesmo diante dessas importantes conquistas, percebemos que há muito a ser cumprido no atendimento educacional aos jovens. Por exemplo, vivenciamos vários movimentos de ocupação de escolas em todo o Brasil, em que a Juventude pregava, em bom tom, que o modelo educacional existente não os atendia, ao mesmo tempo, ditando novos rumos para o atendimento à pluralidade de ideias no contexto social contemporâneo. Deste modo, Ashoka e Alana (2017, p.283) explicitam que “[...] os anos de 2015 e 2016 foram marcados com as ocupações às escolas, [...] trazendo a vontade de se construir uma educação que lhe pertença e lhe respeite de fato”.

Diante dessa relação não tão amistosa, identificamos a escuta dos jovens como ponto chave rumo a um diálogo entre as políticas educacionais e as juventudes. Cabe considerar que a escola deve ser um espaço que possibilite a convivência de pessoas de diferentes realidades, um lugar que propague o respeito à diversidade cultural do nosso território brasileiro. Corroborando com este pensamento, Dayrell (2001) preconiza que:

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. (DAYRELL, 2001, p. 02).

Nesta perspectiva, a escola torna-se um espaço carregado de conhecimento, sendo “o grande palco”, onde o jovem apresenta seus anseios, o que, conseqüentemente, amplia o olhar para a escola enquanto espaço de convivência e de reafirmação de direitos.

Zacariotti (2017, p.30) chama atenção para refletirmos sobre a invisibilidade das juventudes pós-modernas, frente aos “princípios da razão moderna (Estado, Igreja, Família, Escola)”, princípios estes, que, segundo a autora, não estão em sintonia com os subterrâneos sociais, como as tribos das quais as juventudes emergem. Para a autora, as políticas públicas educacionais que estão postas para as juventudes ainda não levam em consideração o contexto da diversidade da cultura juvenil brasileira e de seus múltiplos modos de ser e de estar no mundo.

Deste modo, será utilizado, no escopo deste trabalho, o termo juventudes, no plural, pela necessidade de tentar abarcar a diversidade envolvida em torno dos sujeitos, visto que, as contribuições, aqui apresentadas, foram voltadas a um universo bem maior, denominado

juventudes, não se delimitando pela faixa etária (ainda que ela seja também importante), e, sim, pelo seu modo de ser e de estar, não em suas representações, mas em suas apresentações, como destaca Zacariotti (2017).

Neste viés, “as juventudes apresentam elementos comuns e de diferenciação [...] e atentarmos para esses aspectos pode ser crucial para discutir as políticas públicas voltadas para esse segmento e, talvez, o principal, problematizar as especificidades do papel da instituição escolar no mundo atual” (PEREIRA, 2012, p. 89). Ainda, neste sentido, Zacariotti (2017) nos alerta que:

[...], as juventudes refletem e retratam as modificações sociais e são, ao mesmo tempo, seus agentes e pacientes. Tenho a convicção de que refletir a condição das juventudes na sociedade contemporânea pode ser um caminho para a compreensão da configuração social pós-moderna, em meio à acelerada mudança dos processos de produção, da centralidade da tecnologia, de uma reconfiguração de tempo e espaço em função principalmente de um mundo digital, interativo, convergente e globalizado. Há um novo *sensorium* no ar, um processo dinâmico que interfere e ressignifica a constituição de identidades, os modos de se relacionar com o outro e de se firmar socialmente. Este cenário provoca ainda uma saturação das representações e uma consequente necessidade de autorrepresentação. (ZACARIOTTI, 2017, p. 17).

Ser jovem, hoje, num mundo tão competitivo e individualista, não é uma das tarefas das mais fáceis. O grande desafio, hoje, para as juventudes, dinâmica social, visto que, os jovens convivem com questões difíceis de lidar, que geram ansiedade e insegurança, dentre as quais podemos citar a convivência familiar, social e escolar, que podem fazer a diferença. Para reforçar o entendimento das dificuldades enfrentadas pelos jovens, Dayrell (1996) destaca que:

Ao mesmo tempo, porém, existe um outro nível, o das interações dos indivíduos na vida social cotidiana, com suas próprias estruturas, com suas características próprias. É o nível do grupo social, onde os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. É onde os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que se lhes oferecem e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva. (DAYRELL, 1996, p. 07).

Como percebemos Dayrell, já em 1996, apesar de usar o termo jovens, pois não se falava nesse conceito de juventudes, já trazia elementos que são referentes ao que nós hoje podemos chamar de juventudes, ou seja, o olhar de Dayrell, utilizando o termo jovens, é similar ao que nós hoje conceituamos por juventudes.

Essas juventudes, envoltas nesse universo de informações da cibercultura, chegam às escolas e deparam-se com instituições num modelo ancorado na modernidade. No entanto,

estas estão altamente conectadas, no pós-modernismo. Todavia, o foco, aqui, não é entrar na discussão acerca de questões das diferenças sociais que afetam acessos e domínio, em maior ou menor grau, das tecnologias, ou a bens culturais etc., uma vez que, de modo geral, os estudos que embasam a pesquisa se voltam para este assunto.

Evidenciamos a dominância de uma nova ordem na sociedade digital, a qual tem afetado diretamente os modos de ensinar e de aprender. Neste contexto, surgem diversos questionamentos que promovem reflexões sobre a escola, as juventudes e a contemporaneidade. Em que medida as instituições de ensino estão se preparando para as mudanças neste cibercontexto? Que olhar as unidades escolares estão dando para essas juventudes que chegam com novas expectativas? Ressalta-se, aqui, que estas juventudes trazem consigo novos modos de se relacionar, não apenas com o saber, mas também, com o outro (ZACARIOTTI, 2017).

Em tempos contemporâneos, desconsiderar a pessoa e toda a sua bagagem digital é, antes de tudo, anular esse ser e não reconhecer que tais mudanças irão acontecer, ainda que os espaços constitucionalmente constituídos (escola) não concebam que as juventudes, de seu modo puramente intuitivo, estão ano luz à frente do saber difundido por tais instituições.

5 A PESQUISA

5.1 Caminhos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula, que faz parte do programa de Escolas de Fomento do Governo Federal, denominada, no Tocantins, como Escola Jovem em Ação. O município de Miracema, até a presente data, conta com três unidades que ofertam Ensino Médio: Centro de Ensino Médio Santa Terezinha; Colégio Tocantins; e Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula.

Partindo do intuito de se verificar a percepção dos jovens sobre o Ensino Médio de Tempo Integral, escolhemos como lócus de pesquisa o Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem em Ação, visto que, das três unidades presentes no município, é a única de tempo integral, sendo esse o critério de escola para realização da pesquisa.

5.1.1 O objeto da pesquisa

O Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula, situado a Rua Hosana Gonçalves Cavalcante, nº 176 – Setor Santa Filomena, CEP: 77.650-000, em Miracema do Tocantins – TO, foi instituído em 1982, com a denominação de Escola Municipal 25 de agosto, com atendimento somente a séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em 1998, essa Unidade Escolar implantou o curso Médio Básico em sua composição curricular. Já em 2001, essa instituição instrutiva passou atender apenas a esse nível de ensino, denominando-se a partir de então Centro de Ensino Médio (CEM) Dona Filomena Moreira de Paula. Em 2006, a Unidade Escolar passou a atender no período vespertino, ofertando as séries finais do Ensino Fundamental. Em 2007, foi criada a primeira sala de recurso Multifuncional para o atendimento de estudantes com necessidades educacionais especializadas, permanecendo com esse formato de ensino por uma década. A escola foi contemplada, em 2017, com um Programa de Fomento do Governo Federal, tornando-se escola de tempo integral. A escola é direcionada por meio do modelo Escola da Escolha, que surgiu em Pernambuco. No Tocantins, o programa recebeu o nome de Escola Jovem em Ação.

Dessa maneira, o CEM Dona Filomena Moreira de Paula começou a ofertar o Ensino de Tempo Integral, paralelo ao Programa de Fomento, proposto pelo Governo Federal, em

atendimento a Meta seis do PNE e a Meta cinco do PEE. Neste sentido, a escola deixa de atender o Ensino Fundamental e a EJA, atendendo somente a modalidade de Ensino Médio: Tempo Integral, nas séries iniciais do Ensino Médio; e parcial nos anos subsequentes, segunda e terceira séries. Mas, já em 2018, a Unidade Escolar começa a ofertar a primeira e a segunda série do Ensino Médio de Tempo Integral. Em 2019, após esse longo período de transição, a escola já consegue apresentar todas as turmas na modalidade integral.

O modelo de ensino desenvolvido é o da Escola da Escolha, que trabalha o protagonismo dos estudantes à luz dos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, sendo que, para a construção das competências desses quatro pilares, pressupõe o uso de metodologias como a Pedagogia da Presença, a Educação Interdimensional e o Protagonismo Juvenil.

Seu currículo é formado pela parte comum estabelecida na BNCC (2018) e pela parte diversificada, que é composta por: prática experimental, estudo orientado, projeto de vida, disciplina eletiva e avaliação semanal. A centralidade desse modelo de ensino é o Projeto de Vida dos estudantes, que se apoia na construção da identidade e na constituição de uma visão de si próprio, fomentando a responsabilidade pessoal para o desenvolvimento das suas potencialidades.

Porém é importante destacar que, nas escolas que implantaram esse novo formato de Ensino Médio de Tempo Integral, os problemas estruturais permanecem, sendo que as adaptações ainda não formaram efetivas, permanecendo no papel, principalmente nos aspectos referentes à estrutura física e tecnológica, comprometendo, diretamente a qualidade dos serviços educacionais prestados.

De acordo Projeto Político Pedagógico/2019, a Escola Jovem em Ação tem como princípios básicos a formação de jovens autônomos, solidários e competentes, por meio de seus projetos de vida. Dentro dessa perspectiva, “o protagonismo juvenil visa desenvolver nos jovens uma postura ativa, crítica e criativa, trabalho em grupo e a empatia dos estudantes” (PPP/2019). Neste interim, procura-se desenvolver um ambiente democrático, em que o estudante se sinta participante efetivo da sua formação.

Quadro 02 – A estrutura física do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula
– Escola Jovem em Ação

QUANTIDADE	DESCRIÇÃO DE ESPAÇO
10	Salas de aula
01	Sala de Recurso Multifuncional
02	Laboratórios secos e molhados
01	Biblioteca
01	Laboratório de Informática sem uso
01	Sala da Direção
01	Secretária
01	Sala da Orientação Educacional
01	Sala da Coordenação Pedagógica
01	Sala Administrativa Financeira
01	Sala de Professores
01	Cantina
01	Refeitório em Construção
02	Banheiro para servidores
04	Banheiros para uso dos estudantes
01	Quadra de Esporte coberta
01	Espaços para reuniões coberto

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 03 – Recursos Humanos do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem em Ação

QUANTIDADE	DESCRIÇÃO DE PESSOAL
16	Professores regentes de sala
03	Professores auxiliares
01	Professor regente – sala de Recurso Multifuncional
01	Diretor (a)
01	Coordenador Administrativo Financeiro- CAF
01	Secretário Escolar
02	Auxiliar de Administrativo – AA
03	Coordenador de Programas e Projetos – CPP
01	Inspetor de Pátio

01	Auxiliar de Serviços Gerais - Portão – ASGP
01	Orientador Educacional
02	Coordenadores Pedagógicos
08	Auxiliar de higienização Escolar – AHE
03	Auxiliar de Monitoramento de Patrimônio Escolar – AMPE
04	MAE - Manipuladora de Alimento Escolar

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com o Quadro 03, a escola conta com 48 servidores, entre administrativos e professores. Esses profissionais contribuem para a organização e o funcionamento do ambiente escolar. Recentemente, a unidade escolar passou por uma reforma, bem como, foi construído um refeitório para os alunos, para melhor adequação da estrutura física.

Na sua organização, a escola dispõe de um Projeto Político Pedagógico (PPP) e um Plano de Ação, com metas e estratégias para garantia do direito de aprendizagem dos estudantes, além de um Regimento Interno, com normas e orientações para o direcionamento das atividades internas que são reestruturadas anualmente de acordo o regimento padrão do estado. Neste sentido, destacamos o art. 6º e 7º do Regimento Interno, que trata dos deveres e algumas vedações, fatores muito bem enfatizados pelos estudantes, na escuta do grupo focal (TOCANTINS, 2019).

5.1.2 Sujeitos da pesquisa

O Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola de Tempo Integral - Jovem em Ação conta com 192 estudantes matriculados no primeiro semestre de 2019, distribuídos em três turmas de primeira série, que somam 78 estudantes; três turmas de segunda série, que somam 75 estudantes; e duas turmas de terceira série, com 40 estudantes. Nossa pesquisa concentrou-se especialmente nas turmas de segunda e terceira séries, que somam 115 estudantes. Desses discentes, participaram da pesquisa 44 alunos, a escolha destes deu-se de forma aleatória.

Conforme nossa pesquisa, ao que diz respeito ao público atendido, grande parte mora próximo à escola, muitos vão a pé, outros utilizam bicicleta, poucos vão de carro ou moto. A faixa etária dos estudantes varia entre 15 a 20 anos, sendo que a renda familiar varia de um salário mínimo até mais de quatro salários mínimos. A maioria dos estudantes reside em casa própria e tem acesso à internet. As mães apresentam maior grau de escolaridade, em

comparação aos pais (o percentual de mães varia entre Ensino Médio Completo e Ensino Superior; o percentual de pais varia entre Ensino Fundamental Incompleto à Ensino Médio Incompleto). Em relação à empregabilidade, tanto os pais quanto as mães, em sua maioria, são autônomos, empregados (as) temporários (as) ou servidores públicos.

Atualmente, Gabriela Fernanda do Carmo é a Diretora do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Tempo Integral – Escola Jovem em Ação. A diretora mencionada é formada em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Salgado de Oliveira, em Goiânia, e possui especialização em Língua Portuguesa, na mesma universidade. Neste momento, como segunda graduação, a professora Gabriela está cursando Pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Miracema do Tocantins. Merece destaque o fato que a Diretora atua na área educacional há mais de 12 anos, entre regência de sala de aula e a Diretoria Regional de Ensino de Miracema – TO.

5.1.3 Metodologia

A pretensão inicial seria realizar uma amostragem das três turmas (primeira segunda e terceira série do Ensino Médio). Todavia, após a primeira abordagem com a equipe gestora, optamos por ficar apenas com as turmas da segunda e terceira séries, pois, entendemos que estas teriam mais condições de avaliarem a escola e sua metodologia. Também, entendemos que seria importante ouvir a gestora da unidade, uma vez que teríamos acesso às informações sobre a política da escola, bem como, sobre as questões pedagógicas.

Esta investigação classifica-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, com dados bibliográficos de primeira mão (documentos oficiais da escola) e de segunda mão (livros, artigos, documentos digitais), utilizamos como técnicas de coleta de dados: questionários com questões abertas e fechadas; grupo focal; e entrevista semiestruturada. Sendo assim, a abordagem é qualitativa, com levantamentos de dados quantitativos.

Para realização desta pesquisa, buscamos autorização da Diretoria Regional de Ensino de Miracema (DRE), e da gestora do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula.

Em fevereiro de 2019, iniciamos as visitas ao Centro de Ensino Médio, a fim de realizar o levantamento das informações inqueridas, utilizamos de fontes primárias para obter o número de turmas, número de alunos por turma, horário de atendimento e programa de ensino desenvolvido na escola. Essas informações foram obtidas em conversa com a equipe gestora da Unidade e leituras de documentos oficiais da instituição. Também, conversamos

com os coordenadores de área e professores para a devida apresentação do projeto e solicitamos apoio dos docentes para a realização da pesquisa.

De posse dos dados levantados, definimos a amostra de estudo: três turmas da segunda série e duas turmas de terceira série. Ao iniciarmos a pesquisa em campo, o projeto foi apresentado aos estudantes no período de uma semana, ressaltando os objetivos, relevância e o motivo da participação desses jovens na referida pesquisa. Após apresentação do projeto e os devidos esclarecimentos em relação a dúvidas, foram entregues os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)⁹ e os Termos de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)¹⁰. Essa mobilização aconteceu durante os dias de 14 a 27 de fevereiro de 2019.

De posse dos termos de Assentimento (TALE) e Consentimento (TCLE), devidamente assinados, aplicamos a 08 alunos o pré-teste do questionário (apêndice A), que tinha 44 questões, 08 abertas e 36 fechadas.

A pesquisa também se classifica em um estudo bibliográfico, por buscarmos materiais publicados, como livros, periódicos, dissertações, redes eletrônicas, entre outros.

No aspecto exploratório, propomo-nos identificar a percepção dos jovens sobre o Ensino Médio integral ofertado em Miracema do Tocantins, com a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, nesta perspectiva, proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (GIL, 2008). Com o foco de detalhadamente descrever todos dados desta investigação, Gil (2008, p. 28) expõe que “a pesquisa descritiva tem por objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, que estabelece relações entre variáveis para melhor compreensão dos fatos.”

Para Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito, com objetivo de conhecer a opiniões e expectativas envolvidas na vivência do cotidiano.” Para Gil (1999), o questionário é uma técnica de pesquisa que serve para coletar as informações da realidade. Para o autor, o questionário apresenta vantagens sobre as demais técnicas de coleta de dados. Desta maneira, todo o questionário, com perguntas abertas e fechadas, foi elaborado levando em consideração a clareza e objetividade. O roteiro dos questionários aplicados encontra-se disponível no corpo deste trabalho: Apêndice A,

⁹Assentimento livre e esclarecido - anuência do participante da pesquisa, os participantes devem ser esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, respeitados em suas singularidades o desejo de sua participação. Ver mais em: e RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016.

¹⁰Entende-se por Processo de Consentimento Livre e Esclarecido todas as etapas a serem necessariamente observadas para que o convidado a participar de uma pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida. Ver mais em: e RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016.

questionário realizado com os estudantes; Apêndice B, roteiro de entrevista semiestruturada utilizado com a gestora da unidade de ensino.

Observamos, no pré-teste, que algumas questões deveriam ser reelaboradas para melhor compreensão. Do universo de 96 alunos das segundas e terceiras séries, obtivemos 44 retornos positivos para participarem da pesquisa, correspondendo a 45,83%. Assim, aplicamos o questionário aos estudantes que aceitaram participar em um dia previamente combinado com a direção da escola. A tabulação dos dados foi realizada por meio de uma planilha do Excel 2010, formando um banco de dados. As questões abertas (totalizam oito perguntas) foram dispostas em um quadro, agrupadas por familiaridade de respostas.

Na segunda fase da pesquisa, após análise dos dados do questionário, utilizamos a técnica do grupo focal, a fim de avaliar de modo mais aprofundado as percepções levantadas nos questionários. Participaram do grupo focal seis estudantes, que correspondem a 13,63% do universo dos participantes, para aprofundar um pouco mais nas questões em relação ao protagonismo juvenil; aula diferenciada; tecnologias utilizadas pelos docentes; normas escolares; e escola de tempo integral, desse modo, extrair o máximo de informações relevantes sobre a concepção ensino e escola de tempo integral presente na ideia dos participantes do grupo.

Para a realização do grupo focal, foi desenvolvido um roteiro de entrevista semiestruturada, disponível no apêndice D, com questões que contribuíssem para alcançar os objetivos da pesquisa. Para Gatti (2005), a elaboração desse roteiro deve ser muito cuidadosa, sendo a flexibilidade um fator imprescindível. Nesse sentido, evitamos a excessiva intervenção por parte da pesquisadora, deixando as conversas fluírem naturalmente, direcionando o foco quando necessário.

O registro dessas entrevistas foi realizado por meio de um telefone celular (Samsung J2 Primer). Optamos em gravar em áudios, utilizando, como auxílio, um caderno para algumas anotações. Para Morgan (1997, p. 45), nos grupos focais, as pessoas tendem a ficar mais à vontade com o áudio do que em vídeos.

Seguimos as orientações de Gatti (2005), em relação ao número de participantes, optamos por não formar um grupo muito grande, mas sim um número razoável de participantes, tendo em vista que o recomendável para construção do corpus de um grupo focal se estabeleça entre seis a doze pessoas.

Para o desenvolvimento do grupo focal, realizamos um levantamento das respostas de acordo com os elementos que traziam importantes aspectos em relação ao objetivo da pesquisa. Assim, como tínhamos o e-mail dos respondentes, perguntamos por e-mail se

poderiam participar dessa etapa da pesquisa e obtivemos adesão de 100% dos convidados (seis alunos). Em dois dias, reunimo-nos com esses alunos, uma hora por dia, para dialogarmos sobre as temáticas: protagonismo juvenil; aula diferenciada; tecnologias utilizadas pelos docentes; normas escolares; e escola de tempo integral. Os encontros foram gravados em áudio e reportados em caderno de anotações.

Na elaboração do e-book, foi aludido, como referência, todo o percurso investigativo, desde a escolha do tema, as aproximações com a escola, às abordagens com estudantes e corpo docente, as reflexões, análise e discussão dos dados, como também, as orientações que estão dispostas na seção III.

5.2 Descrição e análise dos dados

5.2.1 – Parte I – Questionários

Os questionários desta pesquisa foram divididos em três seções: na primeira parte, buscamos traçar o perfil dos participantes e sua relação com as tecnologias; a segunda seção discorre sobre a percepção dos estudantes quanto ao método de ensino em sala de aula e a formação docente; e terceira seção tem como foco a estrutura física da escola de tempo integral.

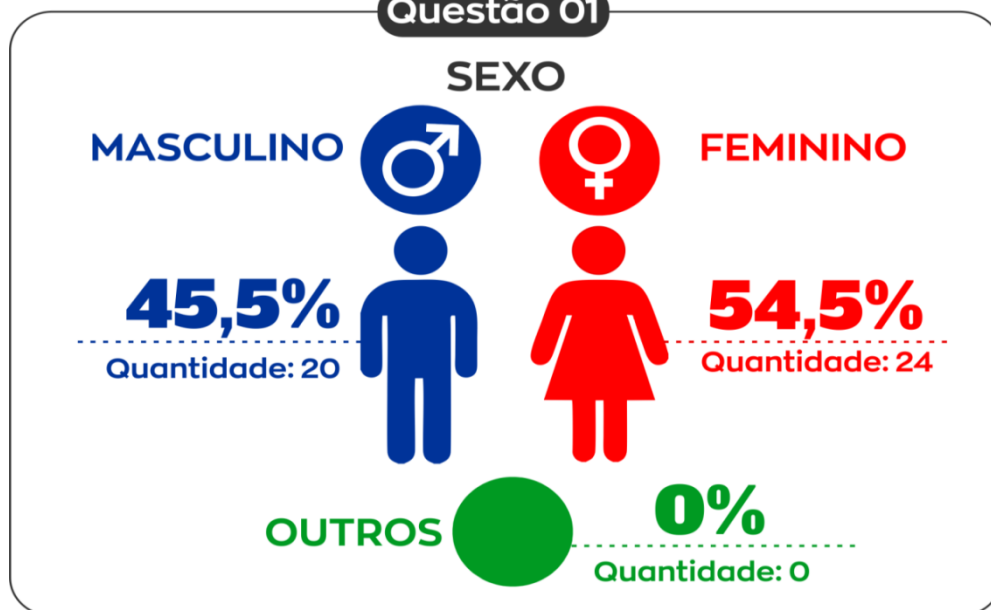
Gil (2008, p. 164) orienta que, para uma boa apresentação dos resultados, é necessária “a prévia descrição dos dados, que, geralmente, é feita mediante tabelas, quadros e gráficos seguidos de textos esclarecedores”. E, para a apresentação dos dados, conforme Gil (2008), devemos agrupar as categorias que apresentam maior semelhança entre si. Deste modo, os gráficos foram dispostos em figuras (infográficos) e agrupados em seções para melhor compreensão de leitura, interpretação e análise de dados.

5.2.2 Sujeito, internet e o espaço escolar.

Em relação ao perfil, a primeira questão procurou identificar o sexo dos estudantes. Segundo os dados colhidos, a maioria é do sexo feminino.

Gráfico 01 – Sexo?

Questão 01

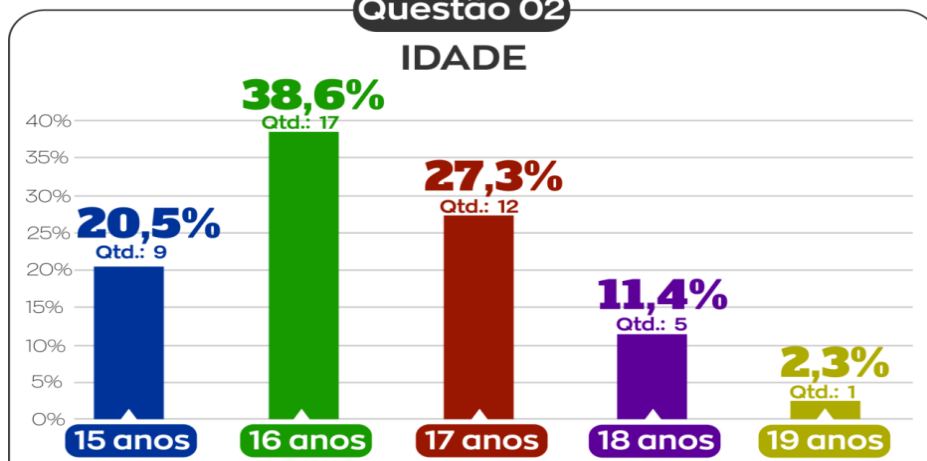


Fonte: Elaborada pela autora.

A segunda questão levantou a idade dos estudantes. Percebemos que a maioria dos estudantes está com idade entre 16 e 17 anos.

Gráfico 02 – Qual sua idade?

Questão 02



Fonte: Elaborada pela autora.

A terceira questão colheu informações sobre a série que os estudantes estão cursando. Percebemos que maioria está cursando a segunda série.

Gráfico 03 – Que série do Ensino Médio está cursando?



Fonte: Elaborada pela autora.

A quarta questão busca dados sobre a cor, segundo as categorias usadas pelo IBGE. Podemos perceber que maioria se autodeclaram pardos, seguidos de negros e brancos, uma pequena parte indígena.

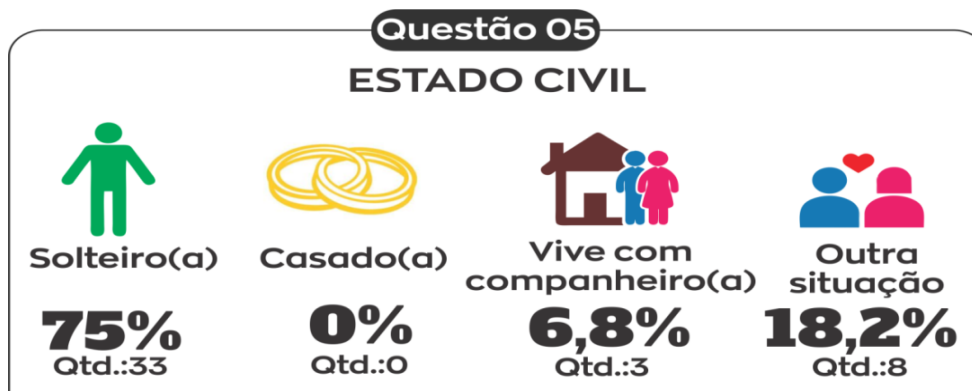
Gráfico 04 – Qual a sua cor de acordo as categorias apontadas pelo IBGE?



Fonte: Elaborada pela autora.

A quinta questão colheu dados sobre o estado civil desses jovens. Podemos perceber que a maioria é solteira, uma boa parte está namorando e uma pequena parte vive com companheiro (a).

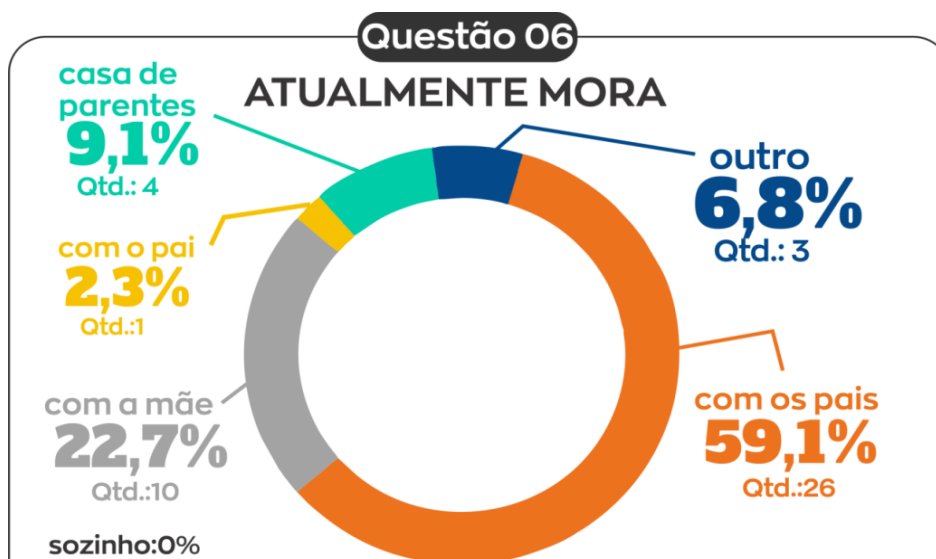
Gráfico 05 – Qual o seu estado civil?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão seis colheu dados sobre com quem os estudantes moram. Os resultados revelaram que a maioria mora com os pais e que uma pequena parte mora com o (a) companheiro (a).

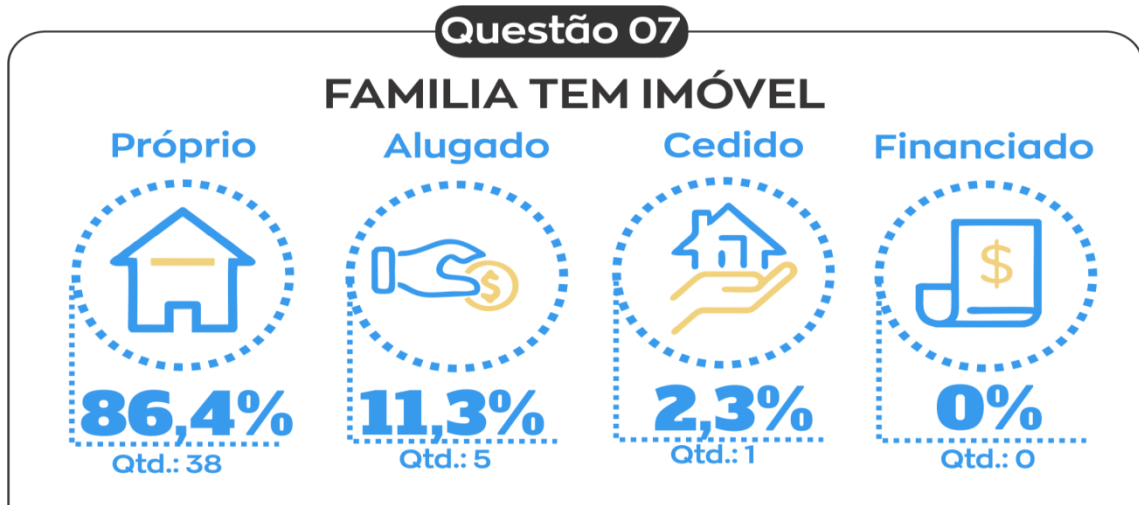
Gráfico 06 – Atualmente você mora?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão sete abordou sobre a condição de moradia dos participantes da pesquisa. Constatamos que a maioria dos estudantes vive em residências próprias (dos pais ou responsáveis).

Gráfico 07 – Qual a situação do imóvel que sua família mora?



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar os dados que envolvem o perfil dos estudantes, observamos que, em sua maioria, são do sexo feminino (54,5%). A faixa etária varia entre 15 a 19 anos, com destaque a idade de 16 anos, que aparece com maior incidência (38,6%), destes, a maioria está cursando a segunda série do Ensino Médio. Em relação à classificação da cor, de acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A maioria é parda 56,8%, somando aos que disseram ser negros 20,5%, temos um total de 77,3% de pardos e negros e somente 20,5% de brancos. A maior parte dos estudantes pesquisados é solteira, mora com os pais, alguns namoram e uma pequena parte vive com companheiro (a), o que representa 6,8%.

Na questão oito, os estudantes foram perguntados sobre qual a renda média do seu grupo familiar. Os dados revelaram que a maioria dos respondentes tem renda familiar de até um salário mínimo. Se juntarmos os que ganham menos de um salário 15,9%, com os que ganham um salário 34,1%, teremos 50% do universo pesquisado. Se pegarmos os que ganham entre dois e três salários mínimos teremos 36,4%. Portanto, podemos afirmar que a renda familiar do grupo pesquisado é baixa, já que 86,4% ganham até três salários mínimos.

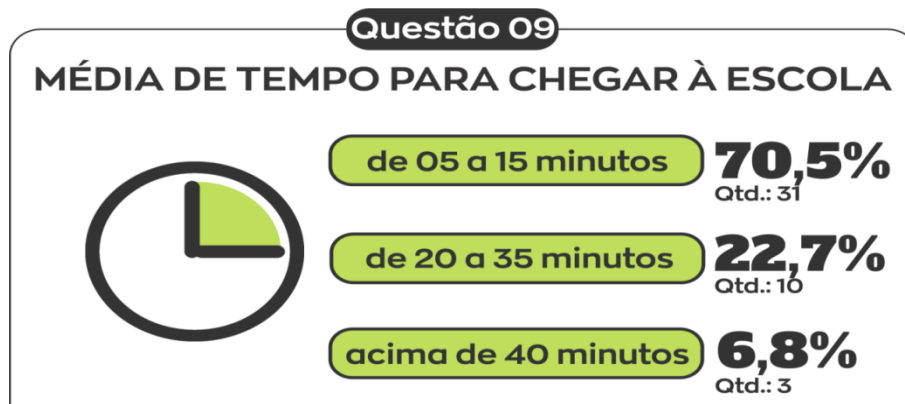
Gráfico 08 – Qual a Renda média da família?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão nove buscou saber quanto tempo, em média, os estudantes costumam levar para chegarem à escola. Os resultados revelaram que a maioria leva, aproximadamente, de cinco a quinze minutos.

Gráfico 09 – Qual a média de tempo para chegar à escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

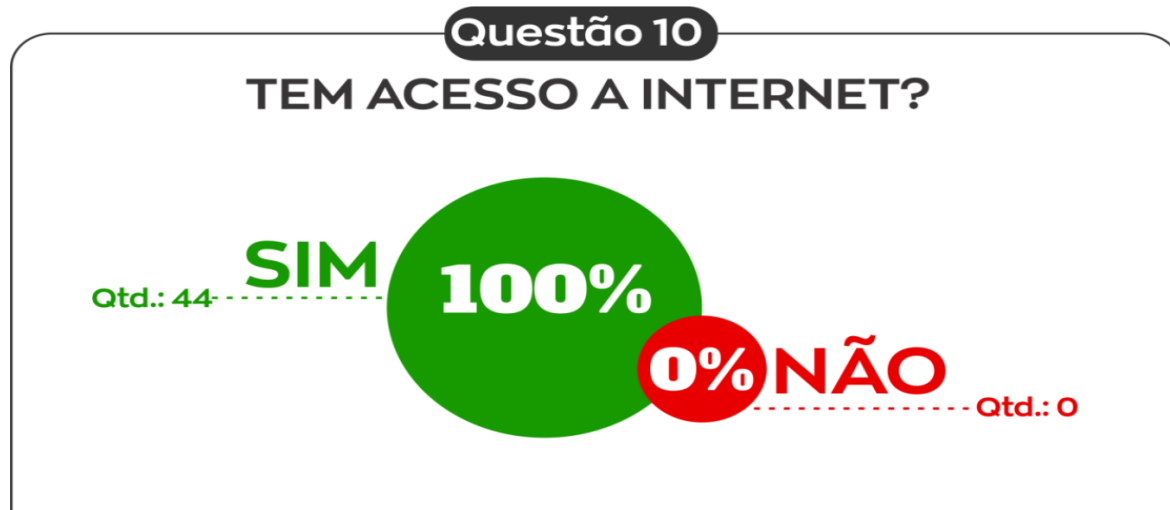
Após análise dos dados socioeconômicos cedidos pela escola, juntamente aos dados colhidos na pesquisa, podemos afirmar que, em sua maioria, os estudantes moram com os pais, e por se tratar de escola de tempo integral, subentendemos que só estudam. A renda média das famílias gira em torno de um salário mínimo a três salários mínimos. Apesar de terem uma renda baixa, 85% possuem moradias próprias. A escola está localizada em uma região periférica do município a maioria dos estudantes mora próximo da escola, muitos vão a pé ou de bicicleta, poucos vão de carro ou moto.

Observamos que as famílias dos estudantes, no contexto socioeconômico, apresentam boas condições de vida, mais de 85% possuem moradias próprias, mesmo estando a escola

localizada em uma região periférica do município. Os estudantes, em sua maioria, moram próximo da escola, muitos vão a pé ou de bicicleta, poucos vão de carro ou moto.

A questão 10 é relativa ao acesso à internet. Os resultados comprovam que todos os alunos dispõem de acesso à internet (100%).

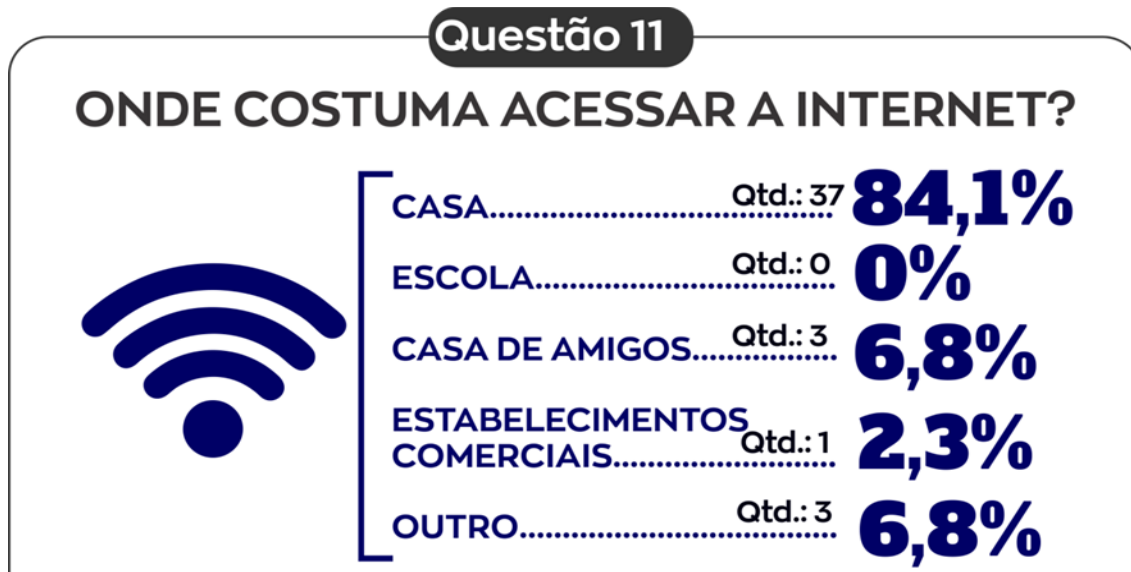
Gráfico 10 – Tem acesso à internet?



Fonte: Elaborada pela autora.

Paralelo à questão anterior, na pergunta 11, buscamos saber de onde aluno costuma acessar essa internet. Podemos perceber que a maioria acessa da própria casa, seguido de casa de amigos, da avó, dados móveis e estabelecimentos comerciais, destacando a escola como um lugar que não dispõe do acesso à internet.

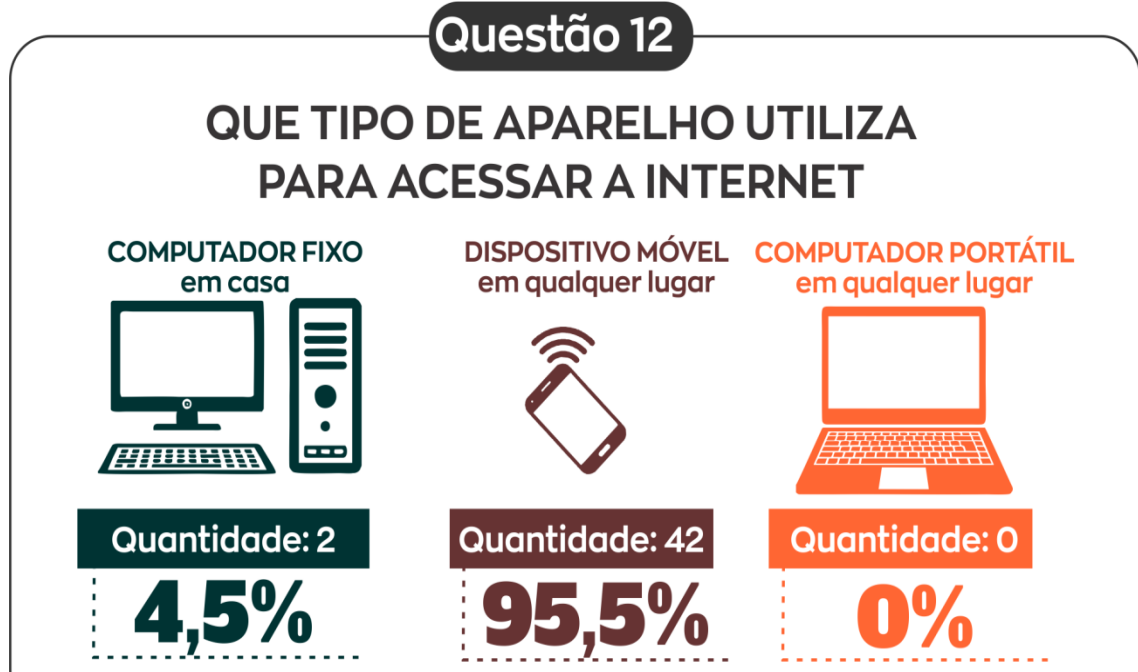
Gráfico 11 – De onde costumam acessar a internet?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 12 colheu informação sobre o tipo de dispositivo mais usado para acessar à internet. Constatamos que a maioria usa o dispositivo móvel “celular”.

Gráfico 12 – Dispositivo mais utiliza para acessar a internet?



Fonte: Elaborada pela autora.

A esse respeito, Dayrell et. al (2013, p. 25) afirma que os “jovens de hoje são nativos digitais, uma geração nascida na era da internet”, constituindo-se uma nova cultura no ciberespaço. Merece destaque o fato de que o conceito de juventudes não está atrelado apenas aos nascidos na era digital e que vivenciam essa cibercultura. A condição juvenil e o processo de juvenilização da sociedade, que envolvem inclusive uso excessivo das redes sociais, não têm a ver com idade cronológica ou geração. No caso de nosso estudo, pode-se dizer que também se aplica o conceito de nativos digitais, uma vez que a idade dos alunos gira em torno de 17 anos.

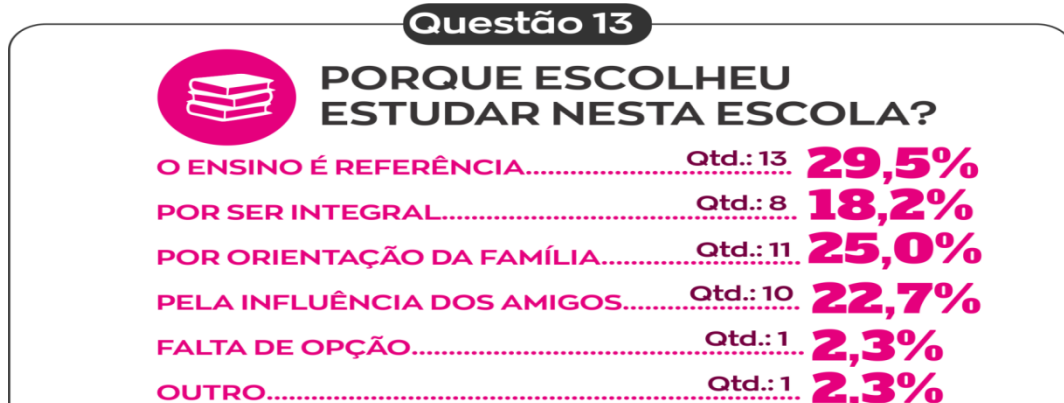
Em contrapartida, ao analisarmos os dados, observamos que a questão “acessar na escola” não foi apontada. Isso pode ser em função de a escola ter regras e normas em relação à portabilidade e uso de celular. Tal regra está disposta no Regimento Interno da Escola Jovem em Ação, presente no Capítulo II, Art. 7º, inciso VIII, que trata das vedações: “é expressamente proibido ao aluno a utilização de celular, [...] na sala de aula ou qualquer dependência da U.E” (TOCANTINS, 2018, p. 32). Outro motivo pode ser pela indisponibilidade de rede

Porém, foi pontuado pelos estudantes participantes do grupo focal e com a gestora, em

outro momento de entrevista, que há uma flexibilização no uso de celular em aulas previamente planejadas. Os estudantes têm acesso livre à internet em horário organizado pela escola (a saber, horário do almoço: das 11h30 às 12h50), porém, poucos fazem uso, devido à internet disponibilizada não suportar a demanda. Essa rede é disponibilizada pelo Governo Federal, por meio do Programa Banda Larga na Escola (PBLE) e não tem muita capacidade. Neste sentido, a Diretora acrescentou que já se pensa em uma reestruturação do regimento ao que se refere ao Art. 7º, inciso VIII.

A questão 13 examinou os reais motivos que levaram os jovens a escolherem esta escola. Percebemos que a escolha de estudar nessa instituição passa primeiro pela influência da família e depois dos amigos, uma pequena parte por falta de opção e porque moram perto da escola. O quesito da integralidade é algo percebido como ideal para os pais, não para os alunos.

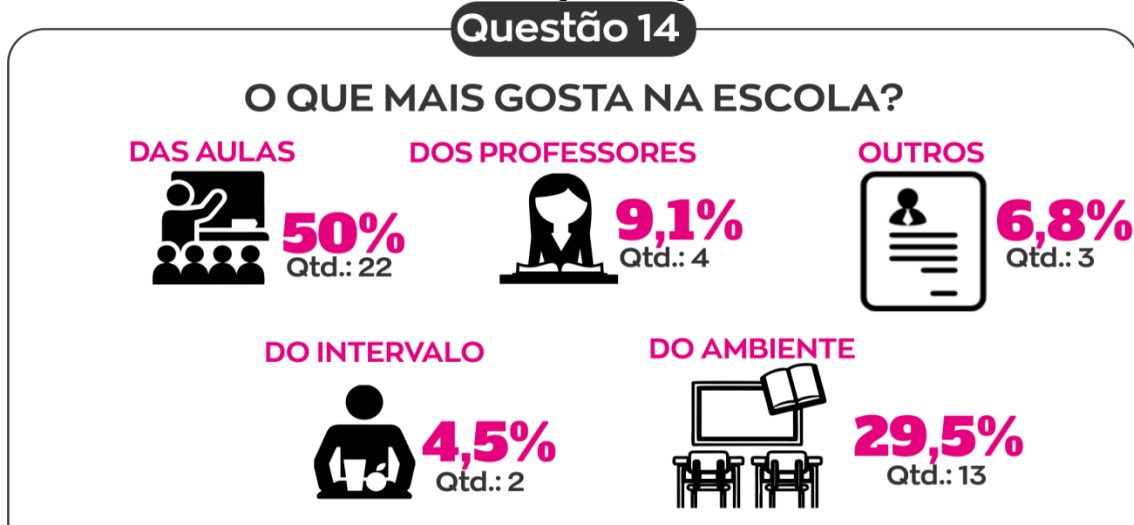
Gráfico 13 – A escolha de estudar nesta escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 14 verificou o que os estudantes mais gostam na escola. Os dados revelaram que gostam das aulas, do ambiente, . No entanto, há pouca expressão quando esse gostar se direciona aos professores, sendo que estes são parte integrante nesse processo educacional, nas aulas em si.

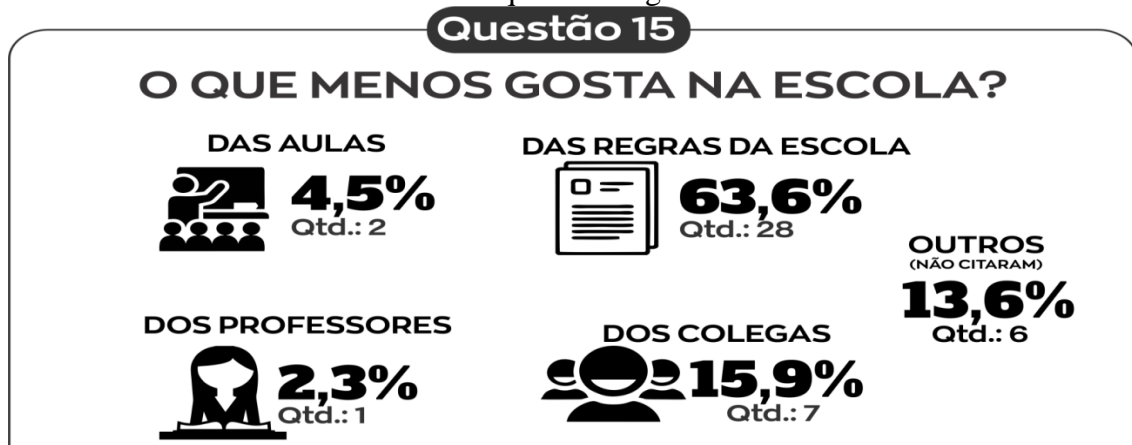
Gráfico 14 – O que mais gosta na escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 15 tinha por objetivo verificar o que os estudantes menos gostam na escola. As respostas evidenciaram que a maioria não gosta das regras da escola.

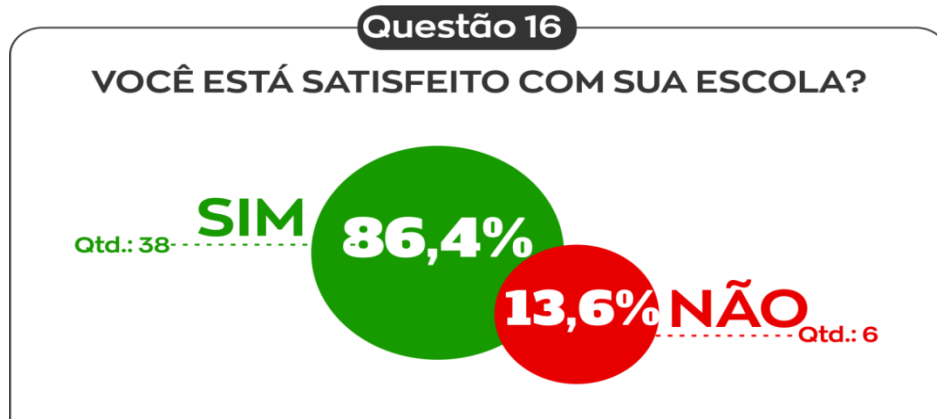
Gráfico 15 – O que menos gosta na escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 16 visou examinar se os estudantes estão satisfeitos com a escola. Observamos que a maioria disse que sim. Conforme pode-se ver no infográfico. No entanto, eles também deixaram claro que não gostam das regras estabelecidas.

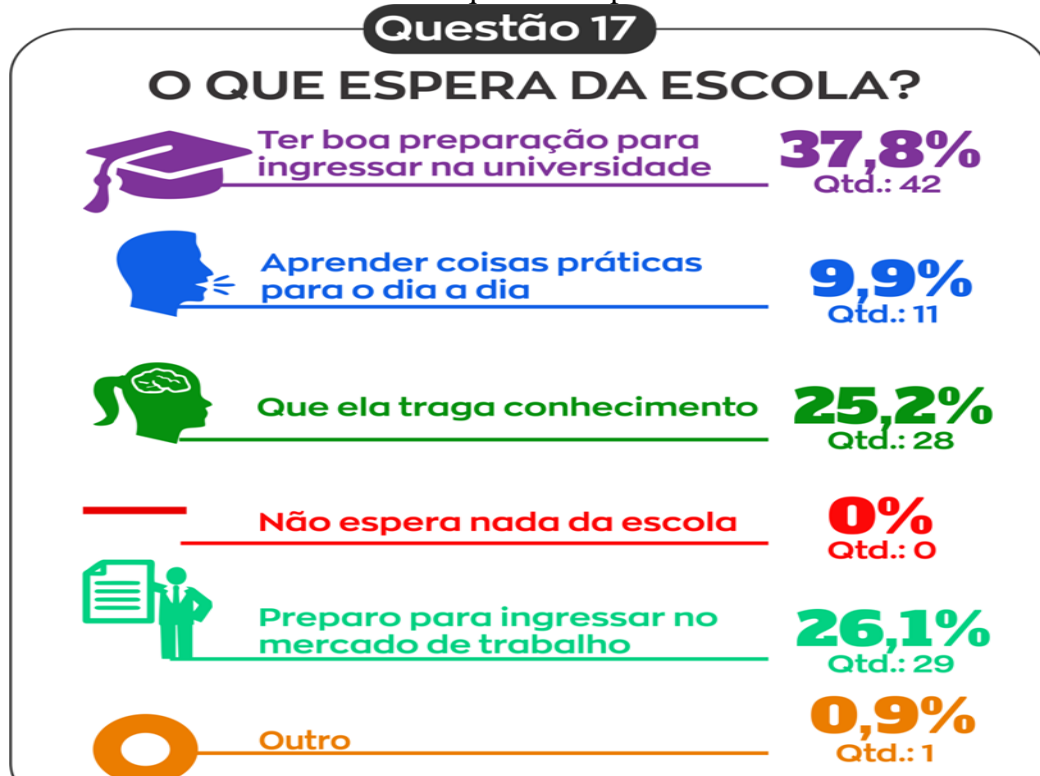
Gráfico 16 – Você está satisfeito com sua escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 17 teve por finalidade verificar o que os estudantes esperam da escola. Nesta questão, os alunos poderiam marcar até três alternativas, como resultado obtivemos 111 respostas. Observamos que a maioria espera ter uma boa preparação para o ingresso à universidade, associado ao de fluxo de conhecimento. Porém, percebemos também o desejo por preparação e ingresso ao mercado de trabalho.

Gráfico 17 – O que você espera da escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

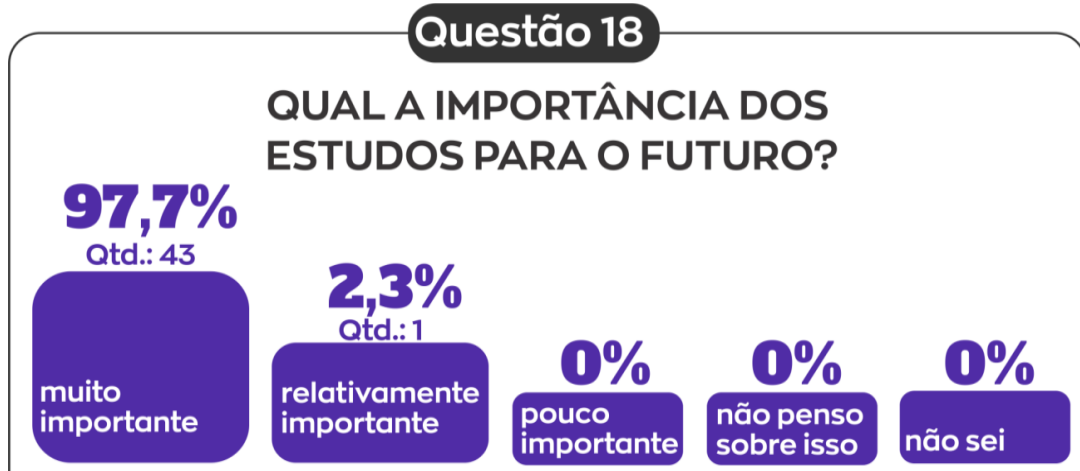
De posse dos dados e análise realizada, observamos. Que mais de 50% escolheram estudar nessa escola por orientação e influência da família e dos amigos. Os estudantes citam o ambiente escolar e a qualidade das aulas como os aspectos que mais gostam na instituição e as regras como algo que menos gostam na escola. Curioso também que muitos disseram não gostar dos colegas. Esta é uma etapa de muita interação, de vivências, de trocas nas tribos, como destaca Maffesoli. Por isso encontramos estranha esta colocação e vale investigar o porquê. Vimos também que há uma certa reticência em relação aos docentes e desagrado com as regras. Então, podemos compreender que “as regras ou algo que seja considerado regras ou normas” estão dificultando a vivência destes estudantes no interior da escola. Cabe entender esta questão, pois o projeto da escola é de protagonismo, o que pressupõe decisões coletivas, participação ativa dos estudantes em todos os processos. Ou seja, há uma lacuna aí que precisa ser melhor analisada.

Importante fazer um contraponto com relação a esse gostar da escola no caso, inclusive de ser tempo integral). Ferretti (2018) nos lembra que a proposta de escola de tempo integral está ancorada na meta seis do Plano Nacional de educação (PNE), mas chama a atenção para um ponto nesta proposta. Se ideia é almejar qualidade educacional, deve-se ter claro que qualidade de ensino “não se define apenas pela extensão da jornada, mas também, pela criação de condições objetivas para que tal extensão resulte, de fato, em melhor educação [...]” (FERRETTI, 2018, p. 28). Isso merece destaque, pois constatamos que 86% dos estudantes estão satisfeitos com a escola e acreditam que o ensino adquirido proporciona múltiplos conhecimentos e possibilita seu acesso à universidade, como também, os preparam para a inserção no mercado de trabalho. Certo, esta percepção deles tem a ver também com a concepção que os pais, familiares e amigos têm, melhor dizendo, com a percepção geral da sociedade. Além disso, em comparação a escolas que não são de tempo integral pode-se dizer que esta última tem fama de ser melhor. Como destaca Dayrell (2011, p. 260):

5.2.3 Percepção de ensino e a formação docente

Na questão 18 procuramos saber qual a importância dos estudos para o futuro. Percebemos que a maioria considera os estudos como algo muito importante.

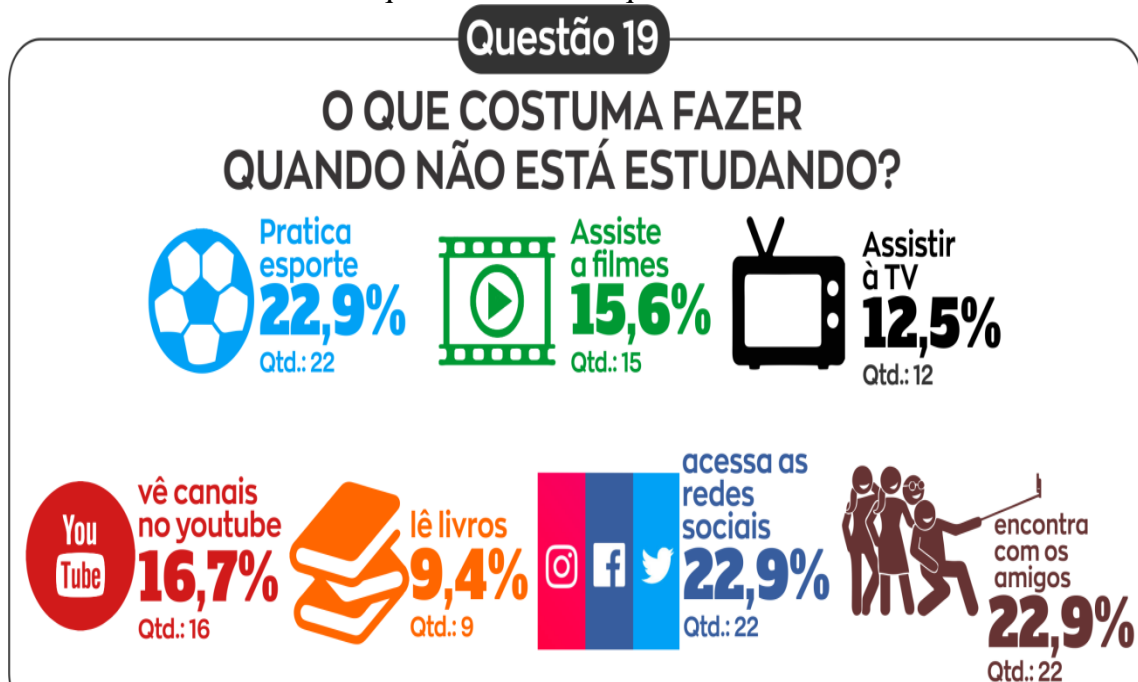
Gráfico 18 – Qual a importância dos estudos para o seu futuro?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 19 investigou o que os estudantes costumam fazer quando não estão estudando. Novamente poderiam marcar até três alternativas, obtivemos 96 respostas. Esta questão buscou entender o que fazem fora da escola, já que passam a maior parte do tempo estudando. O ritmo da escola permite outras atividades? E quais seriam elas?

Gráfico 19 - O que costuma fazer quando não está estudando?



Fonte: Elaborada pela autora.

A maioria entende que os estudos são muito importantes para o futuro. Entendemos que os momentos livres, fora da escola, estão mais relacionados à interatividade, seja através

do acesso às redes sociais ou encontros com os amigos.

Constatamos que, neste formato de ensino de tempo integral, os estudantes passam muito tempo na escola, precisamente, nove horas e meia. Verificamos nas conversas e anotações de campo que, mesmo nos momentos de descanso ou lazer (fim de semana), a escola se faz presente, pois estão atentos e focados nos conteúdos em atenção às avaliações semanais.

A questão 20 teve por objetivo verificar como os estudantes acham que os professores os vêem. Nesta verificação, marcaram até três alternativas, e obtivemos 109 respostas. Os dados revelaram certa equiparação, entre as características positivas e negativas.

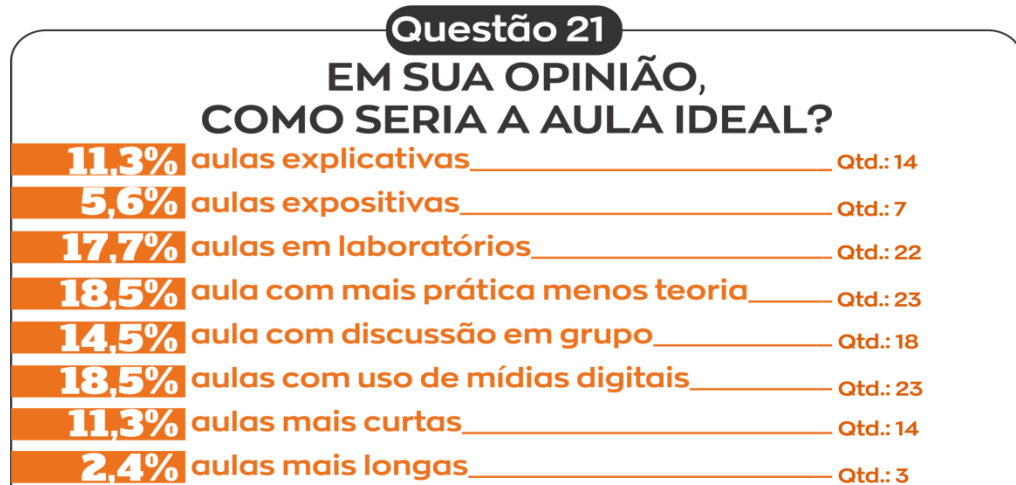
Gráfico 20 – Como pensam que os professores os veem?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 21 teve por objetivo saber qual a concepção do aluno sobre a aula ideal. Novamente poderiam marcar até três alternativas, somaram-se 124 respostas. As respostas evidenciaram que eles preferem aulas mais práticas, nos laboratórios, com mídias digitais, mais curtas e discussão em grupo.

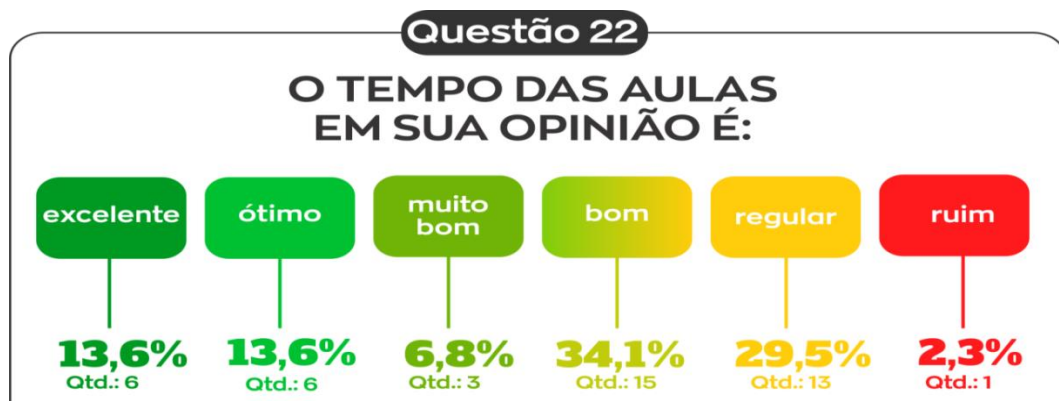
Gráfico 21 – Em sua opinião, como seria a aula ideal?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 22 objetivou saber qual a opinião dos estudantes a respeito do tempo das aulas. Os dados permitem afirmar que a maioria está satisfeita com o tempo exercido, atualmente de 50 minutos. Mas muitos apontaram ser regular ou ruim. Este dado vai ao encontro do que disseram na outra questão, quando alguns apontaram preferir aulas mais curtas.

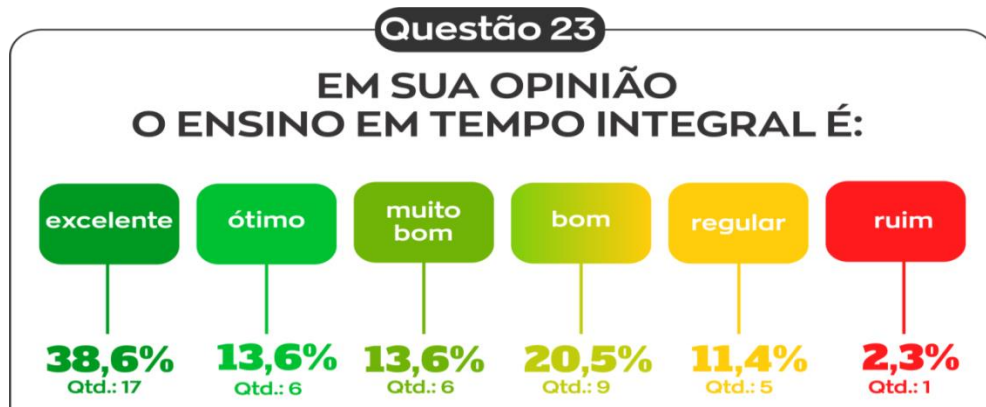
Gráfico 22 – Em sua opinião como considera o tempo das aulas?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 23 tentou saber qual a opinião dos estudantes sobre o ensino de tempo integral. Apesar de a maioria ter opinado que o tempo integral é de bom a excelente, cabe pensar o que está envolvido nesta opinião.

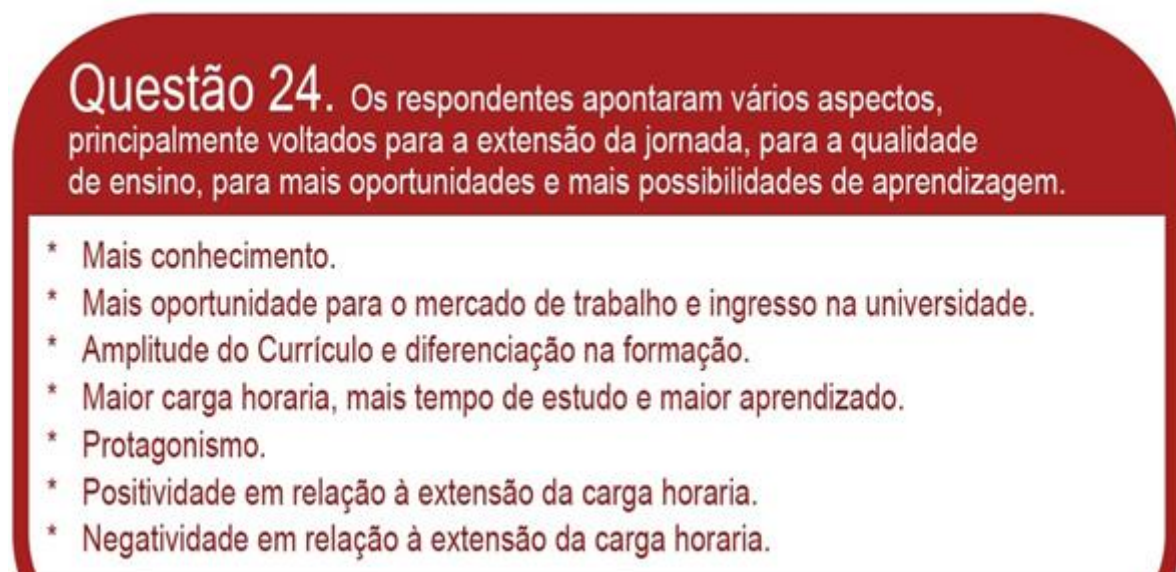
Gráfico 23 – Em sua opinião, como classifica o ensino de tempo integral?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 24 teve por objetivo investigar o que diferencia o ensino de tempo integral do ensino regular. Esta questão foi aberta e, para melhor compreensão dos dados, foi necessário agrupar por proximidade de o que nos permitiu chegar às posições a seguir:

Gráfico 24 – Em sua opinião, o que diferencia o ensino de tempo integral do ensino regular?



Fonte: Elaborada pela autora.

Os participantes da pesquisa apontam como diferencial entre o ensino de tempo integral e ensino regular, a centralidade do ensino no projeto de vida dos estudantes e no protagonismo juvenil, uma vez que a nova proposta está focada nas ações das juventudes, pontos por eles enfatizados. Neste sentido, ao observar os índices de aproveitamento da escola e analisar as falas dos estudantes, acreditamos que, no olhar destes, o programa de escolas de tempo integral, aqui representada pela Escola Jovem em Ação, traz uma abordagem

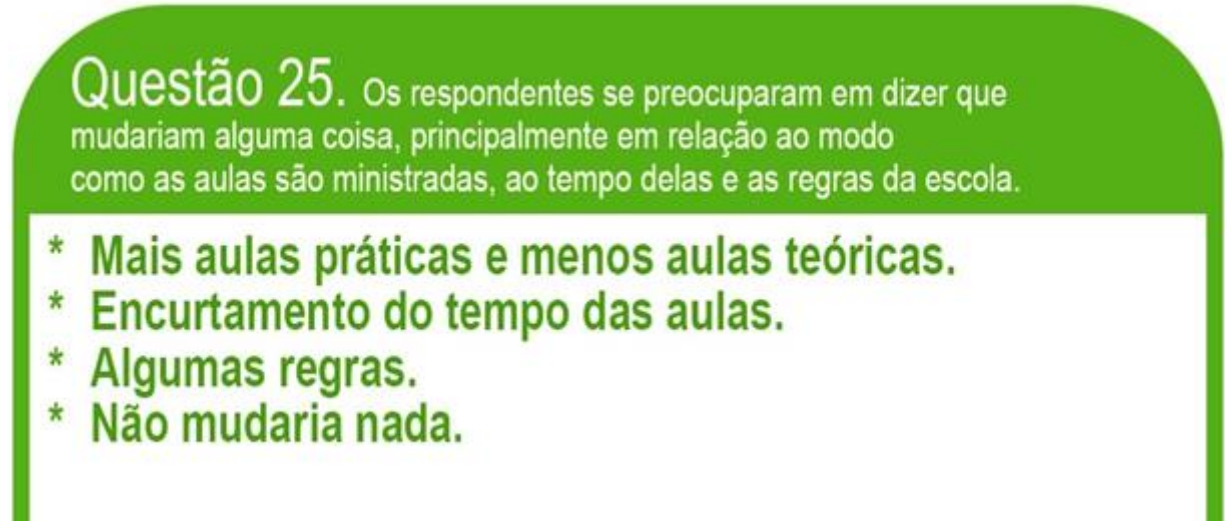
diferenciada. Provavelmente há comparação com colegas que estudam em escolas não integrais e algumas exigências do programa podem, também, trazer essa ideia, pois o Guia de Orientações para a Execução do Programa de Fomento das Escolas Jovem em Ação (2019) destaca que:

O Estudante e seu Projeto de Vida como a centralidade do Modelo e utilizam da Base Comum Curricular e da Parte Diversificada (Projeto de Vida, Estudo Orientado, Avaliação Semanal, Disciplinas Eletivas, Nivelamento e Práticas Experimentais) juntamente com Metodologias de Êxito (Acolhimento e Tutoria) e os instrumentos de gestão (Plano de Ação, Programas de Ação e Guias de Aprendizagem) para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem. (TOCANTINS, 2019, p. 2).

Mesmo tendo um índice alto de aprovação pelos participantes, quisemos aprofundar um pouco mais esta percepção, entender melhor, o que foi possível no grupo focal.

A questão 25 questionou aos participantes sobre o que mudaria no modo como a escola ensina. Esta questão também foi aberta e novamente agrupamos as respostas por similaridade.

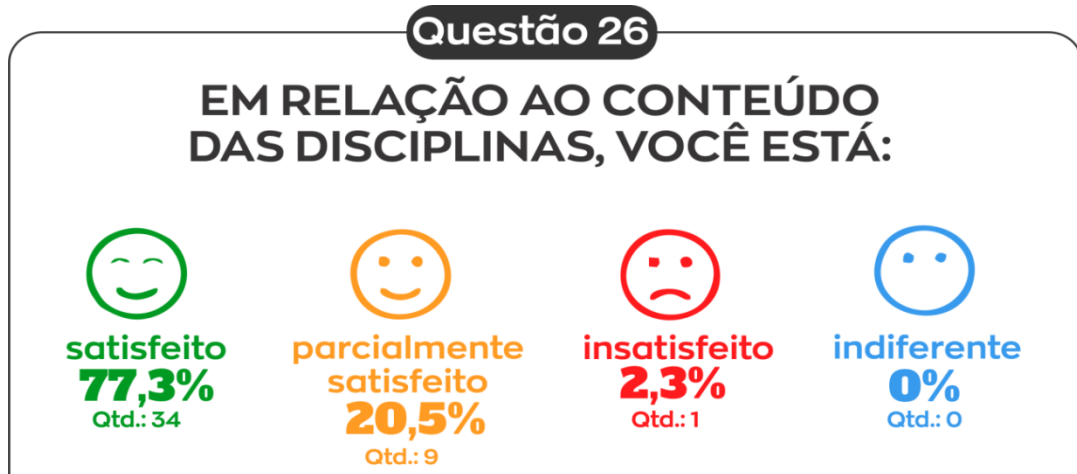
Gráfico 25 – O que você mudaria no modo como a escola propõe ensinar?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 26 analisou a satisfação dos estudantes em relação aos conteúdos ministrados. As respostas permitem afirmar que a maioria está satisfeita com os conteúdos.

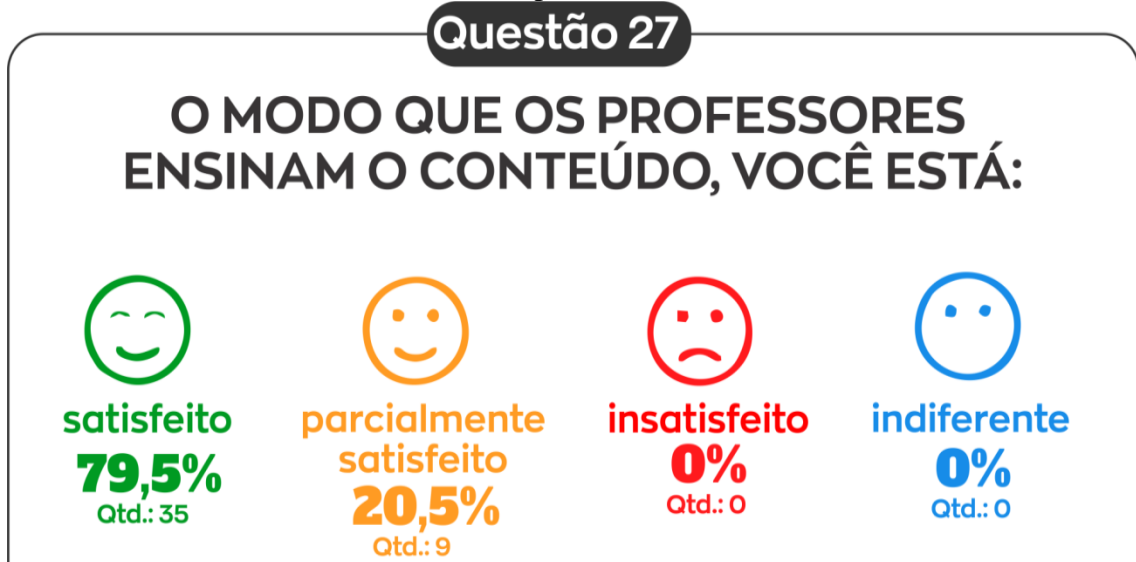
Gráfico 26 – Em sua opinião, o ensino de tempo integral é:



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 27 evidencia o nível de satisfação em relação ao modo como os professores ensinam os conteúdos. Detectamos que a maioria está satisfeita com o modo de ensinar dos professores.

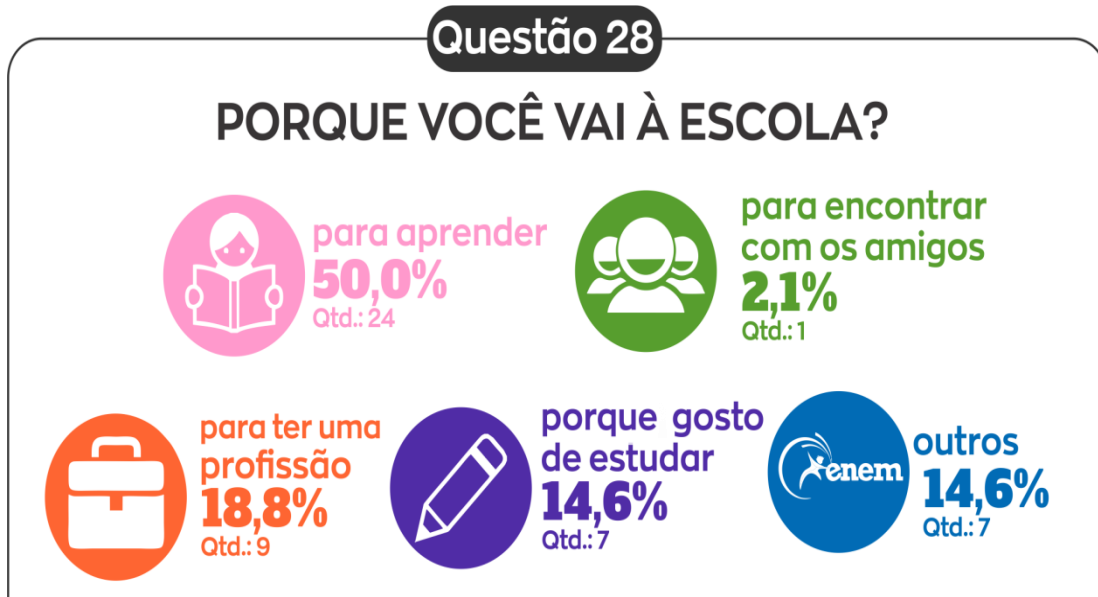
Gráfico 27 – Sobre o modo como os professores ensinam o conteúdo, você está?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 28 questionou os estudantes sobre as razões de irem à escola. Verificamos que a maioria vai à escola para aprender, ter uma profissão e se preparar para o Enem

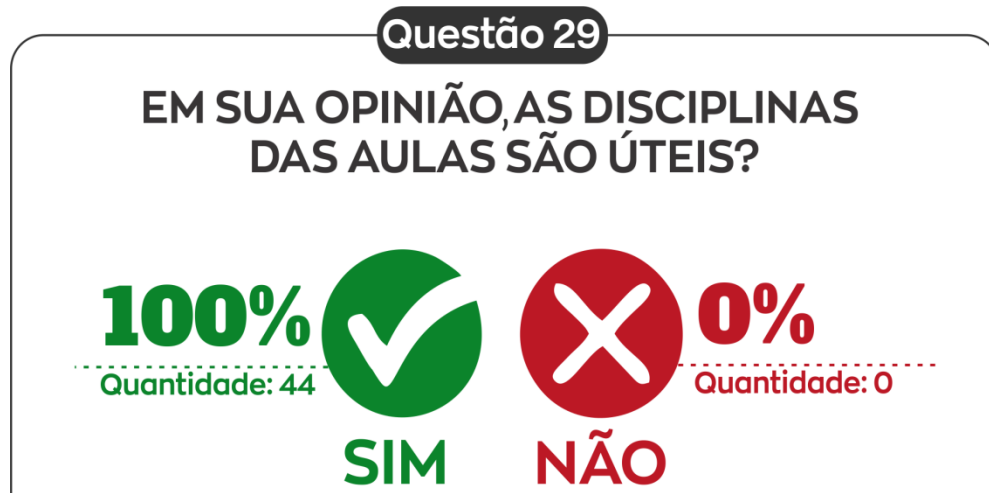
Gráfico 28 – Porque você vai à escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 29 investigou a opinião dos estudantes sobre a utilidade das disciplinas ensinadas em sala de aula. Podemos perceber que todos compreendem a importância e a utilidade dos conteúdos ensinados.

Gráfico 29 – Em sua opinião, as disciplinas das aulas são úteis?



Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com os dados analisados, observamos que, na opinião dos estudantes, os professores os veem como alunos ativos, com interação forte e equiparada entre os pontos positivos e negativos. Esses estudantes apontam a aula prática como sendo a ideal, visto que os envolve em atividades práticas e dinamizadas. No quesito tempo das aulas, é considerado

bom e regular, ou seja, apesar de gostarem das aulas, entendem ser necessário repensar a organização e melhor distribuição desse tempo de aula, que é de 50 minutos. Na opinião desse grupo de estudantes, o Ensino Médio de tempo integral é considerado de bom a excelente.

Os entrevistados têm a percepção de que o Ensino Médio de tempo integral atende as suas expectativas, isso está visível em vários aspectos, principalmente, aqueles voltados ao projeto de vida e ao protagonismo juvenil, o que diferencia a escola de tempo integral da escola regular. No entanto, chama a atenção que eles se contradizem um pouco, pois demonstram insatisfação sobre regras e aulas que não estão sendo práticas. Ou seja, é exatamente nestes momentos que eles demonstram o protagonismo: pensar projetos, executar, sair da aula padrão.

Os estudantes dizem estar satisfeitos com o ambiente da escola, com os conteúdos e com o modo como os professores ensinam. Porém, citam que mudariam algumas regras. É importante saber o que estão chamando de regras, o que são de fato essas regras? Essa questão aparece recorrentemente nos apontamentos dos alunos e fica claro que traz certo incômodo.

Os discentes deixaram claro que vão à escola para aprender, ter um futuro e uma profissão. E evidenciaram também que o tempo das aulas precisa ser repensado. Além disso, os estudantes estão cobrando aulas com mais ação, as chamadas aulas diferenciadas, que correspondem à proposta da Escola Jovem em Ação, e que incentivam os alunos a serem protagonistas, autônomos, solidários e independentes. Então, há algo a entender melhor nessa opinião rápida e, às vezes cômoda, de satisfação.

Contudo, esses estudantes deixam claro que vão à escola para aprender, ter um futuro e uma profissão. Então, podemos afirmar que o tempo das aulas precisa ser repensado e que os estudantes estão cobrando aulas com mais ação - as chamadas aulas diferenciadas, as quais correspondem à proposta da Escola Jovem em Ação, que, por sua vez, incentiva os jovens a serem protagonistas, autônomos, solidários e independente.

A questão 30 objetivou verificar quais as disciplinas que os estudantes mais gostam. Nesta poderiam marcar até três alternativas, obtivemos 123 respostas, nas quais, detectamos que a maioria gosta de Química e Matemática, seguida de História e Educação Física.

Gráfico 30 – Quais disciplinas você mais gosta?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 31 evidenciou as disciplinas que os estudantes menos gostam. Nesta questão, mais uma vez marcaram até três alternativas, obtivemos 101, respostas. Aqui, a maioria diz não gostar de Física, de Matemática e de Língua Portuguesa.

Gráfico 31 – Quais disciplinas você menos gosta?



Fonte: Elaborada pela autora.

Estranho que nas disciplinas que gostam aparecia matemática em segundo lugar e

depois nas disciplinas que não gostam também aparece matemática em segundo lugar. Isso pode se dar em função das possibilidades que são apresentadas, dividindo as escolhas.

A questão 32 investigou qual disciplina os estudantes tirariam do currículo do Ensino Médio. Esta questão foi aberta e, para melhor compreensão dos dados, foi necessário tabular as respostas de acordo a proximidade da informação

Gráfico 32 – Que disciplina você tiraria do currículo do ensino médio? E por quê?



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar as questões 31 e 32, surpreendemo-nos com o fato de poucos gostarem das disciplinas básicas de base comum (Português e Matemática). Isso pode estar relacionado às dificuldades de aprendizagem não superadas na primeira etapa. Outro ponto que chama atenção, inclusive muito preocupante, diz respeito ao desejo dos estudantes de retirar a disciplina de Arte do currículo. Por que será que uma disciplina que tem tanto a ver com a liberdade e a criatividade, justamente o que eles cobram, não faz sentido para eles? Acreditamos que pode ser devido ao modo como está sendo trabalhada tal disciplina, que, de alguma forma, pode não estar oportunizando essa criatividade, ludicidade ou vários outros aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento integral do sujeito.

Essa percepção de pouca importância da disciplina de Arte, às vezes, pela própria política educacional, ressalta a necessidade de a escola exigir docentes com formação específica para o ensino de Arte. A fala dos entrevistados deixa claro que a escola deve repensar a oferta dessa disciplina. Assim, há de se analisar melhor essa concepção negativa da disciplina.

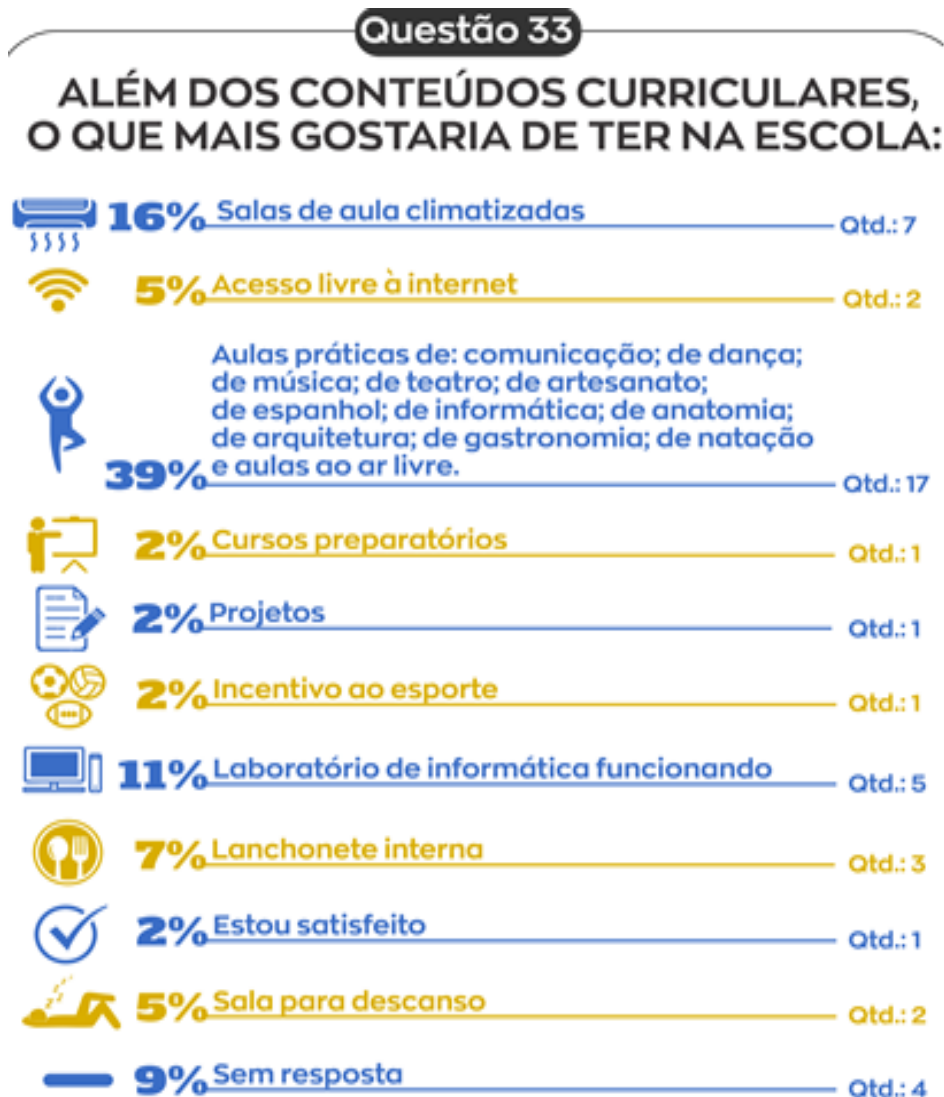
Outra questão pertinente e que deve ser observada se refere à formação inicial dos

estudantes, que nem sempre apresenta a qualidade devida. Segundo Duarte et.al (2017, p. 135), os problemas relativos à má formação dos estudantes são gerados ainda na primeira fase do Ensino Fundamental e se arrastam até Ensino.

Os autores (2017, p. 135) pontuam também que a lei 13.415/2017 reforça a precarização do Ensino Médio ao abrir espaço para a contratação de pessoas para lecionar sem ter formação docente. Tudo isso implica não apenas no desempenho dos alunos, mas na relação que estabelecem com as disciplinas básicas, tão importantes para sua formação e para sua vida.

A questão 33 representou o desejo dos estudantes para além do currículo, ou seja, o que mais gostariam de ter na escola. Trata-se de uma questão aberta.

Gráfico 33 – Além dos conteúdos curriculares, o que mais gostaria de ter na escola?



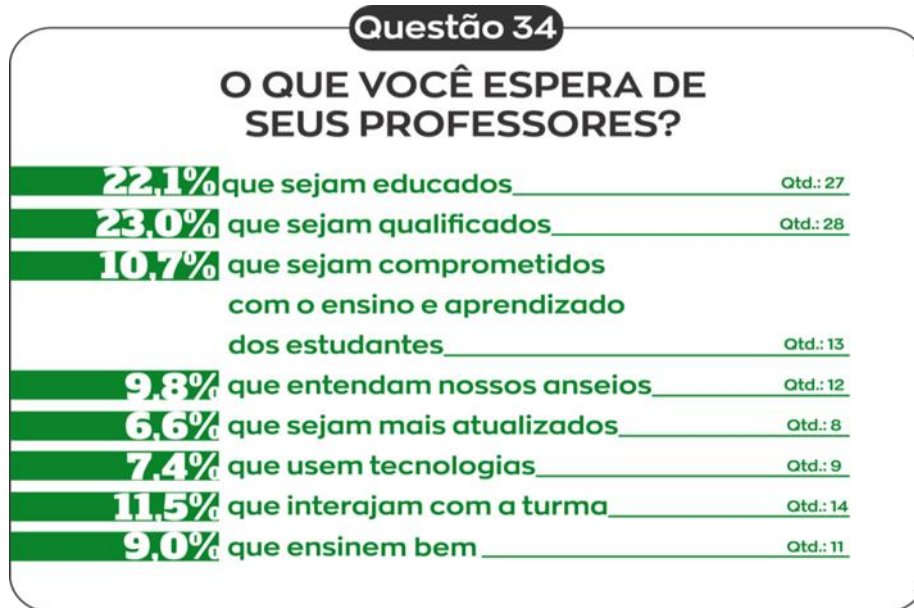
Fonte: Elaborada pela autora.

Neste ponto da pesquisa, podemos afirmar que, de fato, seria importante rever o formato das aulas de Arte, mas também o próprio projeto que em princípio os alunos disseram ser excelente. Os estudantes informaram que, além das disciplinas curriculares, gostariam de aulas mais práticas, com mais ação, por exemplo: de comunicação; de dança; de música; de teatro; de artesanato; entre outras, apontando nitidamente que algo não está dando certo no ensino de Arte e também podemos entender que tais menções de aulas fazem parte de um abrangente leque de possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas nos projetos de criação, de protagonismo. Ou seja, esta questão revela um pouco mais do que respostas mais superficiais dadas de modo mais automático. A aula de arte, provavelmente, pode estar sendo trabalhada de forma teórica e os estudantes buscam atividades de vivências, com mais liberdade de ação. Isto não apenas é parte da proposta do projeto da escola como ajuda a compor de modo mais qualitativo o extenso período de permanência na escola de tempo integral.

A BNCC (2018, p. 33) diz que “cada área do conhecimento explicita seu papel na formação integral dos estudantes do Ensino Médio”. Nesse sentido compete à escola desempenhar sua autonomia, mediante o processo de modulação, respeitando a formação do docente, buscando mecanismos que não prejudiquem a formação dos estudantes. Assim, faz-se urgente incorporar novas práticas pedagógicas na escola, que possam atender melhor o programa proposto.

A questão 34 evidencia o que os estudantes esperam de seus professores. Poderiam marcar até três alternativas, o que resultou em 122 Neste ponto da pesquisa, podemos afirmar que, de fato, seria importante rever o formato das aulas de Arte, mas também o próprio projeto que em princípio os alunos disseram ser excelente.

Gráfico 34 – O que você espera de seus professores?



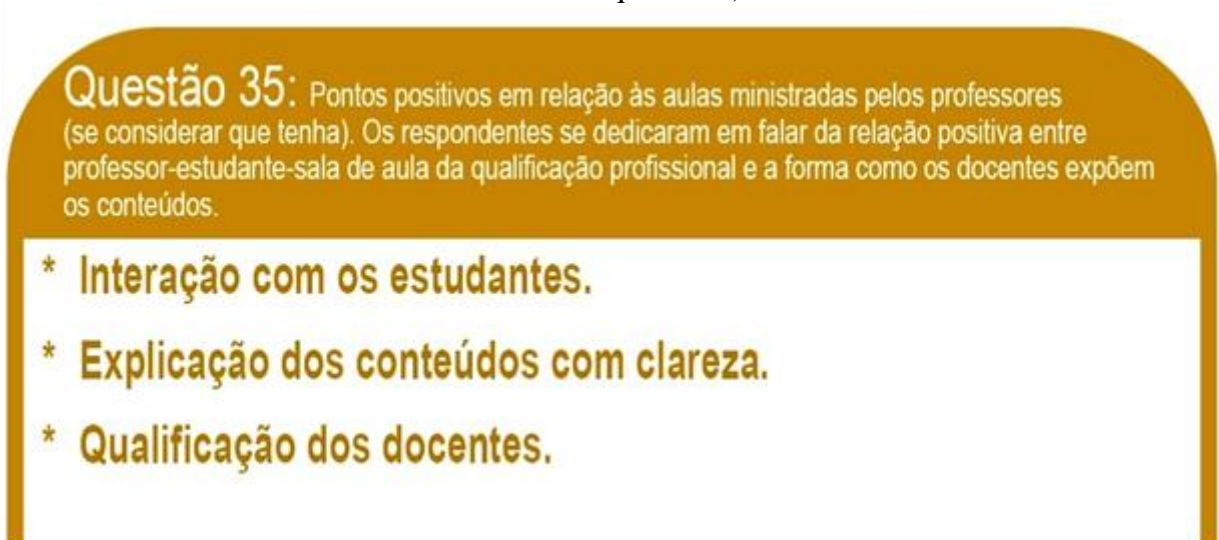
Fonte: Elaborada pela autora.

Os estudantes informaram que, além das disciplinas curriculares, gostariam de aulas mais práticas, com mais ação, por exemplo: de comunicação; de dança; de música; de teatro; de artesanato; entre outras, apontando nitidamente que algo não está dando certo no ensino de Arte e também podemos entender que tais menções de aulas fazem parte de um abrangente leque de possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas nos projetos de criação, de protagonismo. Ou seja, esta questão revela um pouco mais do que respostas mais superficiais dadas de modo mais automático. A aula de arte, provavelmente, pode estar sendo trabalhada de forma teórica e os estudantes buscam atividades de vivências, com mais liberdade de ação. Isto não apenas é parte da proposta do projeto da escola como ajuda a compor de modo mais qualitativo o extenso período de permanência na escola de tempo integral.

Observa-se que praticamente na mesma intensidade os respondentes desejam que os professores sejam qualificados e também educados. Somando ao fato de que esperam ainda comprometimento com os estudantes, que entendam seus anseios e que interajam. A leitura dessas falas é muito interessante porque não estamos falando de uso de tecnologia, de atualização ou modernização dos professores e técnicas de ensino, embora isso apareça nas falas. Mas o que realmente parece contar para o grupo pesquisado é da ordem das relações. Um sinal importante para pensar as políticas públicas, que muitas vezes se debruçam mais sobre necessidades tecnológicas, sobre técnica. Os alunos chamam a atenção para aspectos humanos, processos de interação, de sociabilidade. Muito significativo para se pensar a escola e a educação no século XXI.

Na questão 35, os estudantes citaram dois pontos positivos das aulas ministradas pelos professores. Novamente, utilizamos do agrupamento por similaridade de respostas, distribuídas em três grupos.

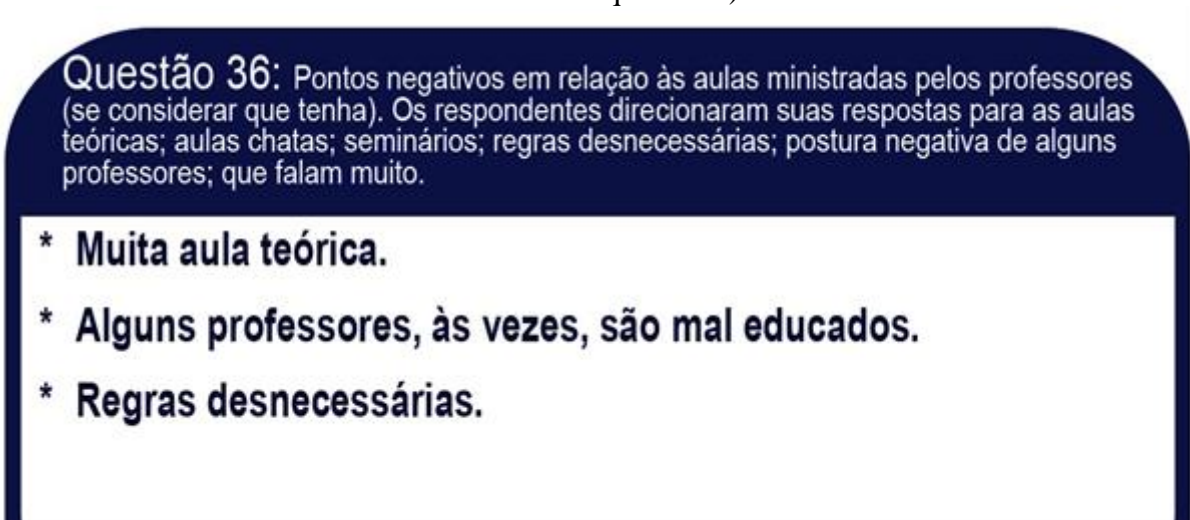
Gráfico 35 – Cite dois pontos positivos em relação às aulas ministradas pelos professores (se considerar que tenha)



Fonte: Elaborada pela autora.

Na questão 36, os estudantes foram convidados a citar dois pontos negativos das aulas ministradas pelos professores (caso considerassem que tinham). Da mesma forma, as respostas foram agrupadas.

Gráfico 36 – Cite dois pontos negativos em relação às aulas ministradas pelos professores (se considerar que tenha).



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 37 objetivou verificar a opinião dos estudantes sobre a forma como são

ministrados os conteúdos em sala de aula.

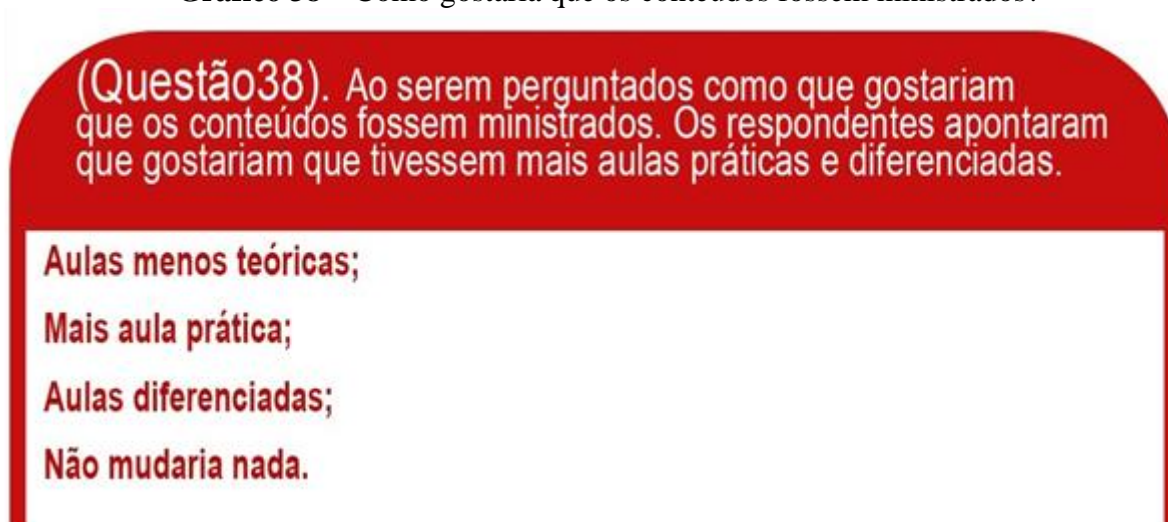
Gráfico 37 – Você gosta da forma como são ministrados os conteúdos em sala de aula?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 38 teve por objetivo perguntar aos estudantes como gostariam que os conteúdos fossem ministrados. Esta questão foi aberta e as respostas foram agrupadas e distribuídas em quatro grupos para melhor compreensão.

Gráfico 38 – Como gostaria que os conteúdos fossem ministrados?



Fonte: Elaborada pela autora.

Nesta análise, vale ressaltar que se trata das expectativas dos estudantes em relação aos professores, nesse sentido esperam que sejam qualificados, com destaque para a necessidade de mais interação, de relação educada, como já dissemos. Chama-nos a atenção que a questão vai além do ensino em si, trata-se da forma como alguns docentes se expressam

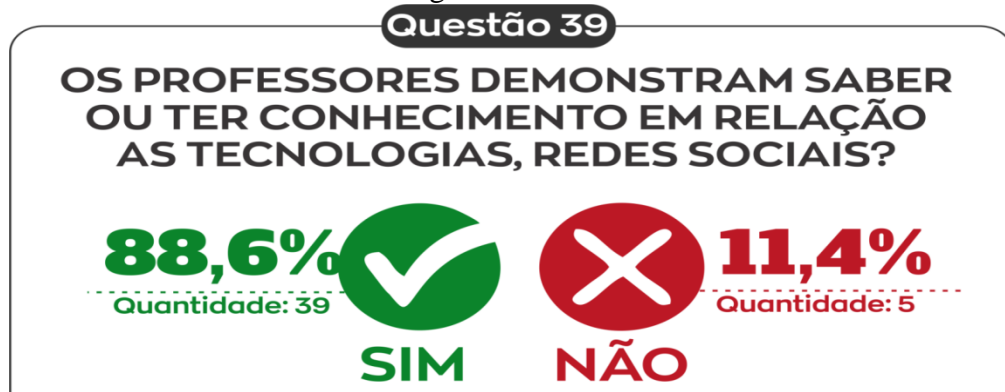
(questão de trato pessoal). Os alunos esperam que tenham competência, mas preferem que os professores sejam mais próximos dos estudantes. O fato de alguns dizerem que há professores mal-educados já é um indicativo de que a relação entre docente e discente precisa melhorar. E como também já salientamos, a expectativa dos alunos não é tanto com tecnologia. Isso de fato é importante, mas não é o primordial.

A Escola Jovem em Ação de acordo o PPP (2019, p. 10) tem seu trabalho desenvolvido baseado na Escola da Escolha, “a qual desenvolve o protagonismo dos estudantes, trabalha à luz dos quatro pilares da educação, da pedagogia da presença e da educação interdimensional, por um novo modelo de ensino centrado nos estudantes”. Certo. Esta é a proposta. Mas, com base na forma como as reformas são introduzidas no Brasil, em um formato de pirâmide, necessitamos ter cautela, pois há grande possibilidade dessas ideias inovadoras ficarem apenas no papel. Nossa pesquisa traz alguns indícios disso, mesmo que no geral os alunos tenham uma percepção positiva.

Nem sempre, os programas condizem com a realidade, e trabalhamos na perspectiva, não do ideal e sim do real. Cabe perguntar se os professores realmente estão preparados para lidar com essa nova realidade, em que o estudante participa juntamente nas decisões. E as nossas escolas estão prontas para a integralização do ensino? A vontade de se fazer algo diferente em busca pela qualidade na educação é notável, porém as fragilidades se tornam presentes também..

A questão 39 teve por objetivo evidenciar se os professores têm ou não conhecimento relacionado às tecnologias e redes sociais.

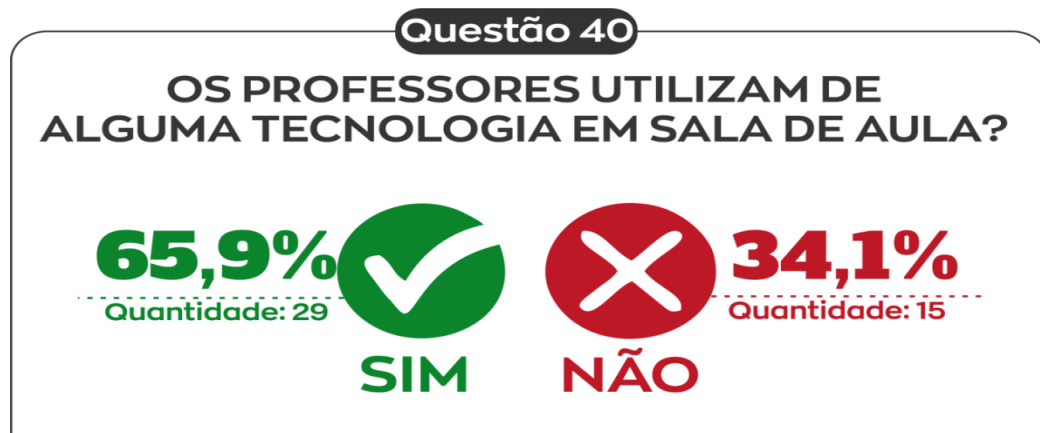
Gráfico 39 – Os professores demonstram saber ou ter conhecimento em relação às tecnologias e redes sociais?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 40: buscou identificar se os professores utilizam de algum tipo de tecnologia em sala de aula

Gráfico 40 – Os professores utilizam de alguma tecnologia em sala de aula?



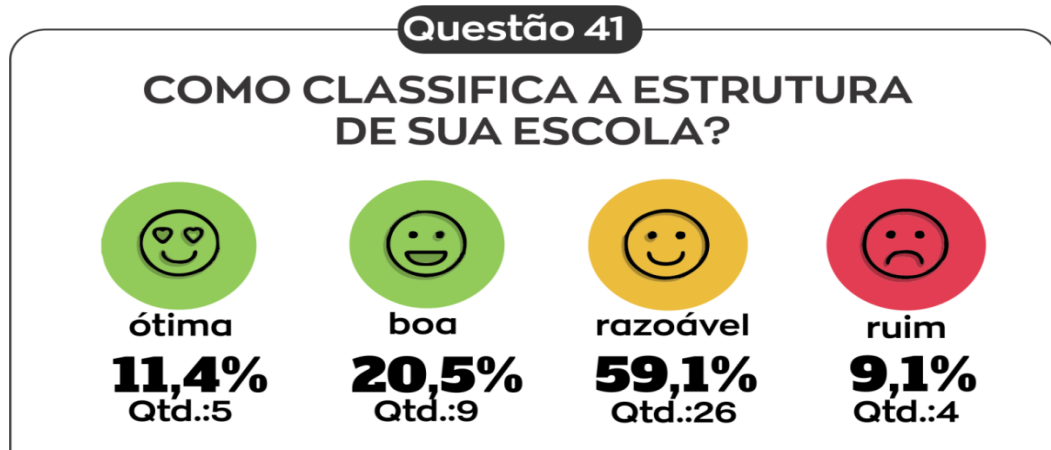
Notamos que os professores possuem conhecimento sobre tecnologias e as utilizam em sala de aula. A escola possui quatro projetores de imagem, uma caixa de som, dois microfones e rede de WI-FI. Nesse viés da tecnologia, os estudantes responderam que os professores fazem uso do celular em sala de aula, mas é o projetor de imagem a tecnologia mais utilizada pelos docentes. Percebemos a necessidade da escola adaptar-se às inovações tecnológicas, utilizando-se mais de outros aparatos tecnológicos como ferramentas para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Porque mesmo os alunos dizendo que eles usam, observamos que não é em termos de linguagens, de uso de mídias e redes sociais. Usam aparatos, plataformas, mais especificamente o Datashow. Sales (2014, p. 234) afirma que “as tecnologias presentes no espaço escolar, vem modificando a atuação docente. [...] os currículos escolares têm sido frequentemente ocupados por diferentes artefatos tecnológicos”. Mas numa avaliação mais crítica, é preciso destacar que nem todo espaço escolar está de fato imerso nessa transformação e isso passa por uma série de questões: das diferenças sociais, econômicas à facilidade de acesso e formação adequada dos professores.

Parece também, que os próprios alunos não conseguem visualizar as inúmeras possibilidades das tecnologias digitais, pois, ao dizerem que os professores utilizam tecnologias, focam apenas nos aparatos celular e Datashow.

5.2.4 A estrutura física da escola de tempo integral

A questão 41 procurou saber a opinião dos estudantes sobre a estrutura física da escola. Podemos perceber que a maioria classifica a estrutura com razoável.

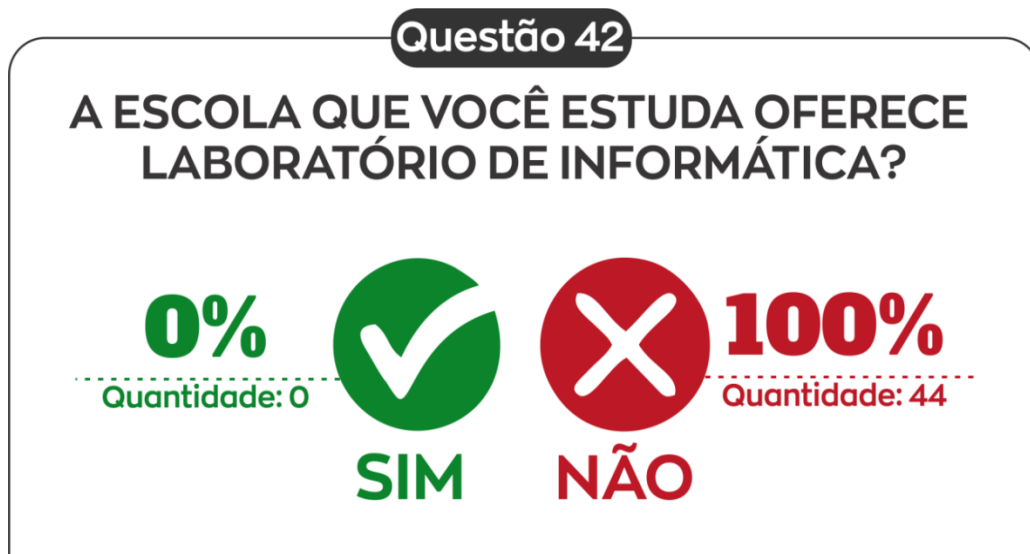
Gráfico 41 – Como você classifica a estrutura de sua escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A questão 42 buscou saber se a escola que você estuda oferece laboratório de informática. Os 44 respondentes disseram que não (100%).

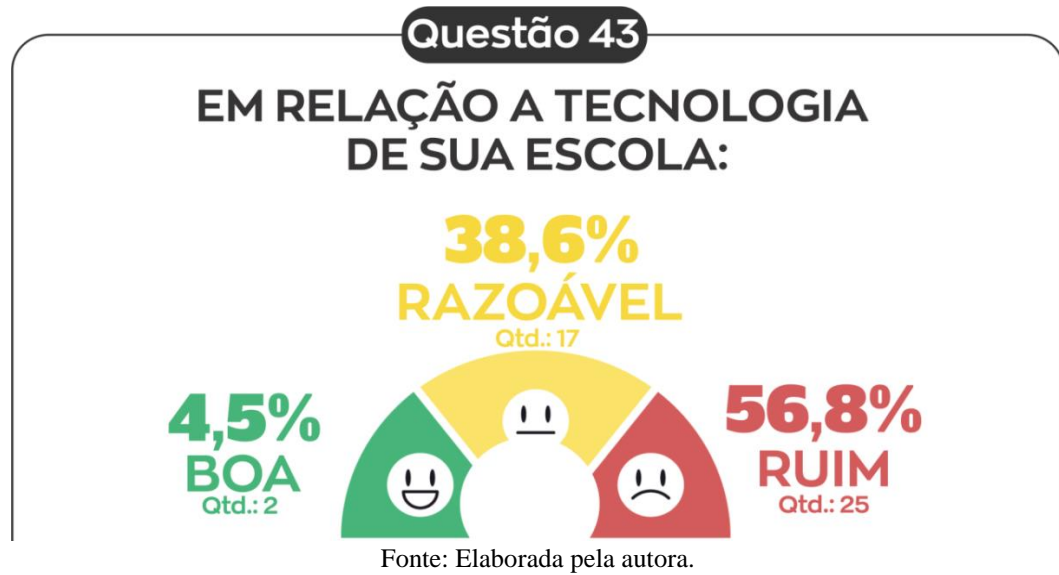
Gráfico 42 – A escola que você estuda oferece laboratório de informática?



Fonte: Elaborada pela autora.

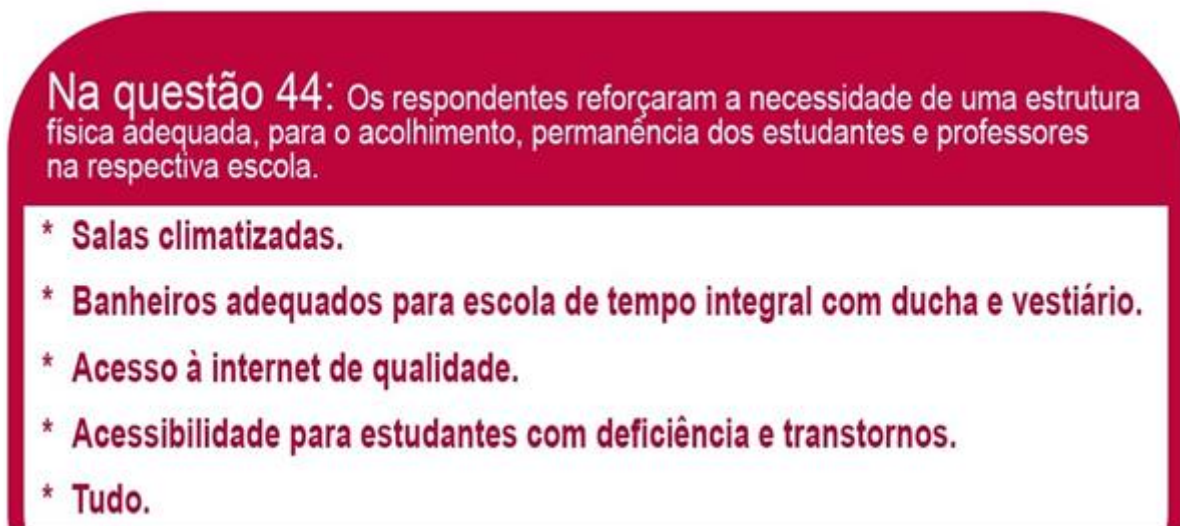
A questão 43 objetivou verificar a opinião dos estudantes sobre como é a tecnologia de sua escola.

Gráfico 43 – Em relação à tecnologia de sua escola:



A questão 44 teve por objetivo verificar a opinião dos estudantes sobre o que falta na estrutura da escola. Questão aberta em que utilizamos novamente do agrupamento de respostas distribuídas em cinco grupos.

Gráfico 44 – Em sua opinião, o que falta na estrutura de sua escola?



Fonte: Elaborada pela autora.

A Escola Jovem em Ação, de tempo integral, e a maioria das escolas de ensino regulares não possuem laboratório de informática em atividade, dispõem apenas de um espaço destinado a esse fim, porém, com um amontoado de computadores (máquinas) quebrados, sem utilidades. Essa situação interfere, em parte, no acesso e na qualidade das tecnologias, sendo apontados pelos estudantes como ruins. Essas questões revelam uma estrutura frágil,

inadequada para formação integral desses jovens, sendo apontada por eles a falta de salas climatizadas, banheiros e acessibilidades para os estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento. Sendo que, para alguns, falta tudo.

Para Dayrell (2009, p. 75), a relação dos jovens com a escola é permeada por múltiplos sentidos e significados, por sentimentos positivos e negativos, como espaço de encontro e sociabilidade, mas também, do ponto de vista da sua função, em termos de produção e transmissão de saberes e conhecimentos úteis à vida, à continuidade dos estudos e ao trabalho. Assim, os alunos a veem positivamente, tendendo a atribuir a ela uma grande importância, mesmo reconhecendo seus limites e lacunas.

5.2.5 Parte II - Grupo focal

Seguindo as orientações de Gatti (2005), como exposto na descrição metodológica, realizamos o grupo focal com a participação de 06 (seis) estudantes. Nesta técnica de pesquisa, a entrevista foi realizada no período vespertino, em uma sala afastada, em ambiente silencioso, e sob prévia autorização da Coordenação. De forma organizada, as cadeiras dispostas na sala foram ordenadas em círculo, assim, os participantes puderam se apresentar e estabelecer um diálogo sobre os pontos da discussão. As questões abordadas foram direcionadas a partir do questionário aplicado.

O roteiro teve as seguintes questões:

1 - A sua escola é de tempo Integral (Jovem em ação que tem o diferencial, do Protagonismo juvenil), por que esse protagonismo não aparece como algo evidente na fala de vocês? Sentem-se protagonistas na escola?

2 - O que vocês estão chamando de aulas diferenciadas? É outra complementação que não sejam disciplinas já trabalhadas? O que seria essa complementação?

3 - Vocês falam que o professor usa tecnologias. Poderiam dizer quais e como eles as utilizam?

4 - Qual a sua concepção de escola de tempo integral? Vocês diriam que a escola de vocês corresponde ao que pensam sobre ensino em tempo integral?

5 - Você, sendo protagonista, participa da elaboração das normas da escola? Em algumas questões sobre a organização e funcionamento da escola, alguns estudantes disseram que mudariam as regras. Por que essas regras incomodam tanto? O que estão chamando de regras?

As respostas dos estudantes do grupo focal foram dispostas em quadros de

apresentação. O intuito aqui foi expor, com fidelidade, a transcrição das suas respostas. Deste modo, merece destaque o fato de algumas repetições de palavras ou expressões.

No quadro com as respostas, desenvolvemos uma breve apresentação, de forma a preservar o anonimato dos participantes do grupo focal. Estes são nomeados da seguinte forma: palavra estudante, seguido de um algarismo romano em ordem crescente de 1 a 6 e de uma letra do alfabeto em ordem aleatória (Exp. Estudante 1 – J).

Quadro 4 - A sua escola é de tempo Integral (Jovem em ação que tem o diferencial, do Protagonismo juvenil), por que esse protagonismo não aparece como algo evidente na fala de vocês? Sentem-se protagonistas na escola?

Participantes	Respostas
Estudante 1 – J	A escola basicamente trabalha com os alunos nesse quesito do protagonismo por meio dos clubes que oferecem, no turno da tarde, para alunos atuarem como protagonistas, nós montamos os clubes de alguma atividade que fazem em nosso cotidiano, atividades recreativas que interessassem a turma. Aquelas pessoas que têm mais facilidade montam os clubes, por exemplo, temos o clube de xadrez, alunos que têm mais facilidade, então, basicamente vão dar aula, ensinar outros alunos a jogar xadrez. Eu tenho um clube de filosofia, eu gosto de filosofia, então, eu vou trabalhar filosofia com outros alunos e assim têm outros clubes: como o de vôlei; de handebol; de cinema, e o de leitores sem fronteiras, esse clube é obrigatório na escola, essa proposta já vem na grade curricular de incentivo à leitura, assim no final do semestre, é escolhido um aluno. Então, o protagonismo é trabalhado na escola principalmente nos clubes, mas também, tem em forma de eletivas, em que os alunos juntamente com os professores, tomam as decisões nas aulas das eletivas, tem a disciplina de Projeto de Vida, a escola sempre abre espaço para os estudantes optarem, mostrarem sua voz em relação a algumas coisas que podem acontecer na escola. Nas escolas tradicionais (regular), tem-se a visão de que só os líderes, presidentes de turmas e de grêmio, podem estar à frente de alguma coisa, aqui, não! Qualquer aluno pode estar à frente para participar nas tomadas de decisões, a escola aqui dá essa abertura”. “Sou presidente do Clube de Filosofia e de Karatê.
Estudante 2 – C	Aqui, todos nós somos parte do protagonismo. Nos primeiros anos, temos que fazer uma ação protagonista, fora da escola. Essa já foi no segundo ano. “Tinha um colega que queria desistir”, fizemos um café da manhã e fomos visitá-lo para não desistir. Frequentou mais uns dias e acabou desistindo por questões familiares. Eu faço parte do clube de voleibol.
Estudante 3 – R	Essa ação protagonista, citada pelo colega, já vem na organização curricular, ela não dá sequência, acontece apenas no primeiro ano, mas já é uma semente plantada. Na nossa turma, fizemos um momento especial na APAE no dia do circo, foi muito legal e gratificante, conhecer outras realidades. Eu sou protagonista, faço parte do clube do handebol.
Estudante 4 – L	O protagonismo é uma ação conjunta que permite a gente se desenvolver protagonista, temos que ser autônomos, solidários e competentes nas ações em nosso cotidiano. Sou presidente do clube de cinema.
Estudante 5 – Q	Não expressamos muito sobre o nosso projeto, pois pensamos que era mais relacionado aos horários de aulas... Aqui, a gente tem muita oportunidade, podemos dar nossa opinião, alguma ideia para melhorar, pode-se falar com a Diretora e com a Coordenação. O protagonismo em si ajuda a gente não só aqui na escola, como para a vida porque possibilita nos tornar pessoas melhores por intermédio da disciplina Projeto de Vida, uma matéria que a gente tem aqui, que planeja como vai ser o nosso futuro. Se a gente tem um sonho que é a base aqui da escola, do nosso projeto de vida, aqui eles

	trabalham em cima deles”, o meu sonho é fotografia ou teatro e, assim, trabalham o sonho de todos sucessivamente, aqui nos ensinam a ter uma visão melhor sobre as pessoas e a ser uma pessoa melhor, solidária, autônoma, dão a oportunidade para a gente falar não só aqui na escola, como em outras escolas de como é ser protagonista. No início do ano, aproximadamente 10 a 12 alunos vêm dar aulas aqui na escola, durante dois dias, nesses dias eles são os professores, fazendo um intercâmbio. Neste ano, vieram 10 alunos de Palmas e foram dez alunos daqui para Palmas. Então, o protagonismo acontece. Sou vice-presidente do Clube de Cinema.
Estudante 6 – M	Já no segundo ano, a ação desenvolvida é coletiva e envolve todos os alunos que se despertam e se tornaram protagonistas, esse ano, dez alunos foram para Palmas falar do Protagonismo Juvenil, do Projeto de Vida, das ações que desenvolvemos aqui na escola. Aqui aprendemos muitas coisas novas, estou me descobrindo uma pessoa protagonista. Hoje temos 16 alunos protagonistas que são sempre convidados para participar dos eventos representando a escola. Faço parte do clube de Cinema e Leitores sem Fronteiras.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 5 - O que vocês estão chamando de aulas diferenciadas? É outra complementação que não sejam disciplinas já trabalhadas? O que seria essa complementação?

Participantes	Respostas
Estudante 1 – J	As eletivas são basicamente isso, uma aula diferenciada. Nós estudamos as disciplinas de base comum do currículo. O objetivo das eletivas é trazer conteúdos da grade comum curricular para nosso cotidiano e agregar esses conhecimentos às aulas. Esse trabalho foi apresentado na disciplina de Eletiva, por exemplo, os estudantes juntamente com o professor montaram uma “Mesa de Pebolim, nessa atividade de construção foi agregada as disciplinas de Matemática, Arte e Educação Física, com o tema Esporte _ Mática. Então basicamente nós temos essas aulas, diferenciadas. Temos também aulas da disciplina de Projeto de Vida, em que não escrevemos nada, apenas dialogamos com os professores, discutimos sobre a nossa própria vida, e os nossos sonhos, o que queremos. Também temos a disciplina de Estudo Orientado que é uma aula em que paramos para estudar aquilo que estamos atrasados. Temos os clubes que não são considerados como aulas, mas fazem um diferencial e trazem lazer.
Estudante 2 – C	Sair um pouco da teoria seria uma complementação das aulas que já temos no próprio currículo, só que deveria ser de forma mais prática.
Estudante 3 – R	Mas também entendemos que tem muitos conteúdos que não dão para fazer aula prática, em 2017, tínhamos muitas aulas práticas nos laboratórios secos e molhados, porém hoje não temos porque não tem material. Então nós sentimos essa falta.
Estudante 4 – L	Seria assim, aulas normais, só que os professores ministrassem aulas de uma forma que não fosse só escrever no quadro. Tipo com uma dinâmica, mas que tenha relação com o conteúdo de forma que a gente não cansasse tanto.
Estudante 5 – Q	Que o professor passe conteúdos de forma prática, trabalhando algum jogo ou alguma dinâmica. Na grade curricular, nós temos aulas práticas só que essas não são tão frequentes quanto às teóricas.
Estudante 6 – M	Essas aulas necessitam de materiais para serem realizadas na prática, “colocar a mão na massa”, concreto mesmo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 6 - Vocês falam que o professor usa tecnologias. Poderiam dizer quais e como eles as utilizam?

Participantes	Respostas
Estudante 1 – J	Em algumas aulas de pesquisa, os professores sempre deixam os estudantes usarem os celulares, utilizando os nossos dados móveis, nossa própria internet. A biblioteca não disponibiliza grande acervo de livro e temos alguns livros na grande curricular que precisamos ler então a professora passa em PDF para a gente baixar e realizar as leituras.
Estudante 2 – C	Poucas vezes fomos para biblioteca, porque o wi-fi fica lá. Então a tia da biblioteca libera a senha para essa turma. Aí dá certo, porque são poucos alunos, não fica tão pesado. Tem escola que nem permite o aluno levar o celular. O mundo tá evoluindo e somos obrigados a evoluir e a escola também.
Estudante 3 – R	De acordo com o planejamento, o professor faz um agendamento para utilizar a rede de internet da escola e o data show.
Estudante 4 – L	Então alguns professores usam microfones e caixa de som nas aulas.
Estudante 5 – Q	Mas eles usam mais o datashow, esse deve ser agendado com antecedência, porque tem pouco aparelho na escola, acho que uns quatros. E vivem quebrados. Vejo como ponto positivo é que aqui podemos usar o celular, mesmo que de forma limitada, temos acesso em determinados horários (tipo no horário do almoço das 11h30 às 12h45) ou de acordo o planejamento dos professores e organização da escola. Em outras escolas, os alunos não podem usar o celular.
Estudante 6 – M	Eles usam mais o datashow, e isso é positivo, porque assim o professor descansa um pouco o braço, alguns professores estão ficando doentes de tanto escrever no quadro, dá uma dor no braço e em nós também. Os professores também usam o celular quando vão planejar as aulas, eles já avisam para colocarmos crédito para usar a internet na aula, porque a internet aqui fica muito pesada e não dá pra usar.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 7 - Qual a sua concepção de escola de tempo integral? Vocês diriam que a escola de vocês corresponde ao que pensam sobre ensino em tempo integral?

Participantes	Respostas
Estudante 1 – J	Quando me matriculei, eu pensei como seria uma escola de tempo integral, imaginei uma escola com muitos professores, várias e várias aulas dinâmicas, diferenciadas, que já tem né! Salas com laboratórios, uns cursos técnicos que poderiam ter uma estrutura boa, refeitório nunca imaginei, porque nunca tive essa percepção de almoço e ar condicionado, uma boa climatização nas salas de aula. Mas quando eu entrei na escola, com o tempo comecei a me acostumar com o ensino, aí depois eu disse: _ mas rapaz, está faltando alguma coisa, queria tomar um banho e não tinha chuveiro depois pensei “estou com muito calor, antes tinha quatro ventiladores em sala, agora só são dois. Então, como a escola dá essa oportunidade do estudante se expressar, eu sempre ia lá e falava está faltando isso.... Eu pensava que a escola vinha com uma desculpinha. Ai ela vinha e falava que a escola trabalha com protagonismo para sua vida, então, quem garante que eu na vida futuramente possa ter um ar condicionado, uma vida tão boa como eu tenho na escola, então, o que você pode fazer como protagonista para melhorar a escola? Eu disse: _ que eu não podia fazer nada, não! O governo é que tem que fazer. Mas com o tempo, eu fui vendo, que a estrutura não importava tanto, porque eu comecei a perceber, não que a escola tenha me convencido que a estrutura não é necessária, mas eu percebi que o que mais necessitamos basicamente em uma escola era o ensino, que acreditava e acredito até hoje, que estou recebendo esse ensino.

	<p>Eu sonhava muito em ser médico, acho que era por causa do dinheiro, eu via muitas pessoas se dando bem, em medicina, mas a escola através desse protagonismo, ela me deu a oportunidade de estar à frente falando com as pessoas, dialogando, fazendo intercâmbio, eu comecei a gostar disso, então vi que eu tinha facilidade de falar em público, depois eu comecei a ver que eu gostava muito de história, então, a escola me ajudou a encaixar essas duas coisas e “descobri que quero ser um professor de história, então essa é uma conquista muito boa, a escola oferece condições para o aluno descobrir quem ele é. No primeiro dia de aula, a escola trabalha a questão do existencialismo... Acredito que é o mal do século, a questão do existencialismo em relação aos jovens e à depressão, eles se acham muito só, não conseguem se identificar, ou achar sua própria identidade, essa é a primeira coisa que a escola faz; instiga o estudante a descobrir quem ele é, nós respondemos a uma apostila com perguntas muito pessoais e profundas, então o estudante fica se perguntado, quem que eu sou, eu coloquei assim: _ João Gabriel. Aí o rapaz chegou e falou: _ você é só João Gabriel? Quem você é realmente lá dentro. Então a escola aperta muito na tecla de você se descobrir, conhecer e se reconhecer, quem você é de verdade, saber o que você quer, e conhecer o que você quer ser na vida. Por essas razões, eu falei que a estrutura não importa para mim, é porque o que importa realmente é a escola passar para o estudante um total de conhecimento e principalmente, um conhecimento sobre ele mesmo. Para mim a estrutura é necessária, mas o ensino de qualidade é mais importante.</p>
Estudante 2 – C	<p>Bom para nós jovens, que estudamos o dia todo, passamos maior parte do tempo na escola, então ela precisa encontrar um jeito de entreter os estudantes, e o que vejo é que ela consegue na parte de entreter e envolver os alunos nas atividades, e isso possibilita subir o nível de aprendizagem dos estudantes. Anteriormente, o professor só ordenava. Hoje em dia, percebemos que o professor já tem uma relação mais próxima com o aluno, faz brincadeiras, ri... um pouco, conseguem envolver os estudantes nas aulas, nesse quesito a escola vai bem. Em relação à estrutura, essa escola não foi construída para ser de tempo integral, foi adaptada e até agora só o currículo. Aqui os professores fazem com que as aulas não sejam tão chatas, e dinamizam as aulas. Essa escola dá oportunidade para os alunos se expressarem, dar a sua opinião, aqui o ensino é bom, mas, fica difícil a permanência dos estudantes. A estrutura dessa escola é ideal, mas não para ser integral.</p>
Estudante 3 – R	<p>No meu pensamento, seria uma escola bem estruturada, com salas climatizadas, refeitório adequado; até iniciaram a construção e tá aí parado, essa falta de estrutura me incomoda muito.</p>
Estudante 4 – L	<p>Em relação ao ensino, ela se aproxima do proposto no projeto, mas a estrutura não. Eu pensei que não iria me acostumar, de estudar os dois turnos, aqui os alunos são motivados pelos colegas e professores a estudar, estou aprendendo muito com o ensino daqui, é de qualidade, só que a falta de estrutura prejudica não só os alunos como também os professores.</p>
Estudante 5 – Q	<p>A estrutura não corresponde à escola em tempo integral. Essa escola era regular, recebeu o projeto e foi transformada sem estrutura para ser escola em tempo integral. O projeto tem uma escola padrão em Palmas, se a gente pegar a estrutura dela e comparar com a nossa escola, fica bem distante, lá eles têm laboratórios secos e molhados funcionando adequadamente; as salas climatizadas; piscina têm banheiros com duchas para tomar banho, têm vestuário e quadra de esporte adaptada. Se fosse observar o modelo padrão, a nossa escola não passaria, não seria em tempo integral. Mas, nesse formato de escola em tempo integral, eu apoio a forma como o ensino é ministrado aqui, este tem contribuído bastante para os nossos índices de aprendizagem que estão bem grandes, mas a falta de estrutura incomoda, temos colegas cadeirantes, alunos com deficiências e transtornos, e a escola não está totalmente adaptada. No almoço, ele conta com a solidariedade de colegas ou da tia da cantina para levar as refeições, tem essa parte muito ruim, mas de acordo o projeto tem um ensino muito bom, porém a estrutura</p>

	física e tecnológica fica a desejar.
Estudante 6 – M	Tem escolas melhores e piores, estamos no meio. Aqui temos uma preparação para vida, no início não pensava assim. Imaginava que era apenas às nove horas e meia de aula tudo dentro da sala, aplicação de conteúdo, eu enxergava a escola assim. Esse pensamento foi ultrapassado, superado, aqui a gente tem mais oportunidade do que nas outras escolas do ensino regular. Pensava que eram apenas mais aulas, mais conteúdos, só que não! Aqui somos literalmente preparados para vida. Se essa escola corresponde à minha expectativa de tempo integral? Sim e Não, tem as partes que encaixam perfeitamente, mas tem aquelas que deixam a desejar, porque essa escola não foi literalmente preparada com estrutura de escola em tempo integral, em estrutura a minha escola ainda não é integral, no modo de ensinar sim.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 8 – Você, sendo protagonista, participa da elaboração das normas da escola? Em algumas questões sobre a organização e funcionamento da escola, alguns estudantes disseram que mudariam as regras. Por que essas regras incomodam tanto? O que estão chamando de regras?

Participantes	Respostas
Estudante 1 – J	Sim, sou protagonista, participo na elaboração das normas da escola, eu não sei ao certo o porquê pode está incomodando, até porque particularmente não vejo problema em nenhuma regra, não sei dizer o que mais incomoda provavelmente o que os estudantes estão chamando de regras, devem ser as normas da escola, o regulamento que está previsto no regimento interno.
Estudante 2 – C	As regras são boas, só que a escola exagera e erra, poderia ser mais flexível, tipo poder usar bermuda nos dias quentes, nossa cidade é muito quente e nossa escola não é climatizada.
Estudante 3 – R	Penso igual aos meus colegas, poderia dialogar mais com as normas, tipo ter mais de uma opção de uniforme e incluir a bermuda. Já seria um avanço.
Estudante 4 – L	Sim, sou protagonista, eu participo, às vezes, nem sempre da elaboração das regras da escola. Mas, às vezes, essas regras incomodam, pois são muito exigentes, são cobradas na integra, até coisas que podem ter uma flexibilidade, uma negociação, é o que mais incomoda, é quererem colocar que essas regras são para o nosso futuro, e se lá na frente eu já tiver noção do que quero fazer, não valeu muito essa tentativa de colocar essas regras na minha cabeça, isso incomoda muito. Tipo não usar calça rasgada na escola, ou fazer um lanche fora do horário...
Estudante 5 – Q	Sim somos protagonistas, às vezes, participamos na elaboração das normas da escola. Ao falar em mudar algumas normas, estamos nos referindo às vestimentas. No ano passado, demos a ideia de no período da tarde, usar short na altura do joelho, pois é muito quente nesse período e a Direção não autorizou isso. O que, em minha opinião, incomoda mais é o assunto das vestimentas como já falei. Como passamos 9h na escola, eles poderiam deixar a gente vestir de uma forma mais confortável, pois o padrão da nossa escola é a blusa do uniforme, calça e sapato fechado. E o que chamamos de regras são as normas que a escola exige que cumpramos o Regimento Interno.
Estudante 6 – M	As regras ajudam, mas também atrapalham e descontroem, o que a escola prega, pois não temos flexibilidade, normas são normas e existem para serem cumpridas, não discutidas. E aqui são cumpridas na integra.

Fonte: Elaborada pela autora.

Diante do diálogo promovido no grupo focal e da análise das respostas, é possível afirmar que este grupo tem a compreensão do programa de ensino desenvolvido na escola e aponta o projeto de vida e o protagonismo juvenil como centralidade nesse processo de ensino e de aprendizagem. Além disso, os estudantes destacam a importância e a contribuição deste modelo para o seu desenvolvimento social, como muitos dizem “conhecimento para a vida também”.

Vale lembrar, segundo Gatti (2005, p. 68),

[...] os participantes de um grupo focal estão se expressando num contexto específico, em interações que são próprias daquele conjunto de participantes e, por isso, os pontos de vista de cada um deles não podem ser tomados como posições definitivas.

Sim, entendemos que não se pode tomar como generalização também. No entanto, as falas dos entrevistados trazem grandes elementos de discussão e de reflexão sobre suas percepções. E ao analisarmos essas falas, juntando ao questionário, temos excelentes pistas sobre questões fundamentais a serem discutidas, não apenas sobre o espaço escolar, a educação, mas, sobretudo, sobre os sujeitos mais importantes nesse contexto: nossos discentes.

Em análise ao primeiro questionamento, que envolvia o protagonismo, o grupo focal relatou várias situações cotidianas que expressam essa mudança de agir em busca de soluções, afirmaram o exercício do protagonismo no cotidiano escolar, ressaltando o “projeto de vida” como base para realizar seus sonhos:

[...] O protagonismo em si ajuda a gente não só aqui na escola, como para a vida. Porque possibilita nos tornar pessoas melhores por intermédio da disciplina Projeto de Vida, uma matéria que a gente tem aqui, que planeja como vai ser o nosso futuro. Se a gente tem um sonho que é a base aqui da escola, do nosso projeto de vida, aqui eles trabalham em cima deles”, o meu sonho é “fotografia ou teatro” [...](ESTUDANTE 5 - Q).

É interessante evidenciar as mudanças que essa ideia de protagonismo exerce sobre eles, não apenas em ações internas, mais externas: “Essa ação protagonista, citada pelo colega, já vem na organização curricular, [...], mas já é uma semente plantada [...]”. (Estudante 3 – R). Desta forma, Costa (2001, p.09) assevera que “o protagonismo juvenil permite ao jovem participar de situações reais na escola, comunidade e vida social, atuando como parte da solução e não do problema”. Em tese, seria isso, embora os relatos apontam que foram poucos os momentos de interação com a comunidade. Outro relevante é que os estudantes apontam pistas em suas resposta que não são protagonistas, principalmente em questões relacionadas as regras ou

normas da escola.

Em relação ao questionamento sobre aulas diferenciadas, o que percebemos é que, devido à falta de verbas e investimentos, as atividades nos laboratórios secos e molhados foram reduzidas e outras deixaram de ser realizadas, queixam das aulas teóricas, mas reconhecem que nem todo conteúdo dá para se trabalhar com aulas práticas: *“Mas também entendemos que tem muitos conteúdos que não dão para fazer aula prática, em 2017, tínhamos muitas aulas práticas nos laboratórios secos e molhados, porém hoje não temos porque não tem material. Então nós sentimos essa falta”*. (Estudante 3 – R).

Ao serem provocados em relação ao uso das tecnologias pelos docentes, os estudantes prontamente responderam que, dentro dos equipamentos disponíveis na escola, destacam o retroprojeto de imagem, sendo o mais utilizado. Mostraram-se insatisfeitos com uso e acesso à internet disponível na escola: *“O mundo tá evoluindo e somos obrigados a evoluir e a escola também”* (Estudante 2 – C). Vejamos o que a BNCC/2018, diz a esse respeito.

Trata-se de reconhecer que as transformações nos contextos nacional e internacional atingem diretamente as populações jovens e, portanto, o que se demanda de sua formação para o enfrentamento dos novos desafios sociais, econômicos e ambientais, acelerados pelas mudanças tecnológicas do mundo contemporâneo (BRASIL, 2018, p. 462).

Porém é pertinente ressaltar que, essas transformações, acompanhadas pela evolução tecnológica, atingem a todos, inclusive as escolas, espaços de sociabilidade e comunicação, sendo urgente, atentarmos para as vozes que ecoam das juventudes.

Neste contexto de enfrentamento e desafios, os estudantes disseram que usam o celular em determinadas aulas previamente planejadas, porém essa questão imprime a necessidade de se ter uma boa estrutura tecnológica digital adequada, tornando-se, às vezes, inviável, quando nem mesmo se dispõe de uma boa internet, justamente, por essa falta de maior disponibilidade pela escola, o uso é bem reduzido. Ainda assim, os entrevistados observam o grande diferencial de poderem pelo menos usar de vez em quando,

“Vejo como ponto positivo é que aqui podemos usar o celular, mesmo que de forma limitada, temos acesso em determinados horários (tipo no horário do almoço das 11h30 às 12h45) ou de acordo o planejamento dos professores e organização da escola. Em outras escolas, os alunos não podem usar o celular” (Estudante 5 – Q).

Ao serem perquiridos sobre a concepção de escola de tempo integral e se a sua escola corresponde ao que pensam sobre ensino integral, os estudantes dão um verdadeiro show de cidadania e aprendizado, abordando questões pertinentes sobre o existencialismo, a depressão,

a necessidade de se autoconhecer, de buscar sua identidade, ou identificação, não como simples sujeitos, mas como sujeitos de transformação. Percebemos que esse programa de escola de tempo integral Jovem em Ação procura levar os estudantes a compreenderem que devem conhecer a si mesmos e acreditar em seus sonhos.

[...] Acredito que é o mal do século, a questão do existencialismo em relação aos jovens e à depressão, eles se acham muito só, não conseguem se identificar, ou achar sua própria identidade, essa é a primeira coisa que a escola faz; instiga o estudante a descobrir quem ele é, nós respondemos a uma apostila com perguntas muito pessoais e profundas, então o estudante fica se perguntado, “quem que eu sou”, eu coloquei assim: _ João Gabriel. Ai o rapaz chegou e falou: _ Você é só João Gabriel? Quem você é realmente lá dentro. Então a escola aperta muito na tecla de você se descobrir, conhecer e se reconhecer, quem você é de verdade, saber o que você quer, e conhecer o que você quer ser na vida [...]. (Estudante 1 – J).

As vivências, experiências, análises críticas e aprendizagens propostas nesse campo podem se constituir como suporte para os processos de construção de identidade e de projetos de vida, por meio do mapeamento e do resgate de trajetórias, interesses, afinidades, antipatias, angústias, temores etc., que possibilitam uma ampliação de referências e experiências culturais diversas e do conhecimento sobre si. (BRASIL, 2018, p.479).

Ainda em busca de respostas em torno da concepção de escola de tempo integral, os estudantes reconhecem as fragilidades em torno desta questão, visto que expressam receber um bom ensino, porém, apontam que, para ser integral, não basta apenas mudar o currículo, necessita-se, também, trabalhar as adaptações em um aspecto mais amplo, este, por sua vez, nos convida a refletir “*A estrutura não corresponde à escola de tempo integral. Essa escola era regular, recebeu o projeto e foi transformada sem estrutura para ser escola de tempo integral. [...]*”. (Estudante – 5). Esta fala expõe de certa forma os projetos que vêm de cima para baixo sem planejamento e isso pode e muito atrapalhar a boa execução de propostas inovadoras.

Outro ponto importante, que devemos destacar, está voltado para capacitação de professores, gestão compartilhada, acesso à internet de qualidade, ambiente e estrutura escolar adequada, para o acolhimento de todos, em especial, daqueles que apresentam deficiências físicas e transtorno global de desenvolvimento. As falas demonstram uma boa compreensão dessas juventudes acerca das questões de cidadania e acessibilidade.

[...]. Aqui os professores fazem com que as aulas não sejam tão chatas, e dinamizam as aulas. Essa escola dá oportunidade para os alunos se expressarem, dar a sua opinião. Aqui o ensino é bom, mas, fica difícil a permanência dos estudantes. A estrutura dessa escola é ideal, mas não para ser integral (Estudante 2 – C).

[...], aqui os alunos são motivados pelos colegas e professores a estudar, estou aprendendo muito com o ensino daqui, é de qualidade, só que a falta de estrutura prejudica não só os alunos como também os professores”. (Estudante 4 – L).

Mais uma vez, notamos que essa proposta na opinião dos entrevistados traz o ensino como sendo de qualidade, mas que a estrutura impacta na permanência dos docentes e discentes.

Ainda nesse viés, os alunos ponderam:

“[...] Se fosse observar o modelo padrão, a nossa escola não passaria, não seria de tempo integral. Mas, nesse formato de escola de tempo integral, eu apoio a forma como o ensino é ministrado aqui, este tem contribuído bastante para o nossos índices de aprendizagem que estão bem grandes, mas a falta de estrutura incomoda, temos colegas cadeirantes, alunos com deficiências e transtornos, e a escola não está totalmente adaptada. No almoço, ele conta com a solidariedade de colegas ou da tia da cantina para levar as refeições, tem essa parte muito ruim, mas de acordo o projeto tem um ensino muito bom, porém a estrutura física e tecnológica fica a desejar” (Estudante 5 – Q).

É muito instigante a forma como esses estudantes verbalizam suas percepções de ensinar e aprender, em um mundo em que as juventudes são vistas, na maioria das vezes, como sendo problema, ouvi-los e suas reflexões sobre suas emoções é extremamente satisfatório, muito importante para quem deseja pensar a escola e a educação no século XXI.

“Bom para nós jovens, que estudamos o dia todo, passamos maior parte do tempo na escola, então ela precisa encontrar um jeito de entreter os estudantes, e o que vejo é que ela consegue na parte de entreter e envolver os alunos nas atividades, e isso possibilita subir o nível de aprendizagem dos estudantes. Anteriormente, o professor só ordenava. Hoje em dia, percebemos que o professor já tem uma relação mais próxima com o aluno, faz brincadeiras, ri... um pouco, conseguem envolver os estudantes nas aulas, nesse quesito a escola vai bem. Em relação à estrutura, essa escola não foi construída para ser de tempo integral, foi adaptada e até agora só o currículo. Aqui os professores fazem com que as aulas não sejam tão chatas, e dinamizam as aulas. Essa escola dá oportunidade para os alunos se expressarem, dar a sua opinião. Aqui o ensino é bom, mas, fica difícil a permanência dos estudantes. A estrutura dessa escola é ideal, mas não para ser integral”. (Estudante 2 – C).

Percebemos, também, vaidade e autoconfiança, transmitidas nas falas e expressões dos estudantes, deixando transparecer em alguns momentos que o aprender e o ensinar estão acima de demandas estruturais.

A partir dessa explosão de sentimentos, de conhecimento, relatos do hoje, do agora, contradizendo tudo e a todos, podemos pensar uma escola mais próxima dessas juventudes e do contexto desses tempos pós-modernos. A fala do estudante 6-M demonstra bem isso:

“[...] Aqui somos literalmente preparados para vida. Se essa escola corresponde à minha expectativa de tempo integral? “Sim e Não”, tem as partes que encaixam perfeitamente, mas tem aquelas que deixam a desejar, porque essa escola não foi literalmente preparada com estrutura de escola de tempo integral, em estrutura a

minha escola ainda não é integral, no modo de ensinar sim". (Estudante 6 – M).

Compreendemos que em alguns momentos os estudantes se sentem protagonistas, como tal, participam das tomadas de decisão no cotidiano escolar. Ao serem perguntados sobre o que mudariam na escola, indicaram que mudariam as regras, pois estas os incomodam bastante. Porém, clamam por mais diálogos, ou menos que sejam ouvidos em seus apontamentos.

Neste ponto da conversa, em alguns momentos, percebemos, nas entrelinhas, que eles deixam transparecer que não são tão protagonistas, como gostariam: *“As regras são boas, só que a escola exagera e erra, poderia ser mais flexível, tipo poder usar bermuda nos dias quentes, nossa cidade é muito quente e nossa escola não é climatizada”* (Estudante 2 – C).

No contexto dialógico das juventudes, outro estudante afirma: *“Penso igual aos meus colegas, poderia dialogar mais as normas, tipo ter mais de uma opção de uniforme e incluir a bermuda. Já seria um avanço”* (Estudante 3 – R). Ou seja, o que ponderam é a falta de flexibilidade. Se a escola prega o protagonismo e a abertura, por que insiste em uma regra que vai contra todo o bom senso. Qual o problema de aceitar bermudas? Não seria melhor deixar os alunos mais à vontade? Nesse ponto é que as juventudes entram em choque, porque não entendem a necessidade de regras que não fazem muito sentido.

Vejamos as facetas em que o conceito de protagonismo juvenil pode nos revelar, pautados na constituição de jovens, solidários, competentes e autônomos (Costa, 2001):

“Sim, sou protagonista, eu participo, às vezes, nem sempre da elaboração das regras da escola. Mas, às vezes, essas regras incomodam, pois são muito exigentes, são cobradas na íntegra, até coisas que podem ter uma flexibilidade, uma negociação, é o que mais incomoda, é quererem colocar que essas regras são para o nosso futuro, e se lá na frente eu já tiver noção do que quero fazer, não valeu muito essa tentativa de colocar essas regras na minha cabeça, isso incomoda muito. Tipo não usar calça rasgada na escola, ou fazer um lanche fora do horário...” (Estudante 4 – L).

Por fim, a fala desses estudantes é pertinente, reconhecemos e compreendemos que tais ações desenvolvidas na escola promovem múltiplos aprendizados, transformando o pensamento e o conhecimento desses estudantes. *“As regras ajudam, mas também atrapalham e descontrolam, o que a escola prega, pois não temos flexibilidade, normas são normas e existem para serem cumpridas, não discutidas. E aqui são cumpridas na íntegra”*. (Estudante 6 – M). Isso nos leva a refletir sobre o que, de fato, acontece no interior dessas escolas de tempo integral. Esse tempo a mais é sinônimo de aprendizado ou cansaço? Ou um faz de conta que se encerra ao final desse nível de ensino? Como será a vida destes estudantes,

após o término do Ensino Médio? Serão, de fato, donos de seus destinos? Serão protagonistas na vida real?

Diante das opiniões dos participantes do grupo focal, são evidentes certas preocupações e fragilidades, por parte dos estudantes, em relação à estrutura física da escola e aos aspectos importantes para o desenvolvimento de competências tecnológicas no século XXI, principalmente, no que diz respeito ao investimento em novos equipamentos tecnológicos, laboratórios de informática, internet mais acessível e de melhor qualidade, laboratórios secos e molhados, climatização das salas de aula e formação docente específica nas áreas de conhecimento.

O PPP do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem em Ação (2019) elucida que “os laboratórios de ciências são espaços [...] para a experiência prática dos conhecimentos teóricos” (PPP/2019, p. 18), que fazem parte de um conjunto de aprendizagens práticas para a vida desses jovens. Ainda, de acordo o PPP do CEM Dona Filomena M. de Paula – Escola Jovem em ação (2019), no “laboratório seco”, são desenvolvidas as práticas das disciplinas de Matemática e Física e, no “laboratório molhado”, são promovidas práticas experimentais das disciplinas de Biologia e Química.

Considerando todo esse conjunto de ações e dificuldades apresentadas, a Escola Jovem em Ação apresenta-se como uma boa opção. Os estudantes afirmam estar à frente dos outros estudantes das escolas regulares de Miracema do Tocantins no que tange aos aspectos de oportunidade, sociabilidade, conhecimento, índice de aprendizagem e espaços de uso limitado de mídias digitais, imprimindo a sensação de ambiente escolar de convivência desejável.

Deste modo, foi possível apreender que os estudantes do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola de Tempo Integral – Escola Jovem em Ação - têm a percepção que o ensino ofertado é de qualidade, atendendo integralmente a sua formação. Tal afirmação está de acordo com o que prevê a própria LDB (1996), conforme se observa o Art. 35-A, parágrafo 7º, em que se expressa que “os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, [...] nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”.

Diante de tudo, reverberamos, ainda nas entrelinhas, que essa proposição de Jovem Protagonista e de construção de Projeto de Vida, presentes nos documentos que norteiam o Ensino Médio Integral – Jovem em Ação, está velada em tais documentos e nas relações internas no cotidiano escolar, evidenciadas em algumas falas dos estudantes do Grupo Focal, é algo ainda não tão visível e perceptível.

É importante dizer que as questões abordadas em entrevista realizada com a gestora, em

sua maioria, reforça as percepções apresentadas pelos estudantes, nos aspectos do ensino diferenciado, do protagonismo juvenil, da centralidade no projeto de vida dos estudantes, formação docente, havendo divergências nos aspectos tecnológicos e dialógicos, alertando para a necessidade de redesenharmos novos caminhos, estreitando diálogos rumo a possíveis flexibilizações em relação às regras ou normas escolares.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O que podemos afirmar, com base no questionário, e escuta do Grupo Focal, é que o ensino ofertado e efetivado nesse novo programa de Ensino Médio de Tempo Integral - Jovem em Ação - é de qualidade, segundo pontuam os participantes da pesquisa, atende suas expectativas e necessidades nesse nível de ensino. Porém, outros aspectos também serão apresentados, por serem pertinentes e de suma importância ao processo de ensino e de aprendizagem.

Um aspecto importante e que deve ser apontado é que esta pesquisa teve como objetivo central identificar a percepção dos jovens estudantes do Ensino Médio de Tempo Integral em Miracema do Tocantins, a respeito do ensino ofertado, que este não tinha propósito de avaliar se esse ensino é bom ou ruim. Porém, é pertinente destacar os apontamentos feitos pelos estudantes, em relação às fragilidades da estrutura física da escola, sendo citada como inadequada: pouco investimento em tecnologias visto por meio da funcionalidade parcial dos laboratórios de informática, secos e molhados e uso restrito de celular, bem como de falta de internet de qualidade e mais acessível. Também destacam a falta de flexibilização de diálogo em relação às normas ou regras, que, segundo os entrevistados, mudaria na organização da escola.

Neste sentido, para aprofundar mais sobre tais fragilidades, necessitaríamos de mais investigações, visto que nosso objetivo recai somente em verificar a percepção dos jovens sobre a oferta de ensino. Mas é fato que devemos partir dessa escuta, corrobora Dayrell (2009) quando ressalta a necessidade de a escola levar em conta o olhar dos jovens:

[...] os jovens estudantes do Ensino Médio, caracterizando-os como peças-chave do processo de qualificação desse nível de ensino, que deve, por sua vez, se adequar às características desses jovens. Fica evidente, assim, a necessidade de a escola e seus professores refletirem sobre o sentido da escola para os seus alunos, bem como sobre a relação que estes estabelecem com os projetos de futuro. É preciso, portanto, compreender as expectativas dos jovens estudantes a respeito de sua formação escolar e a avaliação que eles fazem dessa. (DAYRELL, 2009, p. 07).

E, ao fazermos essa escuta, como observa Dayrell (2009), é possível pensar os sentidos da escola a partir de seus sujeitos. Em meio às fragilidades apontadas, os estudantes do Ensino Médio de Tempo Integral, de Miracema do Tocantins, sentem-se contemplados e satisfeitos com o currículo, o ambiente escolar, o modo de ensinar dos professores. Porém, é urgente refletir, não apenas sobre a precariedade que envolve a estrutura física, visto que essa também pode vir implicar na qualidade do ensino ofertado e permanência dos estudantes e

professores, mas, sobretudo, nas relações, na socialidade, nos aspectos humanísticos que urgem serem levados em conta pela escola. Tanto no questionário, quanto no grupo, ficou evidente essa necessidade, essa ânsia das juventudes. Isso vai ao encontro do que pontua Zacariotti (2017), ao dizer que a fragmentação própria da contemporaneidade promove, de certa forma, uma ruptura, uma quebra de representatividade.

As juventudes não se enxergam mais representadas. As organizações políticas, os ideais de antes eram cartesianos, tinham projetos, definições. Para elas, na chamada pós-modernidade é muito importante o estar junto. O movimento das juventudes é emocional. Ou seja, as falas deixam bem claro, que mais importante que a estrutura, que a capacidade dos professores, são as relações internas, a atenção e educação dos professores, mais flexibilidade, mais diálogo quanto às regras, mais proximidade com os alunos, e mais aulas criativas que aproveitem seu protagonismo.

Nesse viés, Maffesoli (2007, p.96) assevera que, “[...] é através da Razão Sensível que o Ser humano mostra-se capaz de conectar-se com a realidade que o cerca [...]”. Assim, é importante dar a devida importância às emoções, expressando esse novo jeito de viver e de aprender desenvolvido nas relações de pessoas com pessoas, considerando as juventudes como agente de transformação, “somos parte integrante (e interessada) daquilo que desejamos falar” Maffesoli (2010, p. 29). O autor também argumenta que não existe uma única realidade, mas sim, “maneiras diferentes de conhecê-las” (Maffesoli, 2010, p. 36).

Outro ponto que observamos ser bem relevante, apontado pelo grupo focal, diz respeito à “depressão”, uma situação que trouxe vários elementos presentes nos dias atuais. Neste sentido, a estrutura curricular apresenta algumas ações importantes, mesmo não sendo direcionadas a essa questão específica, porém contribui e auxilia na identificação de sintomas. Os estudantes têm seus tutores e padrinhos, também, trabalham com o estudo orientado, momento de aproximação do professor e o estudante. Outra disciplina que também exerce esse papel de aproximação é o projeto de vida.

Costa (2000a, p. 6) expõe que “os jovens estão à procura de elementos e experiências que ajudem a encontrar o sentido da própria existência”. Deste modo, a questão do existencialismo é dialogada na proposta desse novo programa de ensino, cujo alguns estudantes expressaram a questão da solidão e da dificuldade de se reconhecer, construir suas próprias identidades ou identificações no mundo - cobranças que nessa fase se acirram.

Muito interessante, por fim, identificar que, na percepção dessas juventudes estudadas, a tecnologia não está no topo das exigências, claro que eles desejam melhor acesso, mas isso fica atrás do que é da ordem emocional, do que se trata de vê-los como sujeitos em suas

necessidades e diversidades, além de serem de fato ouvidos em seu papel de protagonistas.

Porém, contudo é importante lembrar que: “[...] a inclusão das tecnologias digitais, principalmente, como também, capacitar para a decodificação e uso de todas as linguagens comunicativas presente na sociedade contemporânea” (MARTINS, 2017, P. 37) são fundamentais, considerando que as juventudes constroem seus relacionamentos produzindo novas formas de pensar e agir. Ainda de acordo o autor, “[...] cada vez mais, os modelos de educação precisam acompanhar as transformações sociais extremamente rápidas para que, os jovens preparados hoje, sejam capazes de pensar e viver a sua época”. (Martins, 2017, p. 124). Enfim, as instituições escolares precisam “ocupar o seu lugar de orientar o processo de aprendizagem. Já não é mais o centro de informações como fora no passado” (MARTINS 2017, p. 38). Todos esses apontamentos vistos como pegadas, impressas na areia, que se desmancham aos mais sublimes ventos contemporâneos, apresentados (Bauman, 2001), na obra tempos líquidos, nessa dinâmica nada dura para sempre.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após investigar a percepção dos jovens sobre o Ensino Médio de Tempo Integral ofertado em Miracema do Tocantins, verificamos que os estudantes consideram receber um bom ensino e acreditam estudar em uma boa escola, pontuando problemas estruturais e tecnológicos. Estes participantes da pesquisa trazem, em destaque, a organização do ambiente, a parte diversificada do currículo escolar, a qualificação docente e dão pistas de longo caminho para se tornar de fato protagonistas. Estes estudantes têm a percepção de que o ensino recebido na escola jovem ação atende em parte suas expectativas de ensino, preparando-os para o mercado de trabalho, mesmo com todas as condições adversas materiais, estruturais e tecnológicas, essenciais na formação do sujeito autônomo, competente e solidário.

Podemos afirmar que, embora este seja um trabalho sobre juventudes e Ensino Médio, trazendo discussões teóricas acerca de elementos que compõem essa proposta de Ensino Médio de Tempo Integral, como este se impõe no estado do Tocantins - TO, por meio de portarias, vivemos a ilusão de cumprimento da meta seis do Plano Nacional de Educação - PNE, e sua implantação no município de Miracema do Tocantins, com certeza sua maior contribuição recai nos depoimentos, nas conversas e discussões dialogadas com os estudantes sobre sua percepção de ensino ofertado no Ensino Médio de Tempo Integral, sendo primordial ouvir jovens que estão vivenciando esta nova proposta de ensino, com centralidade no protagonismo juvenil e seus projetos de vida.

Esta investigação foi realizada com os estudantes das segundas e terceiras séries do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem em Ação em Miracema do Tocantins – TO, as percepções destes estudantes sobre o Ensino Médio de Tempo Integral ofertado trouxeram respostas e algumas indagações às questões norteadoras deste trabalho.

Para a coleta de dados, planejamos três momentos distintos com o objetivo de identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. Primeiro momento foi com a gestora em entrevista semiestruturada, segundo momento com 44 estudantes na aplicação de questionário e terceiro momento com um grupo menor de seis estudantes no grupo focal. A amostra caracterizou-se aleatória e voluntária, no caso desta pesquisa, os sujeitos foram convidados a participar. Podemos afirmar que os instrumentos de coleta de dados, a não determinação de critérios, tornou nossa pesquisa mais desafiadora, possibilitando extrair depoimentos livres de

rotulações, ou seja, ouvir um público diverso com possibilidades de resposta indeterminadas.

No contexto da constituição do sujeito, internet e o espaço escolar, os dados nos revelaram que a média de idade dos estudantes que cursam o ensino médio de tempo integral em Miracema do Tocantins varia entre 15 a 19 anos, com destaque a idade de 16 anos, porém é importante dizer que nosso foco são os sujeitos que cursam o ensino médio de tempo integral, e não se detém a fixação de faixa etária. A maioria é do sexo feminino e estudam a segunda série, consideram ter melhor desempenho que os demais estudantes das demais escolas regulares, atribuindo a esse feito a extensão da jornada escolar, as aulas diversificadas, organização do ambiente escolar e qualificação dos docentes.

Os estudantes pesquisados, em sua maioria, moram com os pais, revelaram ter tido influência dos amigos e de familiares para a escolha de estudar nesse novo formato de escola de Ensino Médio de Tempo Integral. São oriundos de famílias de classe média, tem acesso à internet, com maior acessibilidade em casa por dispositivos móveis. Percebemos, ainda, que esses jovens de certa forma não precisam trabalhar, apenas estudam, o que nos leva a pensar e nos questionar: a quem a escola de Ensino Médio de Tempo Integral atende? Em algum momento, esse novo formato de escola de fomento Jovem em Ação pode vir a tornar-se excludente? Essa formação integral do sujeito atinge por igual às juventudes?

Com o propósito de vencer antigos desafios, o Brasil passa pela Reforma do Ensino Médio, por uma construção de Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio, e criam-se as Novas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, tais documentos apresentam meios e mecanismos para atender aos direitos de aprendizagem do sujeito, tais mecanismos se apresentam questionáveis por uma grande parte de estudiosos na área educacional.

Quanto às percepções de ensino e a formação docente, constatamos que os estudos têm grande importância para concretização do futuro dos estudantes participantes da pesquisa, seja como possibilitador de ingresso ao ensino superior ou para acesso ao mercado de trabalho, reconhecem a importância do papel dos docentes nesse processo de formação pessoal, social e cultural, apontando o diálogo como ponto chave para ensino e a aprendizagem dos alunos. Podemos afirmar que, em parte, nossa hipótese foi respondida, não no aspecto tecnológico, devido à deficiência na disponibilidade e acesso a uma rede de internet de qualidade, aparelhamentos e mão de obra qualificada, apontados ainda como dificuldades que precisam ser superadas em grandes partes das escolas brasileiras.

Constatamos no decorrer da análise dos dados, alguns paradoxos e contradições, atribuídos em partes ao formato de coleta de dados, questionário muito extenso. Tais contradições podem ser vistas claramente no desenrolar do grupo focal, principalmente em

elementos relacionados ao protagonismo juvenil, compreendem a conceituação do ‘ideal’ e distanciamento do que se tem com ‘real’, presente nas falas dos estudantes.

É interessante destacar o perfil do público (estudantes e professores) neste programa de Ensino Médio de Tempo Integral - Escola Jovem em Ação, visto que, para alguns dos participantes da pesquisa, a estrutura física não interfere na transmissão de conhecimento e ensino de qualidade, porém vale ressaltar que as instituições escolares devem operar consoante às ações asseguradas na legislação, inclusive a estrutura física adequada, sendo fator fundamental na efetivação do ensino com qualidade para todos.

Diante das problemáticas expostas, o desafio está posto, já que esse modelo de ensino de tempo integral, de fato, desenvolve um novo jeito de fazer educação, sobretudo, levando em consideração à participação das juventudes. Porém, também devemos observar todos os fatores desta abordagem de ensino, não somente os positivos, como também os negativos. Uma necessidade de dar atenção no que diz respeito ao mundo movido pelos novos espaços de comunicação, que ficaram evidentes neste estudo.

Sabemos que vivemos em constantes transformações, essas são marcadas, principalmente, pelas tecnologias digitais, criando novas formas de se comunicar em vários espaços ao mesmo tempo, devido todas as ações da escola estarem ramificadas no espaço pedagógico, sendo que este deve ser constantemente “lido,” interpretado, gerando, assim, novas interpretações e novas escritas, centralizado na troca de conhecimento entre os docentes e estudantes, entendemos que é preciso fazer da escola espaço de formação humana com princípios protagonistas, na qual as juventudes possam desenvolver habilidades positivas na elaboração e execução do projeto de vida - centralidade nesse programa de ensino de tempo integral jovem em ação.

O produto educacional desta dissertação foi composto por um e-book que será disponibilizado futuramente nas plataformas digitais. Desta forma, decorre que a pesquisa realizada, em busca da percepção dos estudantes sobre o ensino médio de tempo integral em Miracema do Tocantins, contribui para uma reanálise das presentes políticas aplicadas nas escolas de fomento no Estado. Esta investigação, de certo modo, reafirma a necessidade de escuta, de dar voz e ouvidos aos jovens e tê-los como parceiros na construção e execução dos processos educacionais, servindo, ainda, de base de reflexão para as secretarias estaduais de educação, posto que este trabalho pode fomentar o (re)pensar dos aspectos estruturais, curriculares e formativos dos docentes. A partir do olhar e percepção das juventudes sobre o ensino ofertado nas escolas públicas de Ensino médio, podemos agregar contribuições importantes nos cenários dessas políticas públicas.

Podemos dizer que, os resultados da presente pesquisa indicam que o Programa de Escola de Tempo Integral Jovem em Ação pode fazer a diferença, ao vislumbrar o projeto de vida e o protagonismo juvenil como projeto central/norteador do ensino e de aprendizagem. Entendemos que as juventudes pesquisadas não apenas recebem educação, mas fazem a educação, juntamente com os docentes, porém, esse entendimento não desobriga as instituições da necessidade urgente de discutir pontos importantes, como, evoluir para uma educação de qualidade dialogada, oportunizando mais acesso às tecnologias digitais, à internet, bem como melhor avaliação da proposta que se coloca no papel. Ainda há muito a se evoluir na prática do projeto protagonismo, especialmente no aceitar as juventudes como protagonistas de fato e com foco nas relações com docentes.

Enfim, esta discussão não se esgota aqui, são apenas indicativos, que, em parte, correspondem algumas impressões iniciais, pois nossa escolha teórica já apontava para a direção da necessidade de ampliar as possibilidades de apresentação, de voz, de escuta, de respeito aos elos emotivos de juventudes, que querem, cada vez mais, serem enxergadas. Sim, a percepção do grupo pesquisado é satisfatória do ensino recebido no Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula – Escola Jovem Em Ação, em Miracema do Tocantins, mas o mais importante foram as pistas que deixaram para que a escola em questão, assim como as demais, possam seguir em direção ao (re)conhecimento de quem são essas juventudes e de como podem ajudar a transformar o processo de ensino e de aprendizagem, baseando-se mais na razão sensível, como nos ensinam os autores pós-modernos, do que em metodologias mirabolantes ou superestruturas educacionais.

Por fim, deixamos claro que os dados e as considerações apresentadas nesse trabalho referem-se ao grupo estudado e não podem ser estendido à amplitude das juventudes. Mais do que isso, reconhecemos que as análises dos dados e a sua interpretação revelam o real e não o ideal contido em nosso olhar sobre o tema, e que os mesmos dados poderiam ser interpretados de outras formas, compreendemos, também, que, ao usarmos questionário muito longo e de certa forma induzir as respostas, estes elementos podem ter interferido no resultado final. Porém, tudo que fazemos em nome da pesquisa, nos faz crescer, que este estudo possa provocar novos olhares e estudos em outras pessoas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto alegre: Sulina, 2012

BAUMAN, Zygmunt, **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Aberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BIBLIOTECA DO IBGE. liv101551_informativo.pdf. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica** • n.38. (2016, p. 5 e 12). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101551>. Acesso em 01 de agosto de 2019.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_em_baixa_site.pdf. Acesso em 02 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Governo lança Novo Ensino Médio, com Escolas em Tempo Integral e nova proposta curricular**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/39571-proposta-preve-flexibilizacao-e-r-1-5-bilhao-em-investimentos-em-escolas-de-tempo-integral>. Acesso em 12 de abril de 2019.

BRASIL. Portaria nº 727, de 13 de junho de 2017. Estabelece novas diretrizes, novos parâmetros e critérios para o Programa de Fomento às Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral - EMTI, em conformidade com a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 Ministério da Educação Gabinete do Ministro DOU de 14/06/2017 (nº 113, Seção 1, pág. 9), Brasília, 2017. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/74121-portaria727-2017-emi-pdf/file>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

BRASIL. **Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. Brasília: Senado Federal, 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014**. 2. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2015. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/20204>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 22 de julho de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/55951-politica-de-fomento-a-implementacao-de-escolas-de-ensino-medio-em-tempo-integral-emi>. Acesso em: 11 de abril de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Nº 3 de 21 de novembro de 2018**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/59321-resolucoes-ceb-2018>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

BRASIL. **MP 746 de 22 de setembro de 2016**. Brasília, set. 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48601-mp-746-ensino-medio-link-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 jul. 2017.

BRASIL. **Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

BRASIL. **Lei 8.069/1990 de 13 de julho de 1990**. Brasília. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=16/07/1990>. Acesso em: 09 de agosto de 2019.

PROTAGONISMO In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7 Graus, 2018. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/juventude/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

CARRANO, P. C. R. **Identidades juvenis e escola. Alfabetização e Cidadania** (São Paulo), São Paulo, v. 10, p. 09-19, 2000.

COSTA, A.C.G. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

_____. A.C.G. **A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa**. 2ª Ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

_____. **Programa cuidar: educação para valores**. Instituto Souza Cruz, 2002. 205p.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.323.

CUNHA, L. A. Ensino médio: atalho para o passado. **Educ. Soc.** Campinas, v. 38, nº 139, 2017.

DAYRELL, J. A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola. In: VIEIRA, M. M. et al. (Orgs.). **Habitar a Escola e as Suas Margens: geografias plurais em confronto**. Porto Alegre, RS, cap. 2, p. 65-72. 2013.

DAYRELL, J. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 Janeiro de 2018.

_____. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28. 2007.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.

_____. A escola como espaço sócio-cultural. In: **MÚLTIPLOS olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

_____. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação, 2001.

DAYRELL, Juarez; CARRANO; MAIA, Carla. Juventude, socialização e transição para a vida adulta. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sýnia M. Gomes (Org.). **Juventude e contemporaneidade desafios e perspectivas**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Ed. UCG; Cãnone Editorial, 2009. p. 119-136

DIÁLOGO. J. E. M.: **sujeitos e currículos** em / Juarez et al Organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EDUCARE – XIII Congresso em educação, 2017, Curitiba (PR) – Brasil. **Formação de Professores: Contexto, sentidos e práticas - Eixo – Políticas Públicas e Gestão da Educação**

Agência Financiadora: não contou com financiamento. Curitiba, 2017.

EZPELETA, J. ROCKWELL. **Pesquisa participante**. SP: Cortez Ed., 1986. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1748941/mod_resource/content/1/Escola_Dayrell.doc. Acessado em 15 de abril de 2019.

FERRETI, C.J.; ZIBAS, D.M.L.; TARTUCE G.L.B.P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v.24, n.122, p. 411- 423, maio/ago.2004.

_____. **Micropolítica escolar e estratégias para o desenvolvimento do protagonismo juvenil**. Cadernos de Pesquisa, v.36, n. 127. São Paulo. Jan/abr 2006.

FERRETTI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. Ensino de Humanidades. **Centro de Estudos Educação e Sociedade**, Campinas, São Paulo, vol.32 n.93, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142018000200025. Acesso em: 19 de julho de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber. Livro, 2005.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUVENTUDE e identidade (artigo). Disponível em <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-94.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**. Papyrus Editora. Edição do Kindle. Versão ebook. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/os-desafios-da-escola-no-mundo-contemporaneo/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

KUENZER, A. **Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 6 ed.

Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Ed.Sulinas, 2010.

_____. **Cibercultura, tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Sulina, Porto Alegre, 2002.

_____. Aspectos da cibercultura: **vida social nas redes telemáticas**. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002, p. 112-129.

_____. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. 115º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006.

LEMOS, A; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma cibe democracia**. Paulus: São Paulo, 2010

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? 2 ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

LOBATO, G. **Educação e Tecnologia: Novas Possibilidades, Novos Caminhos (1)**. Edição do Kindle.

LÔBO, K R G; NASCIMENTO, V S do. **Juventude e Identidade: Um Estudo Sobre a Construção Histórica de Pertencimento em Jovens**

MARTINS, José Lauro. Enquanto uns ensinam, outros navegam: a gestão da aprendizagem em tempos digitais [curso eletrônico] / José Lauro Martins -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. Disponível em: <https://www.editorafi.org/136joselauro>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva** / Michel Maffesoli. Traduzido por Aluizio Ramos Trinta. – Porto Alegre : Sulina, 2010. Disponível em <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/395.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

_____. **Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações**. Revista Ciências Sociais – Unisinos, v. 43, n. 1, jan./abr., 2007a. Disponível em:

revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

MIRACEMA DO TOCANTINS. **Plano de Ação CEM. Dona Filomena Moreira de Paula**, 2017. Miracema do Tocantins.

_____. **Plano de Ação CEM. Dona Filomena Moreira de Paula**, 2018. Miracema do Tocantins

_____. **Regimento interno/2019. CEM. Dona Filomena Moreira de Paula**, 2019. Miracema do Tocantins

MORGAN, D L. **Focus groups as qualitative researsb**. 2 ed. London: SAge Publications, 1997.

NONATO, E do R S. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan. Junho 2006.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Juventude, juventudes**. TEORIA E DEBATE, Brasília, DF, EDIÇÃO 99 de 12/04/2012. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2012/04/12/juventude-juventudes/>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo o do Ensino o Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.229-248.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, A J. **Revista Educação a Distância**, Batatais, v. 7, n. 1, p. 55-71, jan./jun. 2017, Disponível em: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-94.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

SAVIANI, D. Sistemas de ensino e planos de educação: o âmbito dos municípios. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 20, n°. 69, 1999.

_____. **Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação: significado, controvérsias e perspectivas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014a.

_____. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 e a questão do Sistema Nacional de Educação. In: CUNHA, Célio da et al. **O Sistema Nacional de Educação: diversos olhares 80 anos após o Manifesto**. Brasília: MEC/SASE, 2014b.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Inês. Uma carta, um convite. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.11-41.

TOCANTINS. Guia de Orientações para a Execução do Programa de Fomento das Escolas Jovem em Ação, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/66666666kk/Downloads/Guia%20de%20Orienta%C3%A7%C3%B5es%20Iniciais%20Escolas%20Jovem%20em%20A%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/66666666kk/Downloads/Guia%20de%20Orienta%C3%A7%C3%B5es%20Iniciais%20Escolas%20Jovem%20em%20A%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf). Acesso em: 20 de setembro de 2019.

TOCANTINS. SEDUC. **Plano de Ação**, 2019. Palmas. Disponível em <http://www.iema.ma.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/PLANO-DE-AÇÃO-2019.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2019.

TOCANTINS. **Lei nº 2.977 de 8 de julho de 2015**. Aprova o Plano Estadual de Educação do Tocantins - PEE/TO (2015-2025), e adota outras providências. Publicada no Diário Oficial nº 4.411Tocantins, 2015.

VIEIRA, R. Souza. Associação Brasileira de Educação a Distância. **O Papel das tecnologias da informação e comunicação na educação a distância: um estudo sobre a percepção do professor/tutor**, V. 10 – 2011. Disponível em http://seer.abed.net.br/edicoes/2011/Artigo_05.pdf. Acessado em 6 de julho de 2019.

ZACARIOTTI, Marluce. **(In)visibilidade das juventudes pós-modernas: trilhas estéticas na cibercultura/** Marluce Zacriotti. - 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2017.

APÊNDICE – A AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO PESQUISADA.

APÊNDICE – B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

APÊNDICE – C TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

APÊNDICE – D ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM OS ALUNOS (AS).

APÊNDICE – E ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA A GESTORA.

APÊNDICE – F ROTEIRO DO GRUPO FOCAL PARA DIALOGAR COM OS (AS) ALUNOS (AS).

**APÊNDICE – A AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO
PESQUISADA.**

Eu, Rita de Cássea Coronheira Silva, RG 450-277 SSPTO, Normalista, na condição de Mestranda em Educação pela UFT – Universidade Federal do Tocantins, linha de pesquisa Currículos Específicos de Etapas e Modalidades. Solicito à V.S^a, a concessão de entrevista semiestruturada e autorização para aplicação de questionários e realização de grupo focal nas turmas de 2^a e 3^a série do Ensino Médio por amostragens nesta Instituição de Ensino, para fins de colher dados para minha pesquisa de Mestrado Profissional em Educação, que tem como título Juventudes e Ensino Médio: A Percepção de Estudantes de Miracema do Tocantins. Este trabalho é orientado pela Professora Dr^a Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti, Professora do campus de Palmas Tocantins.

(Esclareço que os sujeitos da pesquisa (Alunos e Gestor (a)) serão informados verbalmente sobre os seguintes aspectos: a) Justificativa, objetivos, instrumentos de coleta de dados e procedimentos utilizados; b) Garantia de esclarecimentos antes e durante a pesquisa; c) Liberdade de se recusar a participar, ou retirar seu consentimento ou assentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum, e d) Garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, garantindo-lhes absoluta privacidade.

Caso autorize a coleta de dados, favor assinar, carimbar e datar esta autorização.

Miracema do Tocantins, _____ de Fevereiro de 2019.

Assinatura

Diretor (a) ou Responsável pela área de Ensino.

APÊNDICE – B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa “Juventudes e Ensino Médio: A Percepção de Estudantes de Miracema do Tocantins”, sob a responsabilidade da pesquisadora Rita de Cássea Coronheira Silva, aluna do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), pretende Identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. O estudo se justifica pelo fato de dar voz as juventudes na tentativa de identificar se os mesmos se sentem atendidos pelo ensino ofertado no ensino médio na contemporaneidade.

A participação será voluntária, sendo que a diretora da unidade e os estudantes serão submetidos a responderem um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo realizado na própria escola, em horário a ser marcado e autorizado pela direção. Neste sentido é de suma importância à sua participação. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de desconforto você não precisa realizá-lo. Em nenhum momento você será identificado.

O projeto apresenta riscos indiretos para os participantes, mesmo sendo uma coleta de dados através de aplicação de questionário, podendo causar desconforto aos participantes ao responderem as questões. Os benefícios remetem aos objetivos da pesquisa: Identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. Levantar o perfil dos estudantes do Ensino Médio Integral do Centro de Ensino Médio (CEM) Dona Filomena Moreira de Paula, em Miracema do Tocantins; Identificar o que os estudantes entendem por educação escolar; Pesquisar como os estudantes veem os métodos de ensino em sala de aula e como avaliam a formação do professor; além de refletir sobre suas relações com as tecnologias e como enxergam o uso de tecnologias na educação Os resultados da pesquisa serão publicados, ressaltando os conhecimentos que possibilitarão buscar novos caminhos para se pensar políticas públicas para o ensino médio no atendimento as expectativas das juventudes, porém sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ou ganho financeiro por participar na pesquisa

A pesquisa será acompanhada pela pesquisadora e orientadora, numa revisão constante do projeto de pesquisa, para que sejam realizadas as alterações necessárias de forma que não distancie dos objetivos e métodos propostos no projeto inicial.

Para obtenção de qualquer tipo de informações, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Rita de Cássea Coronheira Silva, pelo telefone (63) 98457-3042, ou por meio do email silvacoronheira@gmail.com. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo Sr. (a), ficando uma via com cada uma das partes.

Eu, _____ RG: _____, fui informado sobre os objetivos e pretensões que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa.

Miracema, _____, de _____ de 2019.

Assinatura do participante ou responsável legal.

Rita de Cássea Coronheira Silva
Assinatura do pesquisador responsável.

APÊNDICE – C TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa “Juventudes e Ensino Médio: A Percepção de Estudantes de Miracema do Tocantins” sob a responsabilidade da pesquisadora Rita de Cássea Coronheira Silva, aluna do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), a qual pretende Identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. O estudo se justifica pelo fato de dar voz as juventudes na tentativa de identificar se os mesmos se sentem atendidos pelo ensino ofertado no ensino médio na contemporaneidade.

Sua participação é voluntária, você será submetido a responder um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo realizado na própria escola, em horário a ser marcado e autorizado pela direção. Neste sentido é de suma importância à participação dos estudantes, na perspectiva de refletir novos olhares sobre as políticas voltadas para os estudantes do Ensino Médio. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de desconforto você não precisa realizá-lo. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados.

O projeto apresenta riscos indiretos para os participantes, mesmo sendo uma coleta de dados através de questionário, podendo causar, desconforto. Os benefícios remetem aos objetivos do presente estudo: Identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. Levantar o perfil dos estudantes do Ensino Médio Integral do Centro de Ensino Médio (CEM) Dona Filomena Moreira de Paula, em Miracema do Tocantins; Identificar o que os estudantes entendem por educação escolar; Pesquisar como os estudantes veem os métodos de ensino em sala de aula e como avaliam a formação do professor; além de refletir sobre suas relações com as tecnologias e como enxergam o uso de tecnologias na educação.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Rita de Cássea Coronheira Silva, responsável pela pesquisa pelo telefone (63) 98457-3042 ou por meio do email silvacoronheira@gmail.com.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo Sr. (a), ficando uma via com cada uma das partes.

Eu, _____ RG: _____, fui informado sobre os objetivos e pretensões que à pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa.

Miracema, _____, de _____ de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Rita de Cássea Coronheira Silva
Assinatura do pesquisador responsável

**APÊNDICE – D ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM OS ALUNOS
(AS).**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Título do Projeto: **Juventudes e Ensino Médio: A Percepção de Estudantes de Miracema do Tocantins**

Pesquisadora Responsável: **Rita de Cássea Coronheira Silva**

Orientadora Responsável: **Dr^a Marluce Evangelista Zacariotti**

Prezados estudantes esta pesquisa tem por objetivo geral Identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. Esse é um estudo acadêmico e seus resultados serão utilizados apenas para fins institucionais.

Idade: _____

Email: _____

Tel: _____

1. Sexo.

() feminino () masculino () outros

2. Que série do ensino médio você está cursando?

() 1^a série () 2^a série () 3^a série

3. Como você classificaria sua cor, segundo as categorias usadas pelo IBGE?

() branca () parda () indígena () preta () oriental

4. Estado Civil

() solteiro (a) () casado (a) () vive com companheiro (a)
() outra situação, qual?

5. Atualmente você mora

() sozinho(a) () com os pais () com a mãe
() casa de parentes. () com o pai () casa de amigos.
() outro qual:

6. Sua família mora em imóvel

() próprio () cedido () alugado () financiado

7. Qual é a renda média da sua família? (considerar o que todos os membros da família ganham)

() menos de um salário mínimo () de um salário mínimo () dois salários mínimos
() três salários mínimos () de quatro a seis salários mínimos
() acima de seis salários mínimos

8. A sua localização de moradia (residência/ casa) é?

() na Zona urbana (cidade) () na Zona Rural (campo)

9. Você leva em média quantas horas para chegar à escola? _____

10. Tem acesso a internet?

() sim () não

11. Se sim, de onde costuma acessar a Internet?

- casa escola casa de amigos estabelecimentos comerciais
 outros, quais?
-

12. Que tipo de aparelhos/dispositivo mais utiliza para acessar a Internet/ redes sociais?

- computador fixo, em casa em qualquer lugar com um computador portátil
 em qualquer lugar com um dispositivo móvel (Tablet, smartphone, etc)
 outros, quais?
-

13. Por que você escolheu estudar nessa escola?

- o ensino é referencia por ser integral por orientação da família
 pela influência dos amigos falta de opção
 outros, quais?
-

14. O que você mais gosta na sua escola? (modo das aulas serem ministradas; o comportamento do professor; o ensino integral; o tempo das aulas; da rotatividade de salas).

- das aulas do intervalo dos professores do ambiente
 outros motivos, quais?
-

15. O que você menos gosta na sua escola? (modos das aulas serem ministradas; o comportamento do professor; o ensino integral; o tempo das aulas; da rotatividade de sala de aula).

- das aulas dos professores das regras da escola dos colegas
 outros, quais?
-

16. Você está satisfeito com a sua escola?

- sim não

Por quê?

17. O que você espera da escola? (Pode marcar até três alternativas)

- ter boa preparação para ingressar na Universidade aprender coisas práticas para o dia a dia
 que ela traga conhecimento não espera nada da escola
 preparo para ingressar no mercado de trabalho
 outros, quais?
-

18. Qual a importância dos estudos para o seu futuro?

- muito importante relativamente importante pouco importante
 não penso sobre isso não sei
-

19. O que você costuma fazer quando não está estudando? (Pode marcar até três alternativas)

- pratica esporte assiste a filmes assiste à TV vê canais do Youtube
 lê livros acessa as Redes sociais encontra com os amigos
 outros, quais?
-

20. Como você acha que os professores veem os estudantes? (Pode marcar até três alternativas)

- interessados desinteressados comprometidos rebeldes
 focados preguiçosos bagunceiros
 outros, quais?

21. Em sua opinião como seria a aula ideal? (Pode marcar até três alternativas):

- aulas explicativas aulas expositivas aulas em laboratórios
 aulas com mais prática e menos teoria aula com discussão em grupo
 aulas com uso de mídias digitais aulas mais curtas aulas mais longas
 outros, quais?

22. O tempo das aulas, em sua opinião, é:

- excelente ótimo muito bom bom regular
 ruim

23. Em sua opinião o ensino de tempo integral é:

- excelente ótimo muito bom bom regular ruim
 Por quê?

24. Em sua opinião o que diferencia o ensino de tempo integral do ensino regular?

25. O que você mudaria no modo como a escola propõe ensinar?(modos das aulas serem ministradas; comportamentos dos professores; tipo de ensino integral; o tempo das aulas; a rotatividade de sala de aula; etc.)

26. Em relação aos conteúdos das disciplinas você está:

- satisfeito insatisfeito parcialmente satisfeito indiferente
 Por quê?

27. Em relação ao modo como os professores ensinam os conteúdos você está:

- satisfeito insatisfeito parcialmente satisfeito indiferente
 Por quê?

28. Por que você vai à escola?

- para aprender para encontrar com os amigos para ter uma profissão
 por que gosto de estudar por que sou obrigado
 outros, quais?

29. Em sua opinião as disciplinas da escola são úteis?

- sim não
 Por quê?

30. Quais disciplinas abaixo você mais gosta? (Pode marcar até três alternativas)

- Português () Inglês () Educação Física () Artes ()
 Matemática () Química () Física () Biologia ()
 Filosofia () História () Geografia () Sociologia ()

Por quê?

31. Quais disciplinas abaixo você menos gosta? (Pode marcar até três alternativas)

Português () Inglês () Educação Física () Artes ()

Matemática () Química () Física () Biologia ()

Filosofia () História () Geografia () Sociologia ()

Por quê?

32. Que disciplina você tiraria do currículo do Ensino Médio? É por quê?

33. Além dos conteúdos curriculares o que mais você gostaria de ter na escola:

34. O que você espera de seus professores? (Pode marcar até três alternativas)

- () que sejam educados () que sejam qualificados
 () que sejam comprometidos com o ensino e aprendizado dos estudantes
 () que entendam nossos anseios () que sejam mais atualizados
 () que usem tecnologias () que interajam com a turma
 () que ensinem bem () outros quais?

35. Cite dois pontos positivos em relação às aulas ministradas pelos professores (se considerar que tenha):

36. Cite dois pontos negativos em relação às aulas ministradas pelos professores (se considerar que tenha):

37. Você gosta da forma como são ministrados os conteúdos em sala de aula?

- () sim () não

Justifique: _____

38. Como gostaria que os conteúdos fossem ministrados?

39. Os professores de modo geral, demonstram saber ou ter conhecimento em relação às tecnologias, redes digitais?

- () sim () não

40. Seus professores utilizam de alguma tecnologia em suas aulas?

- () sim () não

41. Como classifica a estrutura de sua escola:

- () ótima () boa () razoável () ruim

42. A escola que você estuda oferece laboratório de informática?

- () sim () não

43. Em relação à tecnologia da sua escola:

- () boa () razoável () ruim

44. Em sua opinião, o que falta na estrutura de sua escola?

Aceito participar desta pesquisa e autorizo que os dados da mesma sejam utilizados para efeitos educacionais, acadêmicos e publicações.

Obrigada por sua participação!

APÊNDICE – E ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA A GESTORA.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Título do Projeto: Juventudes e Ensino Médio: A Percepção de Estudantes de Miracema do Tocantins

Pesquisadora Responsável: **Rita de Cássea Coronheira Silva**

Orientadora Responsável: **Dr^a Marluce Evangelista Zacariotti**

Prezado (a) Diretora (a), esta pesquisa tem por objetivo geral Identificar as percepções dos estudantes acerca do Ensino Médio, de Tempo Integral, ofertado numa escola pública de Miracema – TO. Esse é um estudo acadêmico e seus resultados serão utilizados para fins institucionais apenas.

Email: _____

Tel: _____

Formação acadêmica: _____

1. Sexo. _____
2. Você acha que o ensino de tempo integral ofertado atende às expectativas e necessidades dos estudantes? _____
3. A Estrutura física da escola atende à modalidade de ensino ofertado? _____
4. Todas as salas de aulas são climatizadas? Se não esse fato interfere na qualidade do ensino da aprendizagem? Justifique: _____
5. A escola dispõe de laboratório de informática? _____
6. Há acesso de internet disponível para os alunos? _____
7. A escola tem regras em relação ao uso das tecnologias pelos estudantes? Se sim quais são as regras? _____
8. Na condição de gestora como você vê o novo ensino médio, aprovado pela lei 13.415 de 2017, No que diz respeito à ampliação do tempo mínimo do estudante na escola passando de 800 horas para 1.000 horas anuais. De forma positiva ou negativa justifique: _____
9. Em sua opinião, a que está associado à evasão escolar:

<input type="checkbox"/> ingresso precoce ao mercado de trabalho	<input type="checkbox"/> escola de tempo integral
<input type="checkbox"/> por não conseguir acompanhar os conteúdos	<input type="checkbox"/> dificuldade financeira
<input type="checkbox"/> uso de drogas envolvimento com produtos ilegais	<input type="checkbox"/> reprovações
<input type="checkbox"/> violência física e psicológica	<input type="checkbox"/> ingresso precoce na maternidade
<input type="checkbox"/> outros quais?	
10. Quais os principais desafios que a escola tem enfrentado diante dessa juventude conectada? _____
11. A escola permite o uso de celular em sala durante as aulas. _____

12. A escola é de tempo integral, como é desenvolvido o projeto aqui no Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula?

13. Os professores trabalham com tecnologias digitais em sala de aula?

Em sua opinião o que a escola de Tempo Integral se diferencia da escola regular?

14. Cite as cinco maiores dificuldades hoje postas ao Ensino Médio de Tempo Integral?

15. Você acredita que os estudantes estão satisfeitos com o ensino ofertado?

16. Você acha que os professores estão capacitados para esse tipo de ensino de tempo integral?

17. Como você avalia a relação entre os professores, às tecnologias digitais e os anseios dos alunos.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo que os dados da mesma sejam utilizados para efeitos educacionais, acadêmicos e publicações.

Obrigada por sua participação!

**APÊNDICE – F ROTEIRO DO GRUPO FOCAL PARA DIALOGAR COM OS (AS)
ALUNOS (AS).**

Título do Projeto: Juventudes e Ensino Médio: A percepção de estudantes de Miracema do Tocantins

Pesquisadora Responsável: Rita de Cássea Coronheira Silva

Orientadora Responsável: Dr^a Marluce Evangelista Zacariotti

Prezados estudantes, esta etapa da pesquisa tem por objetivo aprofundar um pouco mais nas questões sobre as temáticas: Protagonismo juvenil; aula diferenciada; tecnologias digitais utilizadas pelos docentes; normas escolares; e escola de tempo integral. Esse é um estudo acadêmico e seus resultados serão utilizados apenas para fins institucionais.

Idade:

E-

mail: _____

Tel: _____

Roteiro das questões:

1 - A sua escola é de tempo Integral (Jovem em ação que tem o diferencial, do Protagonismo juvenil), mas, vocês falaram pouco sobre isso. Por que esse protagonismo não aparece como algo que você consegue perceber? Vocês conseguem explicar melhor isso? Sentem-se protagonistas na escola?

2 - O que vocês estão chamando de aulas diferenciadas? Que tipo de aula é essa? É outra complementação que não seja disciplinas já trabalhadas? O que seria essa complementação?

3 - Vocês falam que o professor usa tecnologias digitais. Poderiam dizer quais e como eles as utilizam? Detalhe mais esse uso?

4 - Qual a sua concepção de escola de tempo integral? Vocês diriam que a escola de vocês corresponde ao que pensam sobre ensino de tempo integral? Podem explicar isso?

5 – Você, sendo protagonista, participa da elaboração das normas da escola? Em algumas questões sobre a organização e funcionamento da escola, alguns estudantes disseram que mudariam as regras. Por que essas regras incomodam tanto? O que mais incomodam nas regras? O que estão chamando de regras? Fale um pouco sobre isso

**Aceito participar desta pesquisa e autorizo que os dados da mesma sejam utilizados
para efeitos educacionais, acadêmicos e publicações.**

Obrigada por sua participação!

10 SEÇÃO III

10.1 Produto Final – E-book – Apresentado em Arquivo independente.